

3ª edição

# AGRONEGÓCIO EM NÚMEROS

MAPEANDO O PRODUTOR RURAL - ANTES, DENTRO E FORA DA PORTEIRA



# AGRONEGÓCIO EM NÚMEROS - 3ª EDIÇÃO

MAPEANDO O PRODUTOR RURAL - ANTES, DENTRO E FORA DA PORTEIRA

## COORDENAÇÃO GERAL

GILBERTO LUIZ DO AMARAL

## DIRETORES

CRISTIANO LISBOA YAZBEK

CARLOS ALBERTO PINTO NETO

## COORDENADOR TÉCNICO

FÁBIO FELIPE DÁQUILLA PRATES

## CIÊNCIA DE DADOS

BEATRIZ ANDRADE DO NASCIMENTO

## REVISÃO

ELÂINE CRISTINE DA SILVA FREITAS

LUÍS AUGUSTO CRISOSTOMO DE SOUSA

## DIAGRAMAÇÃO

RODRIGO MOSER DE SENA



## FONTES DE DADOS:

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX)

CENSO AGROPECUÁRIO

RECEITA FEDERAL DO BRASIL

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

EMPRESÔMETRO. AGRONEGÓCIO EM NÚMEROS. 3. ED. SÃO PAULO: EMPRESÔMETRO, 2025. DISPONÍVEL EM



# ESTUDO E PESQUISA DE RESPONSABILIDADE

O Empresômetro tem suas raízes no Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT), fundado em 1992 que possui a missão de traduzir a complexa realidade tributária brasileira em termos claros e acessíveis à sociedade. Daí em diante, o IBPT lançou uma série de projetos inovadores, como o “Citizen” e o “Impostômetro”. Em 2017, esse espírito pioneiro de inovação resultou no nascimento de uma spin-off: o Empresômetro. Consolidando toda a experiência em questões tributárias, transformamos esse conhecimento em estratégias empresariais eficazes.

## NOSSOS PROJETOS

### Impostômetro

Lançado em 2005 em parceria com a Associação Comercial de São Paulo, o Impostômetro registra em tempo real a arrecadação tributária da União, Estados e Municípios, utilizando dados de fontes oficiais como a Receita Federal e o IBGE.

### Citizen

Aplicativo gratuito criado pelo IBPT para controle de gastos e conscientização tributária, disponível para Android e iOS, permitindo que os usuários acompanhem seus gastos e a carga tributária incidente.

### Lupa

Projeto que monitora os preços das compras públicas em relação às privadas, fornecendo subsídios para que órgãos públicos tenham referências de preços de produtos e mercadorias, visando maior eficiência e economia nas aquisições governamentais.

### De olho no imposto

Este projeto auxilia empresas a cumprirem a Lei 12.741/2012, que exige a informação da carga tributária aproximada em notas fiscais de produtos e serviços, promovendo a transparência fiscal para os consumidores

# PREFÁCIO

O agronegócio brasileiro é protagonista na economia global, responsável por alimentar bilhões de pessoas e sustentar cadeias produtivas que vão muito além da porteira. Para compreender sua real dimensão, é fundamental enxergar não apenas o que acontece dentro das fazendas, mas também os impactos e conexões que o setor gera em toda a economia.

Nesta nova edição do Estudo Anual do Empresômetro, ampliamos a análise para oferecer uma visão estratégica do agronegócio **antes, dentro e fora da porteira**, trazendo dados exclusivos de 2024 e comparações com anos anteriores. O objetivo é mapear como produtores rurais, indústrias, atacados, varejos e serviços estão se relacionando e transformando o setor.

O estudo explora de forma inédita o perfil do produtor rural e sua interação com o mercado, além de evidenciar as movimentações econômicas ligadas à compra e venda de insumos, matérias-primas, máquinas, equipamentos e produtos finais. Com isso, buscamos revelar tendências, identificar riscos e apontar oportunidades que ajudem empresas e profissionais a planejar com mais precisão.

Para enriquecer ainda mais a compreensão, incluímos análises de especialistas e conteúdos de mídia que contextualizam as transformações do setor — do impacto de políticas comerciais internacionais às mudanças no comportamento do consumidor e na adoção de novas tecnologias.

Este material foi desenvolvido para empresários, executivos, gestores e profissionais do agro que desejam entender profundamente as engrenagens do setor e usar a informação como diferencial competitivo.

Convidamos você a explorar esses dados inéditos e refletir sobre como o agro brasileiro seguirá moldando o futuro econômico do país e do mundo.

**Gilberto Luiz do Amaral**

**Sócio Fundador e Head de Estudos**

# SUMÁRIO EXECUTIVO

# ÍNDICE

## Introdução X

## Capítulo 1 - O Agronegócio em Agregados X

1.1. PIB do Agronegócio (R\$ bilhões)	X
1.2. Valores Movimentados pelo Agronegócio	X
1.3. Quantidade de Produtores Rurais	X
1.4. Total de Empresas do Agronegócio	X
1.5. Empresas do Agronegócio por Porte	X
1.6. Empresas do Agronegócio por Região e Unidade Federativa	X
1.7. Produtor Rural Pessoa Física por Região e Unidade Federativa	X
1.8. Empresas do Agronegócio por Principal Ramo de Atividade CNAE	X
1.9. Valores Transacionados por Segmento	X
1.10. Valores Transacionados por Segmento Apenas Produtores Rurais	X
1.11. Valores Comercializados por Segmento - Apenas Produtores Rurais (R\$ bilhões)	X
1.12. Valores Transacionados por Posição da NCM	X
1.13. Valores Comercializados por Posição da NCM	X

## Capítulo 2 - Tributos do Agronegócio X

Arrecadação do governo	X
Setor Primário	X
Setor Secundário	X
Setor Terciário	X

## Capítulo 3 - A Logística do Agronegócio X

3.1. Quantitativo de CT-Es	X
3.2. Valores dos Fretes (Nacional)	X
3.3. Principais Rotas Rodoviárias de Transporte de Soja e Milho no Brasil	X
3.4. Custos Logísticos nas 10 Principais Rotas Rodoviárias de Soja e Milho no Brasil	X
3.5. Volume de Fretes por Produto	X
3.6. Determinantes do Preço do Frete	X
3.7. Projeção do Valor de Frete para 2º Semestre de 2025	X
3.7. Modais de Transporte no Agro	X
3.8. Recomendações Estratégicas para a Logística do Agronegócio	X



# INTRODUÇÃO

## O Agronegócio

Neste estudo, o Empresômetro inova, criando dados relevantes para um dos setores mais importantes da economia brasileira: o **Agronegócio**.

O Agronegócio vai além da Agropecuária. Engloba não somente as atividades agropecuárias (extração, cultivo e criação), tipicamente pertencentes ao setor primário, mas também as atividades da indústria e do setor de serviços que, em sua atividade principal, utilizam, transformam ou comercializam insumos agropecuários.

Dessa forma, diferentemente dos dados da agropecuária, produzidos pelos órgãos públicos, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse estudo se propõe a mensurar o impacto de toda a cadeia produtiva do agronegócio na economia brasileira.

## Produtor Rural

Outro conceito importante adotado nesse estudo é o de **produtor rural**. Ao contrário do agronegócio, que engloba toda a cadeia produtiva relacionada à agropecuária. O produtor rural é quem de fato extrai, cultiva ou cria produtos agropecuários, seja pessoa física, jurídica ou qualquer outra categoria equiparada a pessoa jurídica pela Receita Federal.

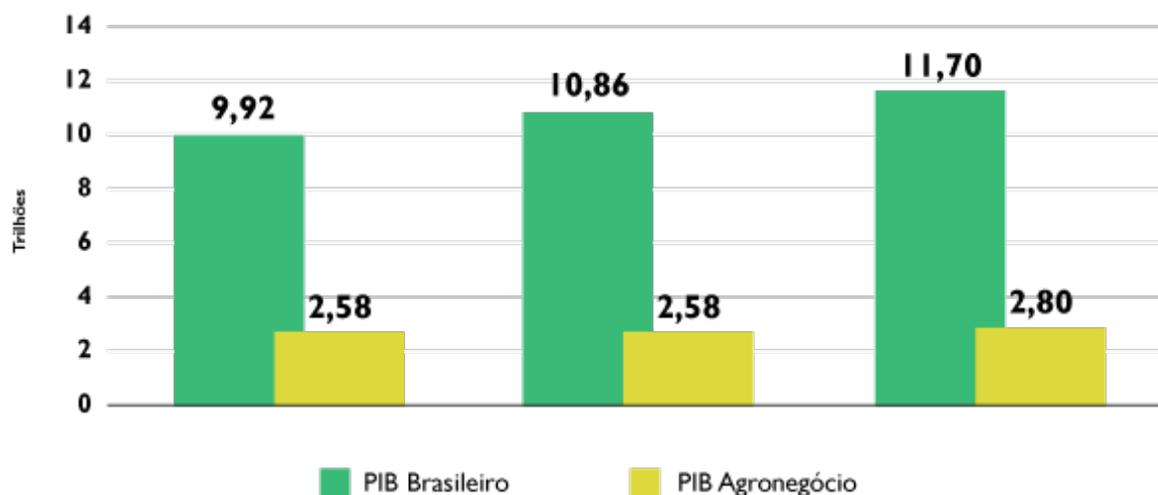
Os produtores rurais ainda são divididos em outras seções desse estudo em **produtores individuais** e **produtores pessoa jurídica e outros**.

Os **produtores individuais** são aqueles que realizam suas operações como pessoa física, ou seja, utilizando o seu CPF nas transações. Já a categoria "**pessoa jurídica e outros**" engloba tanto os produtores que negociam utilizando um CNPJ regular e ativo quanto outras categorias de produtores que são equiparados a empresa pela Receita Federal.

# CAPÍTULO I – O AGRONEGÓCIO EM AGREGADOS

## I.1. PIB DO AGRONEGÓCIO (R\$ BILHÕES)

Figura 1 - PIB do Brasil e do Agronegócio, 2022 a 2024 (R\$ Tri)



O PIB brasileiro apresentou crescimento real de 3,4% de 2023 para 2024, enquanto o agronegócio cresceu em torno de 4% no mesmo período. Adicionalmente, o agronegócio representou, em 2024, uma geração de valor equivalente a 23,9% do PIB.

Tabela 1 - PIB do Brasil, do Agronegócio e variações (valores em R\$ bilhões)

	2022	2023	2024	VARIAÇÃO NOMI-NAL% 23-24	VARIAÇÃO REAL % 23-24
PIB Brasil	9.915,3	10.856,1	11.702,4	7,8%	3,4%
PIB do Agronegócio	2.579,8	2.580,5	2.796,2	8,4%	4,0%
% do Agronegócio	26,0%	23,8%	23,9%		

Dessa forma, é visível o papel central do Agronegócio na economia brasileira, tanto em tamanho, representando cerca de um quarto da economia, quanto como um elemento propulsor do crescimento do país, dado que tem apresentado crescimento anual acima da média do país.

<sup>1</sup>Varição real calculada considerando um deflator implícito do PIB de 4,25% em 2024, em linha com os números do IBGE..

<sup>2</sup>Fonte: IBGE

## Valores Transacionados x Comercializados

Para aumentar a riqueza de informações, e subsidiar a análise do desempenho do agronegócio sobre diversas óticas, apresentamos dados tanto de **valores transacionados** quanto **comercializados**.

**Valores comercializados** referem-se aos valores decorrentes das operações de compra e venda das empresas, bem como pessoas físicas ligadas ao agronegócio.

**Valores transacionados**, por outro lado, são um conceito mais amplo, que abrange tanto as operações de compra e venda, como quaisquer outras operações onerosas realizadas pela empresa, como transferências, remessas, serviços de transporte, entre outros.

A riqueza analítica dos **valores comercializados** está em compreender o quanto a empresa efetivamente comprou e vendeu, a eficiência de sua operação, e seus indicadores relacionados, como margem bruta, markup, entre outros. É um valor útil para mensurar o desempenho de mercado dos setores e formular seus planejamentos.

Já os **valores transacionados** proporcionam uma visão completa da movimentação econômica das empresas, ideal para enxergar toda a cadeia de suprimentos envolvida, bem como as movimentações internas e logísticas dos setores.

## I.2. VALORES MOVIMENTADOS PELO AGRONEGÓCIO

### a) Valores Transacionados (R\$ bilhões)

**Tabela 2 - Valores Transacionados por todos os setores, agronegócio e produtor rural (R\$ bi)**

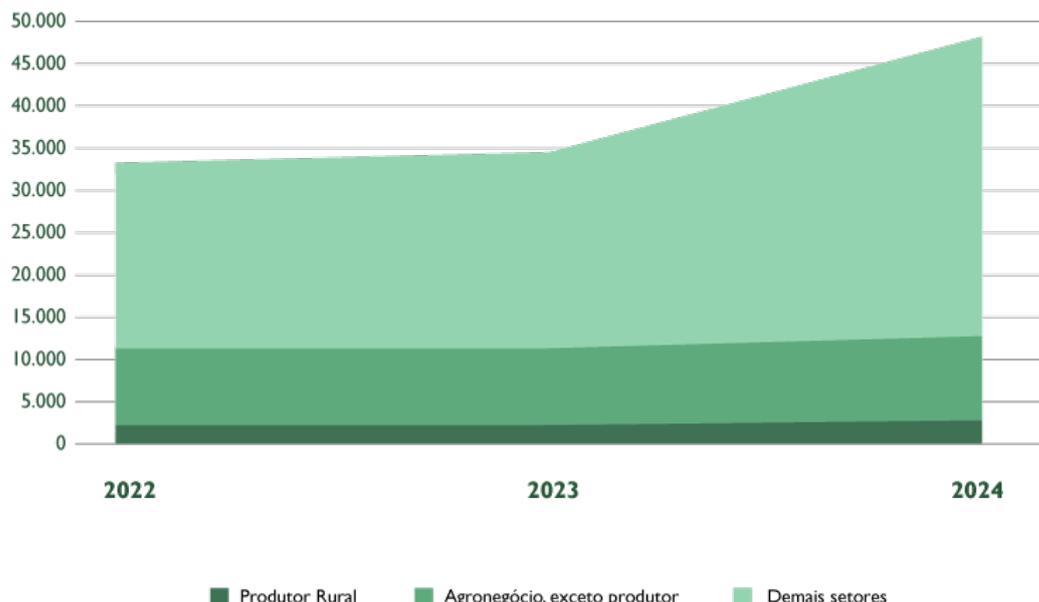
CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Todos os Setores	34.287,8	35.403,0	49.147,8	43,3%	38,8%
Agronegócio	11.297,4	11.536,9	12.313,4	9,0%	6,7%
% do total	33,0%	32,6%	25,1%	-	-
Produtor Rural	2.109,8	2.171,8	2.333,9	10,6%	7,5%
% do total	6,2%	6,1%	4,7%	-	-
% do agronegócio	18,7%	18,8%	19,0%	-	-

Os valores transacionados cresceram de R\$ 34,3 trilhões em 2022 para R\$ 49,1 trilhões em 2024, uma variação acumulada de 43,3% no período. Isso indica uma forte expansão no volume de movimentações econômicas registradas, seja por compras, vendas, transferências ou remessas. Este avanço, entretanto, foi impulsionado quase que integralmente pela forte expansão de 2024, quando houve alta de 38,8% em relação a 2023. Este salto sugere maior dinamismo econômico, possivelmente associado a recomposição de estoques, maior atividade logística ou retomada de investimentos.

### **Agronegócio: Crescimento Absoluto, Perda Relativa de Participação**

O agronegócio apresentou crescimento de 9,0% no período 2022-2024, atingindo R\$ 12,3 trilhões. Apesar do crescimento absoluto, sua participação no total caiu de 33,0% para 25,1%, evidenciando que outros setores cresceram em ritmo muito superior. Isso pode sinalizar diversificação da economia ou maior dinamismo em setores industriais e de serviços que puxaram o aumento geral das transações.

**Figura 2 - Valores Transacionados por todos os setores, agronegócio e produtor rural (R\$ bi)**



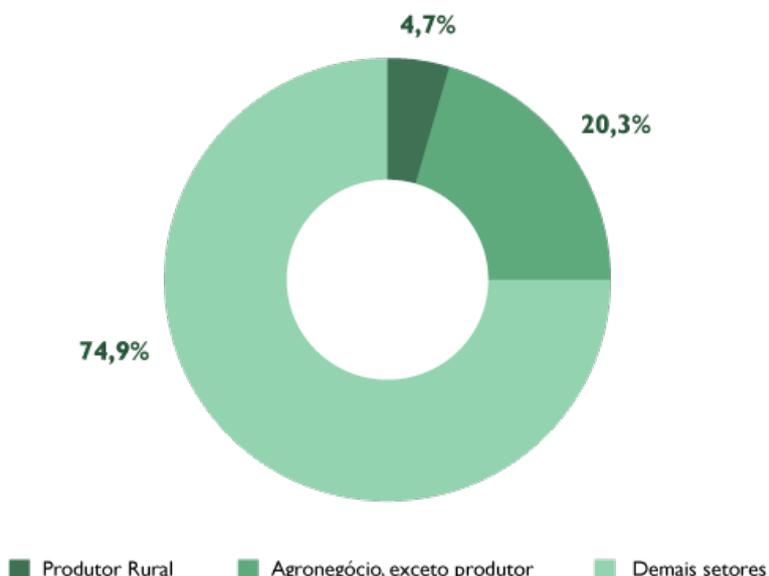
**Produtor Rural: Ganho de Relevância Dentro do Agronegócio**

Dentro do agronegócio, os produtores rurais tiveram expansão de 10,6% no período, com pequena elevação na participação relativa (de 18,7% para 19,0%). Ou seja, os produtores aumentaram ligeiramente sua representatividade no segmento, o que pode indicar mais produção própria ou mais operações registradas formalmente, reforçando a profissionalização e formalização do setor. Já na participação total, proporcionalmente houve redução, terminando 2024 em 4,7% (Figura 3).

A análise dos valores transacionados permite identificar que a economia como um todo está se movimentando mais, mas que o crescimento está concentrado em outros setores além do agronegócio. Para a gestão, isso é relevante porque mostra que há oportunidade de expansão fora do núcleo agrícola, e que a estratégia de logística, compras e vendas precisa acompanhar o maior volume de operações.

Para o agronegócio, o desafio é manter participação no bolo total – mesmo crescendo, o setor está perdendo espaço relativo. Já para o produtor rural, o sinal é positivo: maior peso dentro do agronegócio indica ganho de competitividade ou maior formalização das transações, o que pode facilitar acesso a crédito e políticas de apoio.

**Figura 3 - Participação relativa no valor transacionado (2024)**



## b) Valores Comercializados (R\$ bilhões)

Tabela 3 - Valores Comercializados (R\$ bi)

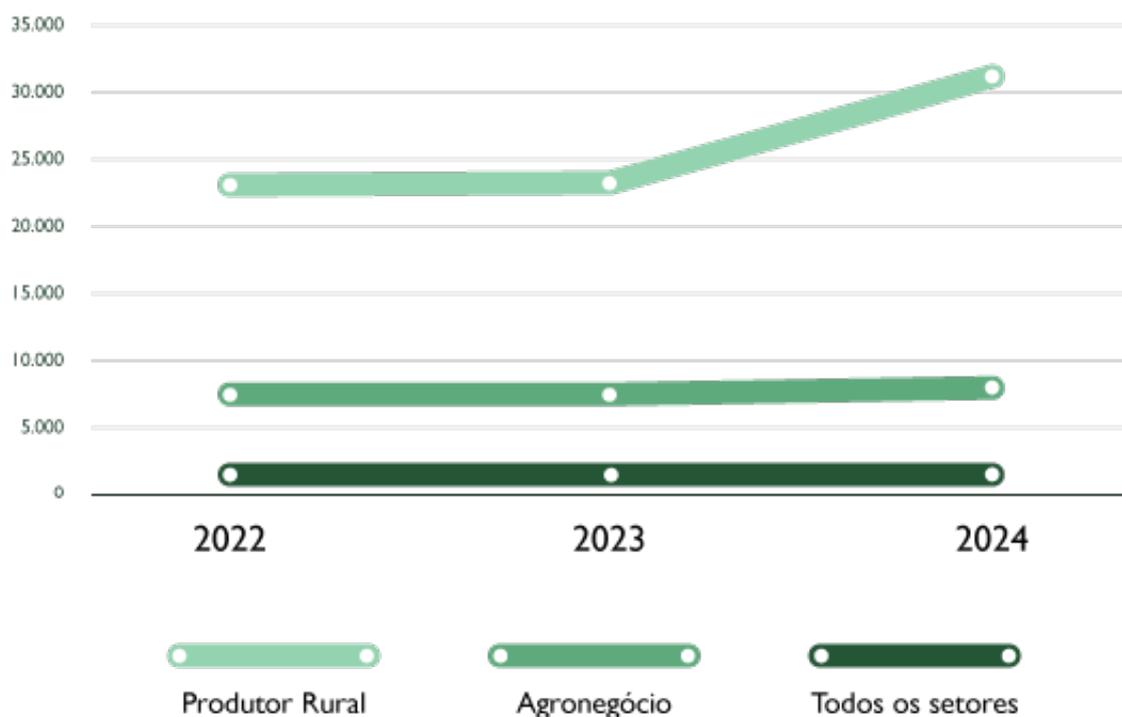
CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Todos os Setores	23.137,9	23.411,6	33.420,5	44,4%	42,8%
Agronegócio	7.400,2	7.563,2	8.075,0	9,1%	6,8%
% do total	32,0%	32,3%	24,2%	-	-
Produtor Rural	1.271,5	1.312,5	1.404,6	10,5%	7,0%
% do total	5,5%	5,6%	4,2%	-	-
% do agronegócio	17,2%	17,4%	17,4%	-	-

### Expansão Geral dos Valores Comercializados

Os valores comercializados, que refletem apenas compras e vendas (excluídas transferências, remessas e movimentações internas), cresceram de R\$ 23,1 trilhões em 2022 para R\$ 33,4 trilhões em 2024, um avanço expressivo de 44,4% no período. O dado mais relevante é que praticamente todo esse avanço ocorreu em 2024, com alta de 42,8% em relação a 2023, após um ano de estagnação. Isso sugere uma mudança expressiva na economia brasileira, possivelmente associada a fatores como:

- Recuperação de estoques e recomposição de cadeias de suprimento;
- Aumento da demanda agregada em setores específicos;
- Maior dinamismo de comércio exterior ou consumo doméstico;
- Políticas macroeconômicas que incentivaram liquidez e transações de mercado.

Figura 4 - Valores comercializados - Todos os setores, Agronegócio e Produtor rural (R\$ bi)



Esse comportamento reforça que 2024 se destacou como um ponto de inflexão comercial, elevando o patamar de valores negociados na economia.

## Desempenho do Agronegócio

O agronegócio apresentou crescimento de 9,1% no período 2022–2024, atingindo R\$ 8,1 trilhões em 2024. No entanto, sua participação no total caiu de 32,0% para 24,2%, evidenciando que, embora o agronegócio mantenha trajetória ascendente, o crescimento dos valores comercializados foi puxado por outros setores da economia, que ganharam participação relativa.

Quando se observa a evolução ano a ano, nota-se que em 2023 o agronegócio avançou 2,2% em relação a 2022, enquanto os demais setores praticamente não se moveram, registrando apenas 0,7% de crescimento. Esse movimento reforçou, naquele momento, a importância do agronegócio como motor de sustentação do mercado, demonstrando sua resiliência. Contudo, em 2024 a situação se inverteu: os demais setores tiveram um salto expressivo de 59,9%, ao passo que o agronegócio cresceu 6,8%, perdendo participação relativa de maneira significativa, conforme citado anteriormente.

Esse resultado pode ser interpretado sob duas óticas complementares. Por um lado, sinaliza que a economia brasileira vem passando por um processo de maior diversificação, reduzindo sua dependência estrutural do agronegócio e dando espaço para que indústria, serviços e outros segmentos assumam papel mais central no crescimento.

Por outro lado, também pode ser visto como um alerta ao setor agro, que, mesmo crescendo de forma contínua, precisa intensificar estratégias de inovação tecnológica, diferenciação de produtos, agregação de valor e maior integração com cadeias industriais e de serviços, de modo a preservar sua relevância dentro de uma economia que se torna mais dinâmica e heterogênea.

## Relevância do Produtor Rural

O produtor rural avançou 10,5% no mesmo período, mantendo participação estável dentro do agronegócio (17,2% para 17,4%), evidenciando que este elo cresceu em linha com o setor. Em termos de participação no total, no entanto, houve queda de 5,5% para 4,2%, também em linha com o movimento de perda de espaço do agronegócio no conjunto da economia.

Esse resultado sugere que o produtor rural manteve sua competitividade dentro do agronegócio, mas precisa avançar em eficiência produtiva, adoção de tecnologias de gestão e inserção em mercados diferenciados para não perder relevância no cenário macroeconômico. A redução de sua participação no total pode estar associada ao crescimento mais acelerado de setores como serviços, indústria de transformação e tecnologia, que vêm ganhando peso na economia nacional. Diante desse quadro, torna-se necessária uma maior articulação de políticas públicas voltadas à integração do produtor rural às cadeias globais de valor, especialmente por meio da digitalização, da adoção de práticas sustentáveis e da valorização da certificação de origem.

A análise dos valores comercializados é mais diretamente ligada ao desempenho de mercado do que a dos valores transacionados. O crescimento robusto de 2024 sinaliza um cenário favorável para estratégias de expansão de vendas, precificação e captação de demanda. Ao mesmo tempo, a redução da participação relativa do agronegócio indica uma diversificação econômica, o que pode representar oportunidades de investimento em outros setores. Para o produtor rural, o resultado mostra manutenção de competitividade dentro do agro, mas alerta para a necessidade de buscar ganhos de eficiência, inovação ou diversificação para manter relevância no mercado total.

### I.3. QUANTIDADE DE PRODUTORES RURAIS

**Tabela 4 - Quantidade de produtores rurais**

CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Total de Produtores	5.378.654	5.522.384	5.579.954	3,7%	1,0%
Individuais	3.828.058	3.916.486	3.961.767	3,5%	1,2%
% do total	71,2%	70,9%	71,0%	-	-
Jurídicas e Outras	1.550.596	1.605.898	1.618.187	4,4%	0,8%
% do total	28,8%	29,1%	29,0%	-	-
Agronegócio (exceto Produtores Rurais)	3.038.942	3.348.138	3.476.330	14,4%	3,8%
% do total	12,5%	13,4%	13,8%	-	-

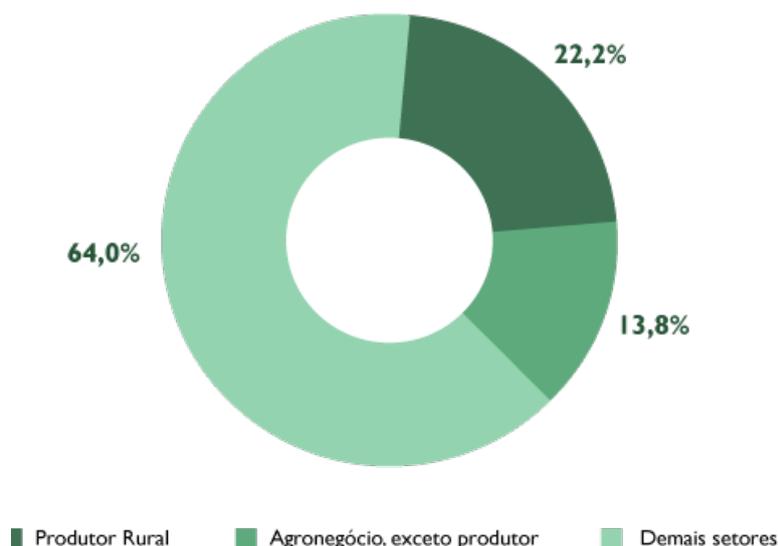
A análise da quantidade de produtores revela um cenário de crescimento consistente, mas com uma transformação subjacente na sua dinâmica. O número total de produtores rurais cresceu de 5,38 milhões em 2022 para 5,58 milhões em 2024, um avanço de 3,7% no período. O crescimento de 2023 para 2024 foi mais moderado, de apenas 1,0%, indicando uma tendência de estabilização no ritmo de aumento do número de produtores. Essa desaceleração não deve ser interpretada como uma estagnação, mas sim como uma transição de uma fase de rápida expansão para um estágio de maior maturidade no cadastro de novos produtores, com incrementos mais marginais nos últimos anos. Tal mudança de ritmo sugere que as estratégias de crescimento inercial, baseadas apenas na expansão do número de entrantes, podem não ser mais suficientes. O foco estratégico deve, portanto, migrar para a eficiência operacional, retenção de clientes e diferenciação competitiva.

Os produtores individuais (CPF) representam a maior parte da base, com cerca de 71% do total em todos os anos. Esse grupo apresentou crescimento de 3,5% no acumulado 2022-2024 e 1,2% entre 2023 e 2024, mantendo uma evolução levemente superior à do total de produtores. A estabilidade da participação (mantida em torno de 71%) mostra que o crescimento das pessoas físicas acompanha o ritmo geral do setor, sem ganhos ou perdas relevantes de representatividade, demonstrando resiliência em um período de crescimento moderado do mercado.

O grupo de pessoas jurídicas e equiparadas apresentou crescimento acumulado mais intenso (4,4% entre 2022 e 2024), embora tenha desacelerado entre 2023 e 2024 (0,8%). Sua participação ficou levemente acima de 29% em 2023 e 2024, sugerindo pequena elevação relativa. A comparação entre a dinâmica de crescimento das duas categorias é fundamental para a compreensão das forças que moldam o mercado, podendo indicar maior formalização ou entrada de novos agentes com estrutura empresarial no setor, o que pode refletir estratégias de profissionalização da produção e de aproveitamento de benefícios fiscais e de crédito rural disponíveis para pessoas jurídicas. Do ponto de vista gerencial, os dados sugerem que o setor de produtores rurais mantém uma estrutura dominada por indivíduos, mas com crescimento proporcionalmente um pouco mais acelerado das pessoas jurídicas, o que pode ser indício de maior capitalização e busca por escalabilidade produtiva.

Essa dinâmica sugere que a estrutura do mercado, embora predominantemente individual, não é estática. Em vez disso, é um sistema em equilíbrio dinâmico, onde pequenas variações nas taxas de crescimento se manifestam em ajustes na composição de mercado ao longo do tempo. Para políticas públicas e desenho de programas de incentivo, é importante considerar esse movimento, pois ele pode exigir soluções diferenciadas para pequenos produtores e para grupos empresariais, garantindo que ambos tenham acesso a crédito, assistência técnica e mercados consumidores.

**Figura 7 - Total de empresas 2024**



#### I.4. TOTAL DE EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO

Diferentemente do tópico anterior, em que isolamos o papel do setor primário dentro do Agronegócio, neste tópico expandimos para um conjunto mais amplo de negócios, ou seja, o total de Pessoas Jurídicas além do setor primário (ou seja, pertencentes os setores secundário e terciário) cuja principal atividade se concentra na transformação e comercialização de produtos oriundos da agropecuária. Esses valores são apresentados em contraste com o total de empresas operantes no país.

**Tabela 5 - Total de Empresas do Agronegócio**

CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Total de Empresas	24.284.126	25.050.284	25.133.310	3,5%	0,3%
Agronegócio (Total)	8.417.596	8.870.522	9.056.284	7,6%	2,1%
% do total	34,7%	35,4%	36,0%	-	-
Produtores Rurais	5.378.654	5.522.384	5.579.954	3,7%	1,0%
% do total	22,1%	22,0%	22,2%	-	-
Agronegócio (exceto Produtores Rurais)	3.038.942	3.348.138	3.476.330	14,4%	3,8%
% do total	12,5%	13,4%	13,8%	-	-

O número total de empresas no Brasil apresentou crescimento moderado no período, passando de **24,28 milhões em 2022 para 25,13 milhões em 2024**, um avanço acumulado de **3,5%**. O ritmo de crescimento, entretanto, desacelerou de 2023 para 2024, com alta de apenas **0,3%**, o que sugere uma estabilização da base empresarial após o período de forte expansão observado nos anos pós-pandemia.

Dentro desse universo, o **agronegócio** – somando produtores rurais e empresas do setor – teve desempenho mais dinâmico, crescendo 7,6% no período e ampliando sua participação no total de empresas de 34,7% para 36,0%. Esse avanço indica que **o agro tem sido um dos motores da expansão empresarial no país**, puxado especialmente pelo crescimento das pessoas jurídicas no agronegócio.

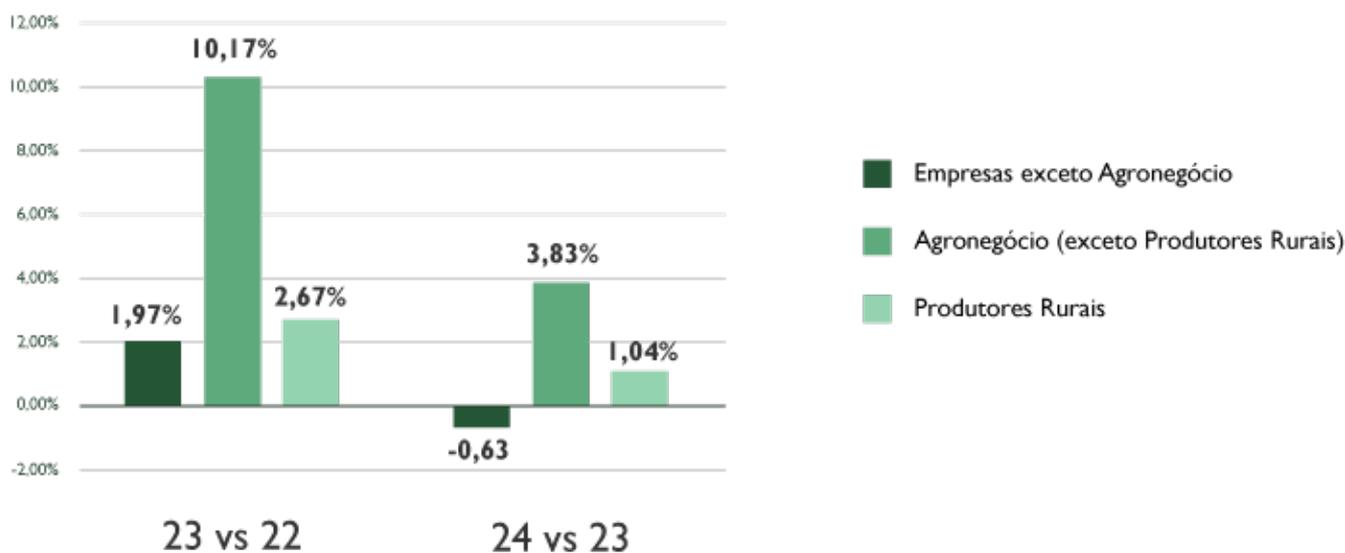
Esta categoria apresentou um forte crescimento total de 14,4% e uma taxa de expansão anual de dois dígitos no primeiro ano, superando em muito o crescimento de todos os outros segmentos, incluindo o de Produtores Rurais, que cresceu a um ritmo mais moderado. Essa dicotomia sugere uma transformação estrutural, onde as atividades de apoio,

processamento e distribuição do agronegócio (as "portas de dentro" e "portas de fora" da cadeia) estão se expandindo de forma muito mais acelerada do que o núcleo de produção primária. Essa categoria inclui indústrias, cooperativas, atacadistas, empresas de logística e serviços ligados ao setor, e seu crescimento reflete a **integração crescente das cadeias produtivas** e a busca por maior profissionalização e valor agregado no agro.

Os **produtores rurais**, que representam cerca de **22% do total de empresas do Brasil**, mantiveram crescimento mais estável, com avanço de **3,7%** no período. Esse resultado está alinhado com o que vimos em outras análises: o número de produtores cresce, mas em ritmo mais lento que o das empresas do agro como um todo, o que pode indicar que parte da expansão do setor está ocorrendo pela formalização de atividades nos elos secundário e terciário (indústria e serviços), mais do que pelo surgimento de novos estabelecimentos rurais.

Esse movimento sugere uma **transformação estrutural no agronegócio brasileiro**, com maior participação de empresas organizadas e diversificação de atividades. Para o governo, essa expansão representa uma base mais ampla de arrecadação, dado que as empresas dos elos industrial e de serviços têm maior incidência de tributos diretos e indiretos. Para o setor privado, reforça a importância de investir em tecnologia, logística e integração vertical, para capturar valor nas etapas de processamento e distribuição — áreas que vêm crescendo acima da média e se consolidando como motores do agro moderno.

**Figura 8 - Crescimento das empresas**



## 1.5. EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO POR PORTE

Neste tópico vamos focar as análises nas pessoas jurídicas que operam no Agronegócio, ou seja, no universo de **empresas formais** do agronegócio exceto os produtores rurais pessoa física, que serão analisados posteriormente.

Para tal, é necessário dividirmos as empresas por porte, segundo seu faturamento:

PORTE DA EMPRESA	FATURAMENTO BRUTO ANUAL
MEI - Microempreendedor Individual	até R\$ 81.000
Microempresa (ME)	até R\$ 360.000
Empresa de Pequeno Porte (EPP)	acima de R\$ 360.000 até R\$ 4,8 milhões
Média Empresa	acima de R\$ 4,8 milhões até R\$ 300 milhões (critério mais usado pelo BNDES)
Grande Empresa	acima de R\$ 300 milhões
Total	3.038.942

Seguindo essa subdivisão, apresentamos a seguir o quantitativo de empresas formais que exercem predominantemente em sua operação atividades ligadas ao agronegócio.

**Tabela 6 - quantitativo de empresas formais ligadas ao agronegócio**

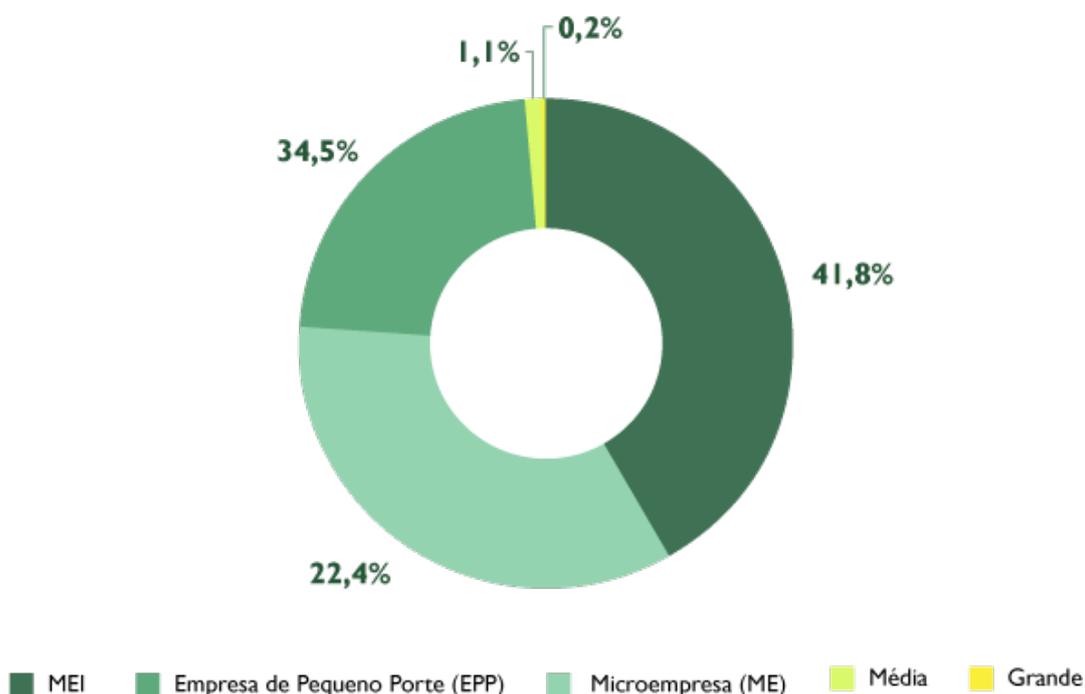
PORTE	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
MEI	1.243.627	1.415.546	1.453.926	16,9%	2,7%
Microempresa (ME)	690.032	749.616	777.877	12,8%	3,8%
Empresa de Pequeno Porte (EPP)	1.062.001	1.137.647	1.198.860	12,9%	5,4%
Média	36.006	37.932	38.133	5,9%	0,5%
Grande	7.276	7.397	7.534	3,5%	1,8%
Total	3.038.942	3.348.138	3.476.330	14,4%	3,8%

O universo de empresas ligadas ao agronegócio cresceu de forma consistente entre 2022 e 2024, passando de **3,04 milhões para 3,48 milhões de empresas (14,4% no período)**. Esse avanço foi impulsionado principalmente pelas categorias **MEI, Microempresa e EPP**, que juntas representam mais de **98% das empresas** e respondem por praticamente todo o aumento da base empresarial. No entanto, o ritmo anual caiu de 10,18% (2022-2023) para 3,8% (2023-2024). Essa queda abrupta no ritmo de expansão, que se manifesta em todos os portes de empresa, exceto nas de grande porte. Isso sugere que as condições de mercado para a abertura de novos negócios se tornaram mais desafiadoras em 2024.

O destaque fica para os **MEIs**, que passaram de **1,24 milhão em 2022 para 1,45 milhão em 2024**, um crescimento de **16,9%**. Essa categoria sozinha representa **41,8% de todas as pessoas jurídicas** no país, mostrando o papel central do micro empreendedorismo individual na formalização de pequenos negócios e prestação de serviços. O aumento expressivo pode ser associado às políticas de simplificação tributária e facilitação de registro, além de movimentos de formalização de trabalhadores autônomos.

As **Microempresas (ME)** e as **Empresas de Pequeno Porte (EPP)** também tiveram crescimento robusto, de **12,8%** e **12,9%** no período, respectivamente. Esse resultado demonstra que os **pequenos negócios são um importante motor do empreendedorismo brasileiro**.

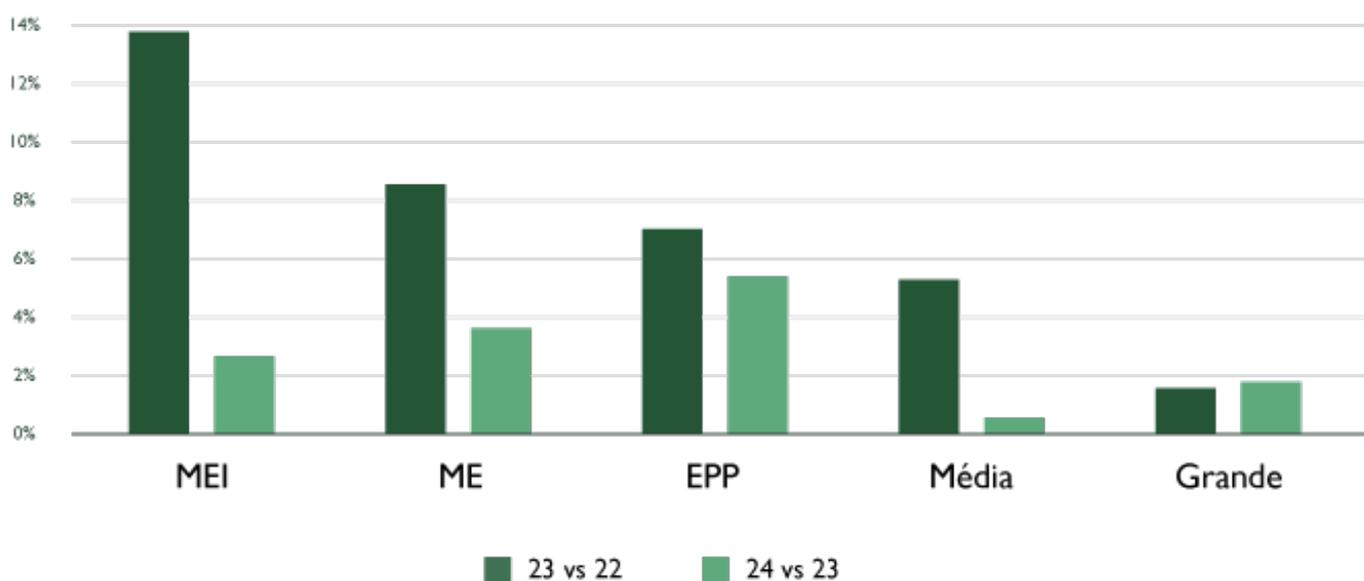
**Figura 9 - Empresas por porte 2024**



Por outro lado, as **médias** e **grandes empresas** tiveram evolução mais modesta — **5,9%** e **3,5%** no acumulado 2022–2024 — e continuam representando uma fatia muito pequena do universo empresarial (apenas **1,3%** do total). Embora pouco numerosas, essas empresas concentram grande parcela do PIB e da arrecadação, o que reforça a necessidade de políticas de incentivo à competitividade e inovação para esse segmento, pois seu impacto econômico é desproporcionalmente elevado em relação ao número de estabelecimentos.

A comparação das taxas de crescimento evidencia uma inversão de papéis ao longo do período analisado. Em 2022-2023, os Microempreendedores Individuais (MEIs) lideravam a expansão, mas, no ciclo seguinte, a dianteira passou às Empresas de Pequeno Porte (EPP), que se destacaram pela maior resiliência. Já as empresas de médio porte, que haviam mantido um ritmo de crescimento consistente no primeiro ano, praticamente estagnaram no segundo.

### Crescimento ano vs ano por porte



Essa dinâmica revela uma tendência estrutural: o mercado do agronegócio encontra-se em processo de pulverização, marcado pelo avanço da formalização e pela entrada de pequenos negócios, enquanto as empresas de maior porte enfrentam expansão mais lenta. A análise dos dados aponta, assim, para uma conclusão estratégica relevante: o setor não apenas cresce, mas também se transforma, transferindo gradualmente o protagonismo para os pequenos empreendimentos. Isso reflete tanto a diversificação da cadeia de valor quanto a consolidação de atividades antes informais. Contudo, a desaceleração geral sugere que a fase de “expansão fácil” pode ter se esgotado. O futuro dependerá da capacidade das empresas de se adaptarem a um ambiente de competição mais intensa e crescimento moderado.

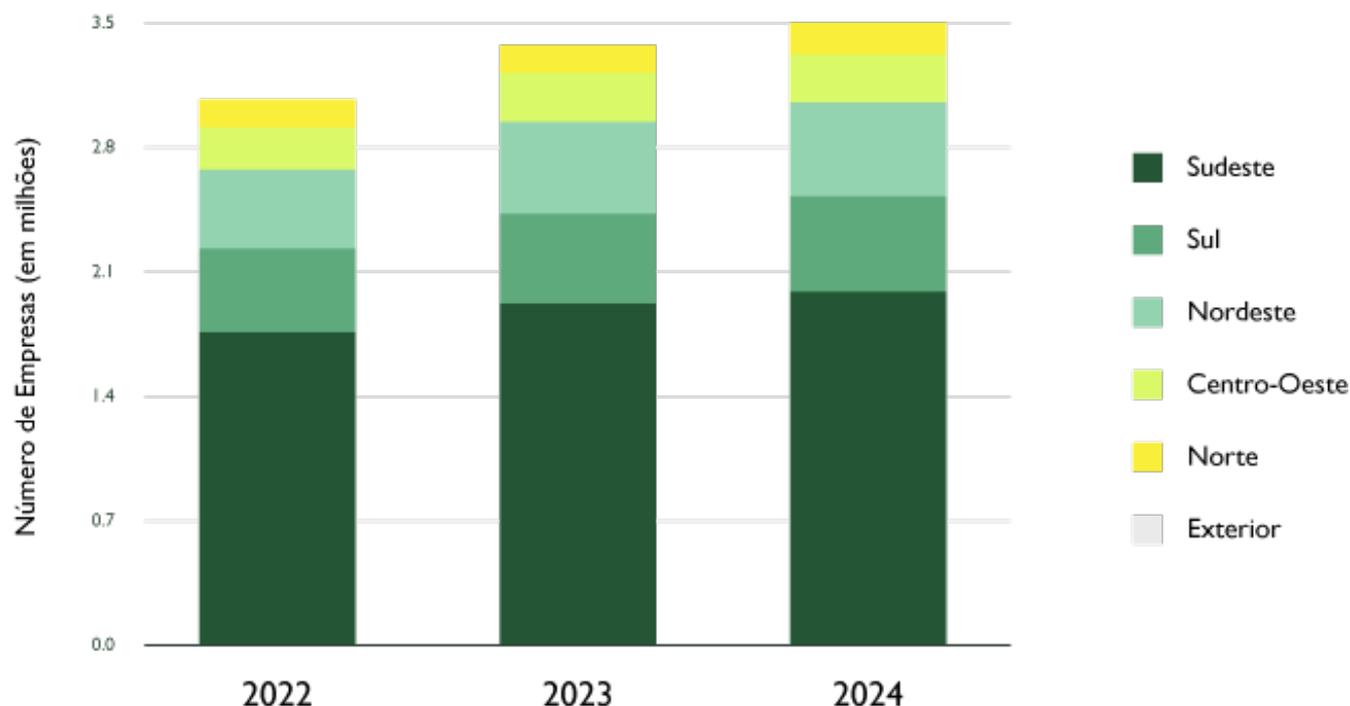
## 1.6. EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO POR REGIÃO E UNIDADE FEDERATIVA

**Tabela 7 - Empresas do Agronegócio por Região**

REGIÃO	2022	%	2023	%	2024	%	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Sudeste	1.756.521	57,8%	1.909.391	57,0%	1.975.582	56,8%	12,5%	3,5%
Sul	465.645	15,3%	503.554	15,0%	528.023	15,2%	13,4%	4,9%
Nordeste	444.460	14,6%	510.703	15,3%	528.518	15,2%	18,9%	3,5%
Centro-Oeste	242.210	8,0%	274.425	8,2%	284.566	8,2%	17,5%	3,7%
Norte	128.452	4,2%	148.131	4,4%	157.675	4,5%	22,7%	6,4%
Exterior	1.051	0,03%	1.936	0,06%	1.865	0,05%	77,5%	-3,7%
Total Geral	3.038.942	100%	3.348.138	100%	3.476.330	100%	14,4%	3,8%

A distribuição das empresas do agronegócio no Brasil apresenta uma **concentração marcante no Sudeste**, que sozinho responde por **56,8% do total em 2024** – mais de 1,97 milhão de empresas. Essa predominância se explica pela elevada participação do estado de São Paulo, que concentra quase 40% das empresas do agro no país, e pela força econômica de Minas Gerais, segunda maior base do setor. Essa região mantém sua participação estável ao longo dos anos, refletindo sua infraestrutura logística, mercado consumidor e densidade populacional, que favorecem a formalização e o crescimento do setor.

**Figura 10 - Empresas do Agronegócio por Região e Ano**



As regiões **Sul** e **Nordeste** aparecem praticamente empatadas em 2024, cada uma com pouco mais de **15% de participação** no total. O Sul se beneficia de uma agropecuária moderna e de alta produtividade, especialmente em cooperativas, produção de grãos, carnes e laticínios. O Nordeste, por sua vez, tem mostrado **crescimento expressivo (18,9% entre 2022 e 2024)**, impulsionado pela fruticultura irrigada, pela expansão da produção de grãos em áreas do Matopiba e pela maior formalização de empresas de apoio e serviços ligados ao agro.

O **Centro-Oeste** concentra apenas **8,2% das empresas**, mas sua relevância é estratégica, já que é a região com maior produção de grãos e carne do país. A quantidade de empresas vem crescendo de forma consistente (**17,5% entre 2022 e 2024**), acompanhando a expansão da fronteira agrícola, mas ainda há espaço para maior formalização e diversificação da base empresarial.

Já a **região Norte**, apesar de representar apenas **4,5% das empresas**, foi a que apresentou o **maior crescimento proporcional (22,7%)** no período. Esse resultado indica um avanço acelerado na formalização do setor, possivelmente ligado ao aumento da produção de grãos em áreas novas de cultivo, crescimento da pecuária e avanço da agroindústria de alimentos e biocombustíveis na região.

Com base nessas descobertas, algumas recomendações estratégicas podem ser apresentadas:

- Para Investidores e Analistas: É essencial reavaliar as projeções de crescimento do setor, considerando a transição para um crescimento mais moderado. O foco de investimento deve migrar para regiões com maior dinamismo, como a Região Norte, que demonstra um ritmo de expansão superior à média nacional.
- Para Empresas que Atendem o Agronegócio (B2B): As estratégias de vendas e marketing devem ser ajustadas para refletir a nova realidade regional. O investimento na expansão de operações para as regiões de fronteira agrícola, como o Norte, pode oferecer retornos mais elevados do que o foco exclusivo nas regiões tradicionais.
- Para Empreendedores: O cenário é favorável para a entrada de novos negócios de pequeno porte nas regiões de alto crescimento. A desaceleração geral do mercado, no entanto, exige um foco na diferenciação, especialização e na construção de valor a longo prazo para sustentar a competitividade em um ambiente cada vez mais disputado.

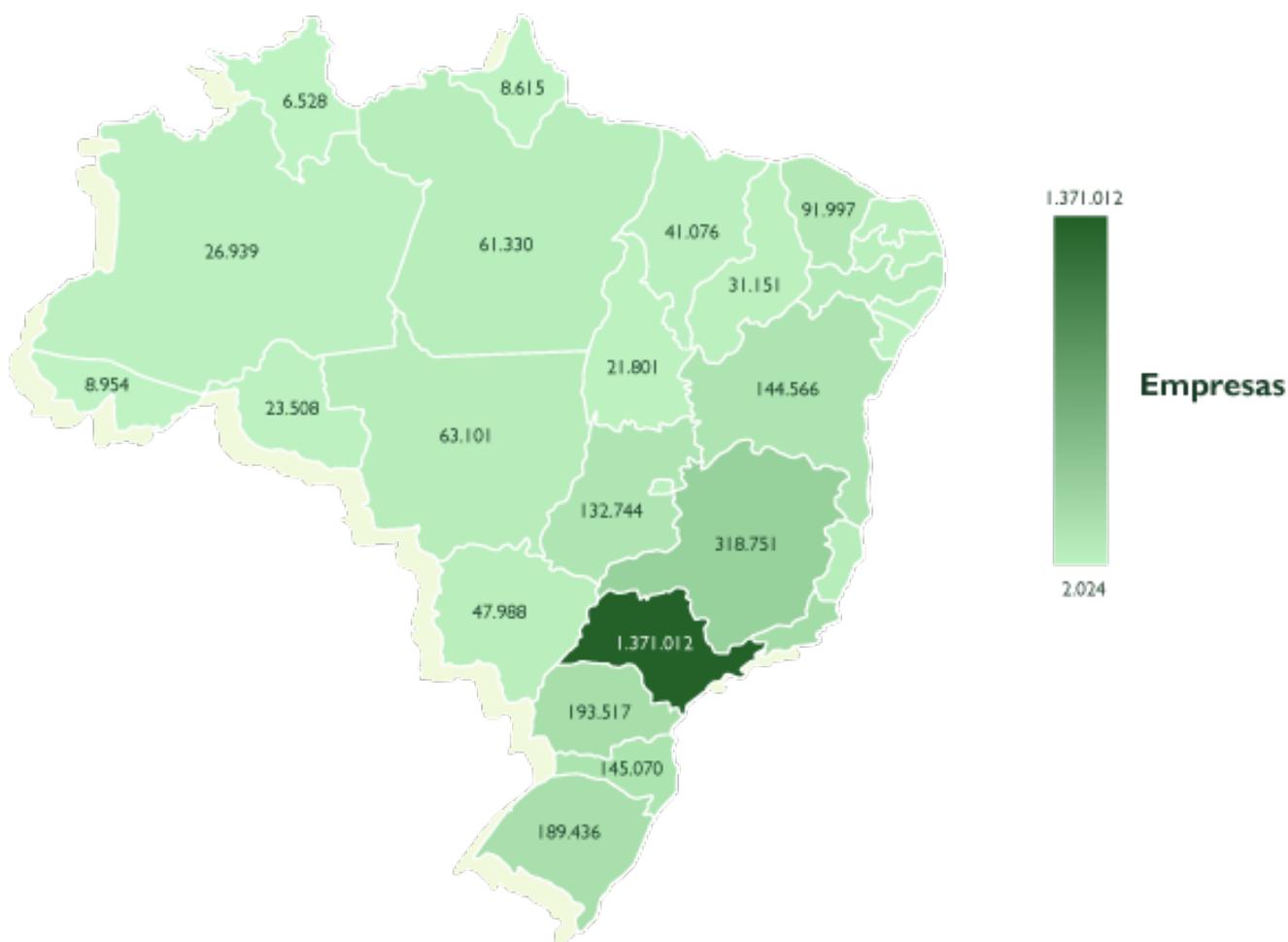
**Tabela 8 - Empresas do agronegócio por UF e Ano**

UF / ESTADO	2022	%	2023	%	2024	%	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
São Paulo	1.224.412	40,30%	1.335.629	39,90%	1.371.012	39,40%	12,00%	2,60%
Minas Gerais	280.185	9,20%	307.099	9,20%	318.751	9,20%	13,80%	3,80%
Rio de Janeiro	196.217	6,50%	205.195	6,10%	216.719	6,20%	10,40%	5,60%
Paraná	176.590	5,80%	188.345	5,60%	193.517	5,60%	9,60%	2,70%
Rio Grande do Sul	156.899	5,20%	177.767	5,30%	189.436	5,40%	20,80%	6,60%
Santa Catarina	132.156	4,30%	137.442	4,10%	145.070	4,20%	9,80%	5,50%
Bahia	130.420	4,30%	141.449	4,20%	144.566	4,20%	10,80%	2,20%
Goiás	108.639	3,60%	130.150	3,90%	132.744	3,80%	22,20%	2,00%
Ceará	78.064	2,60%	90.203	2,70%	91.997	2,60%	17,90%	2,00%
Pernambuco	76.664	2,50%	83.985	2,50%	85.123	2,40%	11,00%	1,40%
Espírito Santo	55.707	1,80%	61.468	1,80%	69.100	2,00%	24,10%	12,40%
Pará	56.416	1,90%	60.134	1,80%	61.330	1,80%	8,70%	2,00%
Mato Grosso	57.149	1,90%	61.388	1,80%	63.101	1,80%	10,40%	2,80%
Mato Grosso do Sul	40.434	1,30%	44.122	1,30%	47.988	1,40%	18,70%	8,80%
Distrito Federal	35.988	1,20%	38.765	1,20%	40.733	1,20%	13,20%	5,10%
Maranhão	34.497	1,10%	39.210	1,20%	41.076	1,20%	19,10%	4,80%
Paraíba	33.082	1,10%	37.989	1,10%	39.626	1,10%	19,80%	4,30%
Rio Grande do Norte	30.222	1,00%	36.198	1,10%	37.918	1,10%	25,40%	4,80%
Piauí	23.593	0,80%	30.152	0,90%	31.151	0,90%	32,00%	3,30%
Alagoas	22.828	0,80%	29.562	0,90%	33.771	1,00%	47,90%	14,20%
Amazonas	22.130	0,70%	25.826	0,80%	26.939	0,80%	21,70%	4,30%
Tocantins	17.828	0,60%	20.395	0,60%	21.801	0,60%	22,30%	6,90%
Rondônia	17.069	0,60%	21.089	0,60%	23.508	0,70%	37,70%	11,50%
Sergipe	15.693	0,50%	21.955	0,70%	23.391	0,70%	49,00%	6,50%
Acre	5.445	0,20%	7.799	0,20%	8.954	0,30%	64,40%	14,80%
Amapá	5.228	0,20%	7.467	0,20%	8.615	0,30%	64,70%	15,40%
Roraima	4.336	0,10%	5.421	0,20%	6.528	0,20%	50,60%	20,40%
Exterior	1.051	0,03%	1.936	0,06%	1.865	0,05%	77,50%	-3,70%
Total Geral	3.038.942	100%	3.348.138	100%	3.476.330	100%	14,40%	3,80%

A análise detalhada do quantitativo de empresas formais ligadas ao agronegócio por Unidade Federativa (UF) entre 2022 e 2024 apresentado na Tabela 8 revela um cenário de crescimento notavelmente heterogêneo. Embora a tendência geral de desaceleração se mantenha, com o ritmo de expansão do setor caindo de 10,2% para 3,8% no período, o desempenho por estado aponta para a emergência de novos polos de crescimento. A tradicional concentração do mercado em estados como São Paulo e Minas Gerais está sendo gradualmente redistribuída, com estados das regiões Norte e Nordeste demonstrando um crescimento percentual explosivo, superando em muito a média nacional. O crescimento mais recente e robusto, de 2023 a 2024, ocorreu em estados como Amapá (15,4%), Acre (14,8%), Roraima (20,4%) e Rondônia (6,5%), indicando que a fronteira de expansão do agronegócio formal está se movendo de forma acelerada para o norte do país.

Mesmo com esta tendência, a análise estadual revela uma **forte concentração em São Paulo**, que sozinho responde por quase **1,37 milhão de empresas do agronegócio**, mantendo-se como o maior polo empresarial do setor no país. Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul aparecem como os estados seguintes, formando o núcleo que concentra a maior parte das empresas do agro.

**Figura 11 - Empresas do agronegócio por UF em 2024**



Alguns estados apresentam **crescimento proporcionalmente mais acelerado**, chamando atenção para uma possível transformação local. É o caso de **Espírito Santo (+12,4% apenas em 2023–2024)**, que vem se consolidando como polo logístico e industrial para o agro, e dos estados do Norte e Nordeste com expansão muito acima da média, como **Acre (+64,4%), Amapá (+64,7%), Roraima (+50,6%) e Alagoas (+47,9%)** no acumulado 2022–2024. Esses resultados sugerem **avanço da formalização empresarial** e da penetração de atividades ligadas ao agro em regiões que historicamente tinham base menor.

Outro ponto de destaque é o crescimento expressivo de estados produtores como **Goiás (+22,2%) e Mato Grosso do Sul (+18,7%)**, reforçando a expansão da fronteira agrícola e da agroindústria local. Essa tendência pode indicar maior verticalização da produção e incremento de serviços de apoio e distribuição próximos às áreas de produção.

## Tabela 9 - Top 10 Crescimentos 2022-2024

RANKING	ESTADO	VARIAÇÃO 22-24
1	Amapá	64,7%
2	Acre	64,4%
3	Roraima	50,6%
4	Sergipe	49,0%
5	Alagoas	47,9%
6	Rondônia	37,7%
7	Piauí	32,0%
8	Rio Grande do Norte	25,4%
9	Espírito Santo	24,1%
10	Tocantins	22,3%
27	MA	41.076

Outros estados também mostraram um crescimento robusto e significativo. Por exemplo, Goiás, que detém uma participação de 3,8% no mercado, cresceu 22,2% no período total. Rio Grande do Sul e Santa Catarina, apesar de um crescimento mais moderado no segundo ano, também se destacam com variações totais acima da média.

Os dados apontam para uma conclusão estratégica fundamental: o agronegócio formal está se descentralizando de forma acelerada. O crescimento não está mais restrito aos estados produtores tradicionais, mas está sendo impulsionado pela formalização de negócios e pela diversificação de atividades em novas fronteiras. Isso cria oportunidades para investidores e empreendedores que buscam alto crescimento e estão dispostos a operar em mercados emergentes. No entanto, a tendência de desaceleração geral também indica que o sucesso futuro não virá apenas da expansão do volume, mas também da eficiência operacional, da inovação e da capacidade de adaptação.

Como esses dados são enviesados pelo tamanho da população, dado que as UFs possuem densidades populacionais diferentes, desenvolvemos a métrica de empresas do agro por 100 mil habitantes, para entender melhor o panorama do empreendedorismo no agronegócio. Os resultados são apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 10 – Empresas do agro por 100 mil habitantes**

RANKING	ESTADO	EMPRESAS (2024)	POPULAÇÃO (2024)	EMPRESAS POR 100 MIL HAB.
1	SP	1.371.012	44.400.000	3.087,9
2	SC	145.070	7.600.000	1.908,8
3	GO	132.744	7.400.000	1.793,8
4	ES	69.100	4.100.000	1.685,4
5	RS	189.436	11.300.000	1.676,4
6	PR	193.517	11.600.000	1.668,2
7	MT	63.101	3.800.000	1.660,6
8	MS	47.988	2.900.000	1.654,8
9	MG	318.751	21.600.000	1.475,7
10	TO	21.801	1.600.000	1.362,6
11	RO	23.508	1.800.000	1.306,0
12	DF	40.733	3.150.000	1.293,1
13	RJ	216.719	17.300.000	1.252,7
14	RN	37.918	3.600.000	1.053,3
15	AL	33.771	3.380.000	999,1
16	PB	39.626	4.000.000	990,6
17	CE	91.997	9.330.000	986,0
18	SE	23.391	2.400.000	974,6
19	BA	144.566	14.900.000	970,2
20	AC	8.954	930.000	962,8
21	AP	8.615	910.000	946,7
22	PI	31.151	3.300.000	944,0
23	RR	6.528	730.000	894,2
24	PE	85.123	9.800.000	868,6
25	PA	61.330	8.900.000	689,1
26	AM	26.939	3.990.000	675,2
27	MA	41.076	7.100.000	578,5

Embora métrica confirme **São Paulo** na liderança, temos algumas diferenças na análise ponderada pela população. Um ponto relevante é a ascensão de **Santa Catarina**, que mesmo ocupando apenas a 6ª posição em número absoluto de empresas, salta para a **2ª colocação per capita**, com quase **1.900 empresas por 100 mil habitantes**. Isso mostra uma economia extremamente diversificada, com forte presença de pequenos negócios.

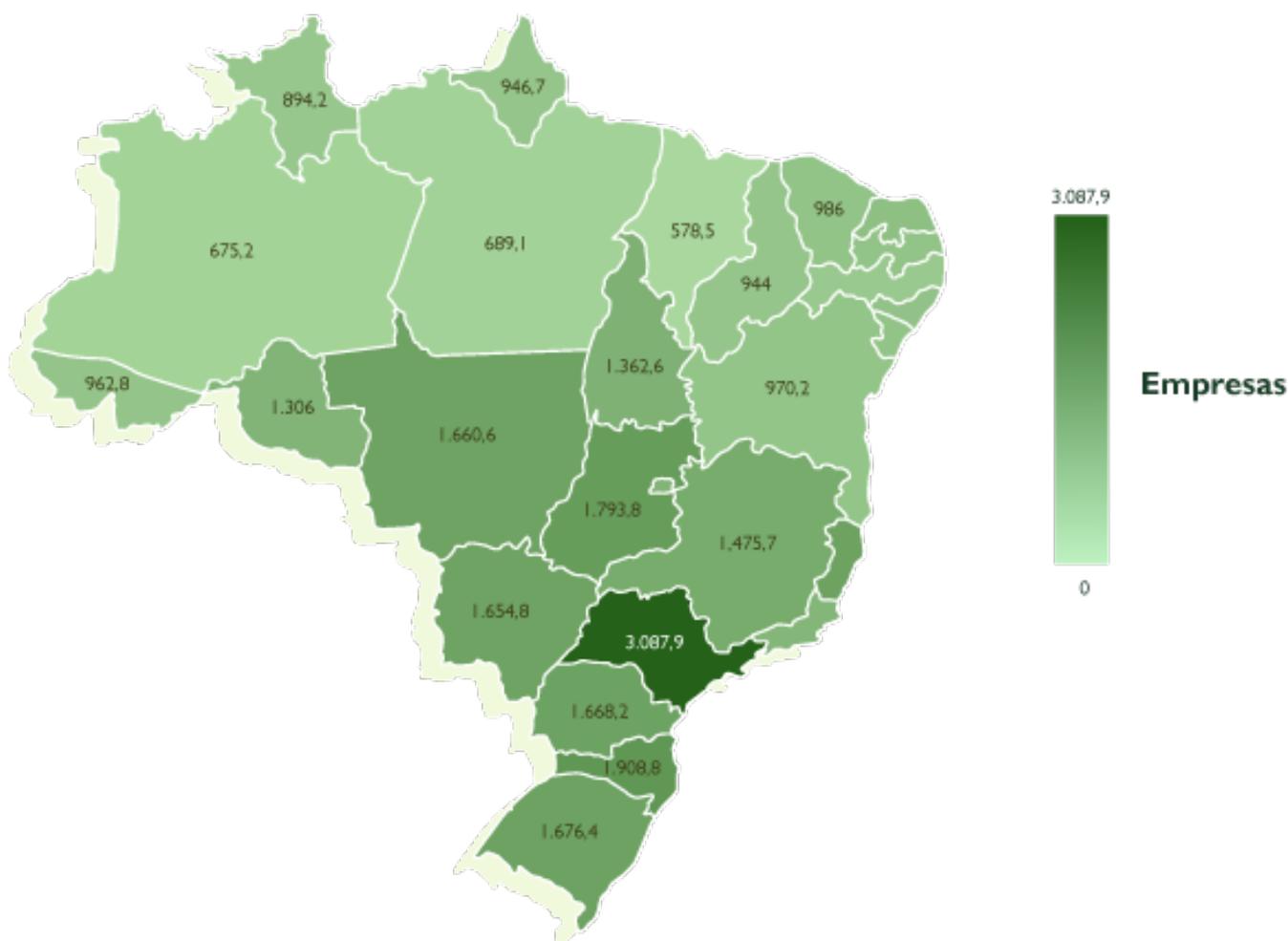
Estados do **Centro-Oeste** também se destacam quando analisados por habitante: **Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul** têm densidades superiores a 1.600 empresas por 100 mil habitantes, revelando que a estrutura empresarial acompanha a força produtiva da região, mesmo com população menor.

<sup>3</sup>Fonte: Projeções do IBGE para 2024 em comparação com o Censo de 2022.

Em contrapartida, **Maranhão, Amazonas e Pará**, que já tinham participação modesta em números absolutos, aparecem nas últimas posições per capita, mostrando **baixa densidade empresarial** e espaço para o aumento da formalização do empreendedorismo.

Cabe ainda um contraponto entre crescimento e concentração: as regiões que apresentaram o maior crescimento percentual nas análises anteriores, como Amapá, Acre e Roraima, aparecem na parte inferior deste ranking. Isso demonstra um contraste importante: embora estejam em uma fase de crescimento e de formalização, a base de empresas por habitante ainda é muito menor do que nos estados mais consolidados. A alta taxa de crescimento parte de uma base inicial muito baixa, e a métrica de concentração por habitante evidencia essa diferença.

**Figura 12 - Empresas do agro por 100 mil habitantes**



A métrica de empresas por 100 mil habitantes muda a perspectiva da análise, permitindo uma compreensão da densidade e da penetração do setor na sociedade de cada estado. Enquanto o crescimento absoluto e percentual mostra a expansão do mercado, a métrica per capita revela onde a formalização e o empreendedorismo no agronegócio já são uma parte intrínseca do tecido econômico e social. Ela complementa as análises de volume e crescimento, fornecendo uma visão mais completa e matizada do mercado.

Esta análise pode ser ainda mais aprofundada e detalhada a depender da necessidade. A concentração de empresas por habitante pode estar diretamente relacionada aos tipos de culturas e atividades agrícolas predominantes. Por exemplo, estados como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, que se destacam no ranking, são líderes na produção de soja, que foi a cultura agrícola de maior valor de produção em 13 estados em 2024. A cana-de-açúcar é uma importante cultura em São Paulo, Alagoas e Paraíba, enquanto o café lidera em Minas Gerais e Espírito Santo. A pecuária também teve um ano de recordes em 2024, o que pode influenciar os dados em estados com forte tradição pecuarista como o

Centro-Oeste. Ou ainda: a análise do Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio por estado pode mostrar se a alta densidade de empresas se traduz em um alto valor de produção. A região do Centro-Oeste, por exemplo, foi a mais lucrativa do país para o setor em 2023.

## I.7. PRODUTOR RURAL PESSOA FÍSICA POR REGIÃO E UNIDADE FEDERATIVA

Seguindo a análise dos quantitativos e da distribuição no território nacional dos produtores, neste tópico são postos em destaque os quantitativos de produtores rurais pessoa física. Vamos inicialmente à análise por região:

**Tabela 11 - Produtores rurais por Região**

REGIÃO	2022	%	2023	%	2024	%	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Nordeste	1.750.223	45,7%	1.802.012	46,0%	1.819.755	45,9%	4,0%	1,0%
Sudeste	749.206	19,6%	748.781	19,1%	756.528	19,1%	1,0%	1,0%
Sul	637.969	16,7%	644.227	16,4%	652.933	16,5%	2,3%	1,4%
Norte	423.793	11,1%	451.274	11,5%	456.365	11,5%	7,7%	1,1%
Centro-Oeste	266.868	7,0%	270.192	6,9%	276.186	7,0%	3,5%	2,2%
Total Geral	3.828.058	100%	3.916.486	100%	3.961.767	100%	3,5%	1,2%

A estrutura de produtores rurais individuais no Brasil é fortemente concentrada no **Nordeste**, que responde por **45,9% do total em 2024** – praticamente a metade de todos os registros do país. Essa concentração reflete a importância da agricultura familiar e das pequenas propriedades na região, especialmente para culturas como milho, feijão, mandioca e para atividades pecuárias de subsistência. O crescimento de **4% entre 2022 e 2024** mostra que, mesmo em um cenário de mecanização e concentração fundiária em algumas áreas, o Nordeste mantém sua base produtiva pulverizada e ativa. No entanto, é crucial notar que a região também se destaca no agronegócio de larga escala, impulsionada por cultivos como o algodão, em cidades como São Desidério (BA), e a soja, no Piauí e Maranhão.

O **Norte** foi a região com o crescimento mais acelerado, registrando um avanço de **7,7% no período**. Esse desempenho está alinhado à expansão da fronteira agrícola, principalmente no Pará, Tocantins e Rondônia, e à formalização de pequenos produtores na região. A economia da região é uma mistura de extrativismo e agropecuária, com a produção de culturas como a mandioca no Amazonas e Acre, e açaí no Amapá. Esse aumento é estratégico, pois indica maior integração da produção local às cadeias formais de comercialização, o que pode gerar ganhos de produtividade e facilitar o acesso a crédito rural.

As regiões **Sul e Sudeste**, que somadas concentram cerca de **35% dos produtores**, mantêm estabilidade relativa, com crescimento próximo de **1% ao ano**. Esses números sugerem que a base produtiva dessas regiões já está mais consolidada, com menor margem de incremento no número de produtores, mas possivelmente com maior nível de tecnologia e maior participação na produção de commodities de alto valor agregado, como soja, milho e leite.

O **Centro-Oeste**, embora tenha apenas **7% dos produtores individuais**, apresenta crescimento de **3,5% no período**, o que é significativo para uma região onde predomina o agronegócio em larga escala. Esse movimento pode indicar aumento da formalização de pequenos produtores, maior uso de programas de regularização e incentivo, ou surgimento de novas unidades produtivas familiares em áreas de expansão agrícola.

<sup>4</sup> <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/mapa-divulga-os-100-municipios-mais-ricos-do-agronegocio-em-2023/os-100-municipios.pdf>

**Tabela 12 - Produtores rurais por UF**

UF / ESTADO	2022	%	2023	%	2024	%	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Bahia	595.802	15,6%	608.907	15,6%	610.153	15,4%	2,4%	0,2%
Minas Gerais	448.985	11,7%	449.867	11,5%	451.562	11,4%	0,6%	0,4%
Pará	192.338	5,0%	197.754	5,1%	199.392	5,0%	3,7%	0,8%
Rio Grande do Sul	269.821	7,0%	272.059	7,0%	275.575	7,0%	2,1%	1,3%
Ceará	297.445	7,8%	302.799	7,7%	306.160	7,7%	2,9%	1,1%
Paraná	225.648	5,9%	227.848	5,8%	230.947	5,8%	2,3%	1,4%
Pernambuco	207.582	5,4%	211.731	5,4%	214.345	5,4%	3,3%	1,2%
Maranhão	177.167	4,6%	185.796	4,7%	189.326	4,8%	6,9%	1,9%
Piauí	171.171	4,5%	178.874	4,6%	181.082	4,6%	5,8%	1,2%
São Paulo	166.159	4,3%	164.933	4,2%	168.156	4,2%	1,2%	2,0%
Santa Catarina	142.499	3,7%	144.319	3,7%	146.411	3,7%	2,7%	1,4%
Paraíba	124.397	3,3%	128.015	3,3%	130.421	3,3%	4,8%	1,9%
Goiás	120.536	3,1%	121.903	3,1%	125.024	3,2%	3,7%	2,6%
Alagoas	68.098	1,8%	70.200	1,8%	71.067	1,8%	4,4%	1,2%
Rondônia	74.386	1,9%	77.005	2,0%	77.955	2,0%	4,8%	1,2%
Espírito Santo	85.988	2,3%	86.107	2,2%	87.820	2,2%	2,1%	2,0%
Mato Grosso	89.360	2,3%	90.502	2,3%	91.860	2,3%	2,8%	1,5%
Amazonas	55.138	1,4%	61.870	1,6%	62.695	1,6%	13,7%	1,3%
Mato Grosso do Sul	52.941	1,4%	53.777	1,4%	55.155	1,4%	4,2%	2,6%
Tocantins	50.542	1,3%	58.983	1,5%	59.732	1,5%	18,2%	1,3%
Rio de Janeiro	48.074	1,3%	47.874	1,2%	48.990	1,2%	1,9%	2,3%
Sergipe	63.792	1,7%	68.385	1,8%	69.296	1,7%	8,6%	1,3%
Rio Grande do Norte	44.769	1,2%	47.305	1,2%	47.905	1,2%	7,0%	1,3%
Acre	30.826	0,8%	33.900	0,9%	34.537	0,9%	12,0%	1,9%
Distrito Federal	4.031	0,1%	4.010	0,1%	4.148	0,1%	2,9%	3,4%
Roraima	13.654	0,4%	14.286	0,4%	14.490	0,4%	6,1%	1,4%
Amapá	6.861	0,2%	7.476	0,2%	7.564	0,2%	10,2%	1,2%
Total Geral	3.828.058	100%	3.916.486	100%	3.961.767	100%	3,5%	1,2%

Quando se observa o ranking por estados de produtores rurais individuais, fica evidente que a configuração é muito diferente daquela vista para empresas do agronegócio. A análise por estado revela que, enquanto os líderes em volume mantêm uma presença sólida, a verdadeira dinâmica de expansão se manifesta em outras áreas.

Estados como **Bahia, Ceará, Pernambuco e Maranhão** aparecem entre os líderes no número de produtores, enquanto no ranking de pessoas jurídicas sua participação é bem menor. Isso indica que, nessas regiões, o agro ainda é majoritariamente conduzido por pessoas físicas, possivelmente em propriedades familiares ou de menor escala, o que sugere maior dependência de políticas de apoio, assistência técnica e crédito rural subsidiado.

Outro ponto relevante é o papel de estados como **Tocantins, Acre e Amazonas**, que se destacam pelo crescimento acelerado de produtores formais, concentrado no ano de 2023, mas não figuram entre os maiores em número de empresas. Isso mostra que o avanço da produção e da formalização nessas regiões ainda ocorre predominantemente na esfera da pessoa física, o que pode estar ligado a custos de formalização, nível de renda e estrutura fundiária fragmentada.

Já estados como **São Paulo, Minas Gerais e Paraná**, que lideram em número absoluto de empresas, aparecem mais modestos na lista de produtores individuais. Isso sugere um grau de formalização mais elevado e maior uso de pessoa jurídica para operações do agro nessas localidades. A exceção é Minas Gerais, que aparece bem posicionada em ambos os rankings, indicando uma economia rural diversificada, combinando tanto produtores individuais quanto empresas.

**Tabela 13 - Top 10 Crescimentos 2022-2024**

RANKING	ESTADO	PRODUTORES 2022	PRODUTORES 2024	VARIAÇÃO 22-24
1	Tocantins	50.542	59.732	+18,2%
2	Amazonas	55.138	62.695	+13,7%
3	Acre	30.826	34.537	+12,0%
4	Amapá	6.861	7.564	+10,2%
5	Sergipe	63.792	69.296	+8,6%
6	Maranhão	177.167	189.326	+6,9%
7	Rio Grande do Norte	44.769	47.905	+7,0%
8	Roraima	13.654	14.490	+6,1%
9	Piauí	171.171	181.082	+5,8%
10	Paraíba	124.397	130.421	+4,8%

Um ponto de atenção é a desaceleração geral do crescimento. A maioria dos estados viu sua taxa de crescimento anual cair significativamente em 2024. No entanto, alguns estados contrariam a tendência de desaceleração. São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo no Sudeste e Mato Grosso do Sul no Centro-Oeste apresentaram uma aceleração em suas taxas de crescimento no segundo período. Isso indica um dinamismo renovado em mercados consolidados.

Seguindo a análise, mostramos na Tabela 14 a seguir a mesma métrica de densidade por 100 mil habitantes, referente a produtores rurais individuais:

**Tabela 14 – Produtores por 100 mil habitantes**

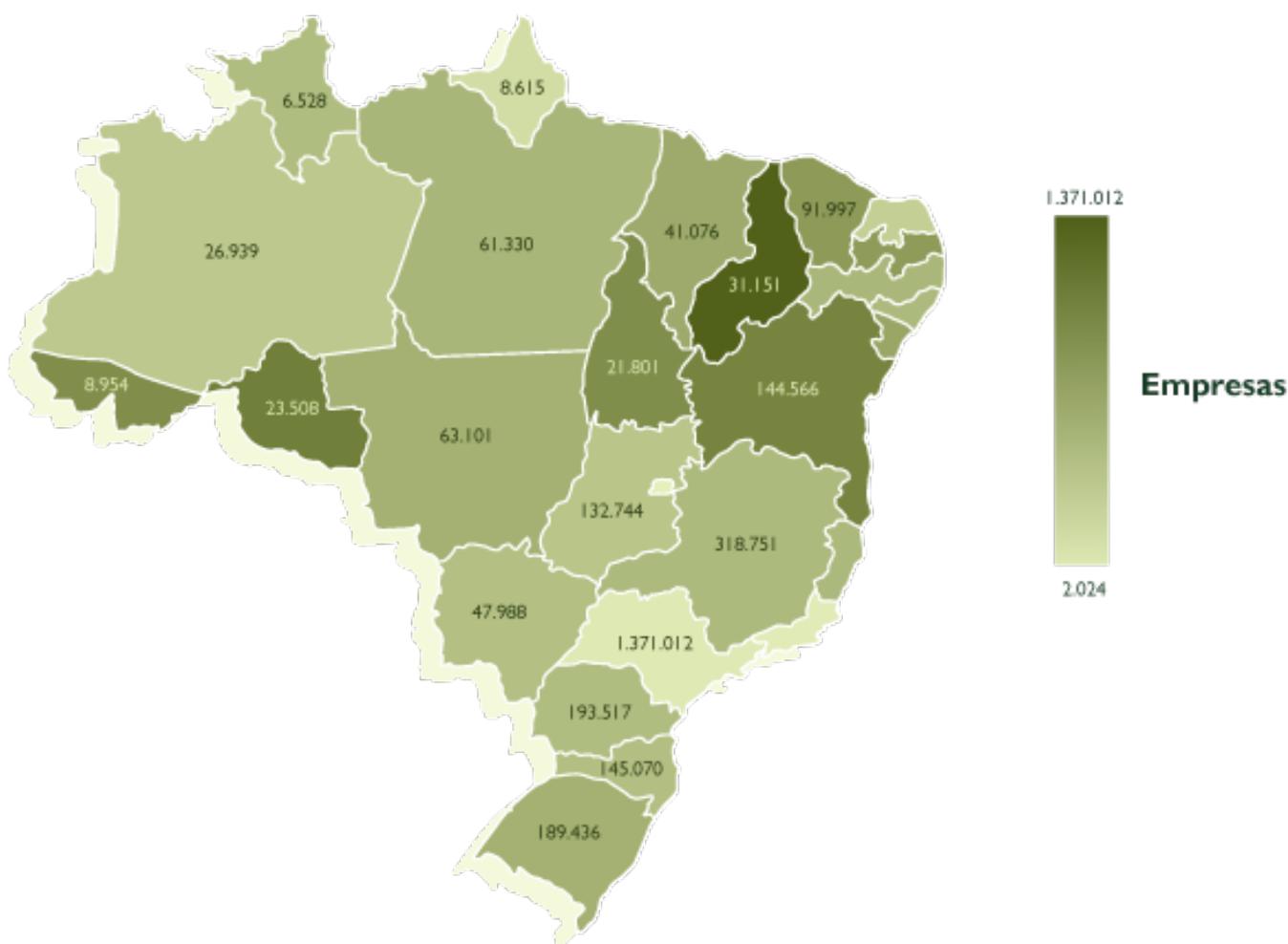
RANKING	ESTADO	PRODUTORES 2024	POPULAÇÃO 2024	PRODUTORES POR 100 MIL HAB.
1	Piauí (PI)	181.082	3.300.000	5.487,3
2	Rondônia (RO)	77.955	1.800.000	4.330,8
3	Bahia (BA)	610.153	14.900.000	4.095,0
4	Tocantins (TO)	59.732	1.600.000	3.733,2
5	Acre (AC)	34.537	930.000	3.713,7
6	Ceará (CE)	306.160	9.330.000	3.281,5
7	Paraíba (PB)	130.421	4.000.000	3.260,5
8	Sergipe (SE)	69.296	2.400.000	2.887,3
9	Maranhão (MA)	189.326	7.100.000	2.666,6
10	Rio Grande do Sul (RS)	275.575	11.300.000	2.438,7
11	Mato Grosso (MT)	91.860	3.800.000	2.417,4
12	Pará (PA)	199.392	8.900.000	2.240,4
13	Pernambuco (PE)	214.345	9.800.000	2.187,2
14	Espírito Santo (ES)	87.820	4.100.000	2.142,0
15	Alagoas (AL)	71.067	3.380.000	2.102,6
16	Minas Gerais (MG)	451.562	21.600.000	2.090,6
17	Paraná (PR)	230.947	11.600.000	1.990,9
18	Roraima (RR)	14.490	730.000	1.984,9
19	Santa Catarina (SC)	146.411	7.600.000	1.926,5
20	Mato Grosso do Sul (MS)	55.155	2.900.000	1.901,9
21	Goiás (GO)	125.024	7.400.000	1.689,5
22	Amazonas (AM)	62.695	3.990.000	1.571,3
23	Rio Grande do Norte (RN)	47.905	3.600.000	1.330,7
24	Amapá (AP)	7.564	910.000	831,2
25	São Paulo (SP)	168.156	44.400.000	378,7
26	Rio de Janeiro (RJ)	48.990	17.300.000	283,2
27	Distrito Federal (DF)	4.148	3.150.000	131,7

A análise per capita altera de forma relevante a hierarquia dos estados, eliminando o viés do tamanho da população e revelando onde a agricultura é mais central para a economia local. Estados que já apareciam como destaques em valores absolutos, como **Bahia** e **Ceará**, mantêm posição de destaque, mas perdem liderança para estados com população menor e alta dependência da agricultura, como **Piauí** e **Rondônia**, que passam a ocupar as primeiras posições do ranking. O Piauí, por exemplo, salta para a liderança com **5.487 produtores a cada 100 mil habitantes**, evidenciando a relevância da agricultura familiar como eixo central da economia estadual.

Outra mudança importante é a presença de **Tocantins e Acre**, que no ranking absoluto ocupam posições intermediárias, mas se destacam fortemente na análise per capita, superando inclusive estados mais populosos e tradicionais na produção agropecuária, como Paraná e Minas Gerais. Isso reforça que, em regiões de menor densidade demográfica, a agricultura é proporcionalmente mais representativa na composição da força de trabalho e da economia.

No extremo oposto, **São Paulo e Rio de Janeiro**, que aparecem entre os dez maiores em números absolutos de produtores, caem para as últimas posições quando analisados por habitante, refletindo a predominância de operações empresariais, maior urbanização e uso intensivo de pessoa jurídica para formalização no agro. **Distrito Federal** também ocupa a última posição, o que é esperado dada sua característica essencialmente urbana.

**Figura 13 – Produtores rurais por 100 mil habitantes**



A combinação de alto crescimento com alta densidade de produtores per capita em estados como Piauí, Rondônia e Tocantins sugere que o avanço da formalização e da atividade rural nessas áreas não é apenas um fenômeno de volume, mas um reflexo da importância intrínseca do setor para o tecido social e econômico. Em contrapartida, a aceleração do crescimento em estados mais maduros, como São Paulo e Mato Grosso do Sul, aponta para uma dinâmica de mercados consolidados que estão encontrando novas formas de expandir sua base de produtores.

## I.8. EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO POR PRINCIPAL RAMO DE ATIVIDADE CNAE

**Tabela 15 - Empresas do agronegócio por CNAE**

CNAE	DESCRIÇÃO	2022	%	2023	%	2024	%
47.23-7/00	Comércio varejista de bebidas	292.433	9,62%	280.416	8,38%	283.890	8,17%
47.29-6/99	Comércio varejista de produtos alimentícios em geral...	185.392	6,10%	187.458	5,60%	193.521	5,57%
01.51-2/01	Criação de bovinos para corte	166.868	5,49%	171.122	5,11%	179.484	5,16%
10.91-1/02	Fabricação de produtos de padaria e confeitaria...	163.993	5,40%	162.764	4,86%	169.275	4,87%
14.12-6/01	Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas...	162.658	5,35%	159.280	4,76%	158.559	4,56%
01.13-0/00	Cultivo de cana-de-açúcar	137.414	4,52%	143.212	4,28%	148.940	4,28%
31.01-2/00	Fabricação de móveis com predominância de madeira	122.589	4,03%	122.345	3,65%	123.568	3,55%
47.89-0/04	Comércio varejista de animais vivos e de artigos...	121.049	3,98%	118.942	3,55%	122.510	3,52%
47.24-5/00	Comércio varejista de hortifrutigranjeiros	119.144	3,92%	109.954	3,28%	115.452	3,32%
14.12-6/02	Confecção, sob medida, de peças do vestuário...	96.485	3,17%	94.012	2,81%	100.593	2,89%
47.21-1/02	Padaria e confeitaria com predominância de revenda	91.229	3,00%	88.470	2,64%	94.663	2,72%
47.22-9/01	Comércio varejista de carnes - açougues	72.191	2,38%	71.931	2,15%	72.147	2,08%
01.51-2/02	Criação de bovinos para leite	58.377	1,92%	58.990	1,76%	63.119	1,82%
96.09-2/08	Higiene e embelezamento de animais domésticos	53.361	1,76%	53.929	1,61%	55.008	1,58%
01.61-0/03	Serviço de preparação de terreno, cultivo e colheita	50.152	1,65%	54.838	1,64%	56.483	1,62%
01.21-1/01	Horticultura, exceto morango	45.783	1,51%	47.033	1,40%	49.855	1,43%
10.91-1/01	Fabricação de produtos de panificação industrial	42.805	1,41%	41.280	1,23%	40.454	1,16%
14.12-6/03	Facção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	42.524	1,40%	41.102	1,23%	43.157	1,24%
01.11-3/02	Cultivo de milho	42.215	1,39%	42.731	1,28%	43.586	1,25%
01.15-6/00	Cultivo de soja	37.508	1,23%	40.469	1,21%	44.516	1,28%
47.21-1/04	Comércio varejista de doces, balas, bombons...	35.826	1,18%	35.356	1,06%	37.831	1,09%
47.21-1/03	Comércio varejista de laticínios e frios	33.346	1,10%	31.626	0,94%	33.840	0,97%
01.34-2/00	Cultivo de café	29.292	0,96%	29.856	0,89%	29.169	0,84%
75.00-1/00	Atividades veterinárias	27.082	0,89%	31.960	0,95%	34.197	0,98%
10.96-1/00	Fabricação de alimentos e pratos prontos	25.907	0,85%	25.445	0,76%	26.972	0,78%
16.29-3/01	Fabricação de artefatos diversos de madeira...	24.195	0,80%	23.079	0,69%	24.015	0,69%
01.39-3/06	Cultivo de seringueira	23.515	0,77%	25.904	0,77%	27.458	0,79%
01.31-8/00	Cultivo de laranja	22.879	0,75%	22.859	0,68%	23.773	0,68%
47.29-6/01	Tabacaria	22.235	0,73%	19.508	0,58%	20.678	0,59%
46.39-7/01	Comércio atacadista de produtos alimentícios em geral	22.191	0,73%	22.955	0,69%	24.074	0,69%
10.94-5/00	Fabricação de massas alimentícias	20.148	0,66%	18.778	0,56%	19.154	0,55%
47.22-9/02	Peixaria	18.564	0,61%	17.210	0,51%	18.759	0,54%
17.49-4/00	Fabricação de produtos de pastas celulósicas...	18.381	0,60%	18.064	0,54%	18.787	0,54%

CNAE	DESCRIÇÃO	2022	%	2023	%	2024	%
16.22-6/99	Fabricação de outros artigos de carpintaria...	17.569	0,58%	18.079	0,54%	19.164	0,55%
74.90-1/03	Serviços de agronomia e de consultoria...	17.276	0,57%	19.084	0,57%	20.017	0,58%
46.33-8/01	Comércio atacadista de frutas, verduras, raízes...	16.079	0,53%	16.562	0,49%	17.224	0,50%
14.11-8/01	Confecção de roupas íntimas	14.042	0,46%	13.087	0,39%	13.028	0,37%
33.14-7/11	Manutenção e reparação de máquinas e equipamentos...	13.091	0,43%	14.551	0,43%	15.133	0,44%
01.19-9/99	Cultivo de outras plantas de lavoura temporária...	13.012	0,43%	13.212	0,39%	13.344	0,38%
14.22-3/00	Fabricação de artigos do vestuário, produzidos em malharias...	12.344	0,41%	12.441	0,37%	12.814	0,37%
46.83-4/00	Comércio atacadista de defensivos agrícolas...	11.637	0,38%	12.544	0,37%	13.171	0,38%
16.10-2/03	Serrarias com desdobramento de madeira em bruto	10.385	0,34%	10.157	0,30%	10.731	0,31%
02.10-1/01	Cultivo de eucalipto	10.309	0,34%	10.503	0,31%	11.238	0,32%
10.31-7/00	Fabricação de conservas de frutas	9.208	0,30%	8.899	0,27%	8.926	0,26%
01.61-0/99	Atividades de apoio à agricultura não especificadas...	9.095	0,30%	9.724	0,29%	10.405	0,30%
10.52-0/00	Fabricação de laticínios	8.910	0,29%	8.789	0,26%	8.965	0,26%
10.93-7/01	Fabricação de produtos derivados do cacau...	8.782	0,29%	8.037	0,24%	8.278	0,24%
01.33-4/04	Cultivo de cítricos, exceto laranja	8.677	0,29%	8.865	0,26%	9.397	0,27%
10.13-9/01	Fabricação de produtos de carne	8.229	0,27%	8.311	0,25%	8.145	0,23%
46.11-7/00	Representantes comerciais e agentes do comércio...	7.966	0,26%	8.364	0,25%	8.940	0,26%
	SUB-TOTAL	2.624.342	86,36%	2.614.087	78,08%	2.706.407	77,85%
	DEMAIS	414.600	13,64%	734.051	21,92%	769.923	22,15%
	TOTAL	3.038.942	100%	3.348.138	100%	3.476.330	100%

A base empresarial do agronegócio mostra forte concentração em alguns ramos. O comércio varejista de bebidas é a atividade mais representativa, com quase 284 mil empresas em 2024 (8,17%), apesar de apresentar queda desde 2022. Na sequência, aparecem o comércio varejista de produtos alimentícios em geral e a criação de bovinos para corte, ambos com participação em torno de 5,5% cada. A Figura 14 apresenta os principais CNAEs de 2024. Eles representaram praticamente 78% de todo o setor.

É interessante notar que, apesar do peso histórico da pecuária de corte no agro, ela fica atrás de atividades do varejo, reforçando que a base de empresas do setor é majoritariamente formada por pequenos negócios de comercialização e serviços, e não apenas de produção primária.

Algumas atividades mostraram crescimento significativo entre 2022 e 2024:

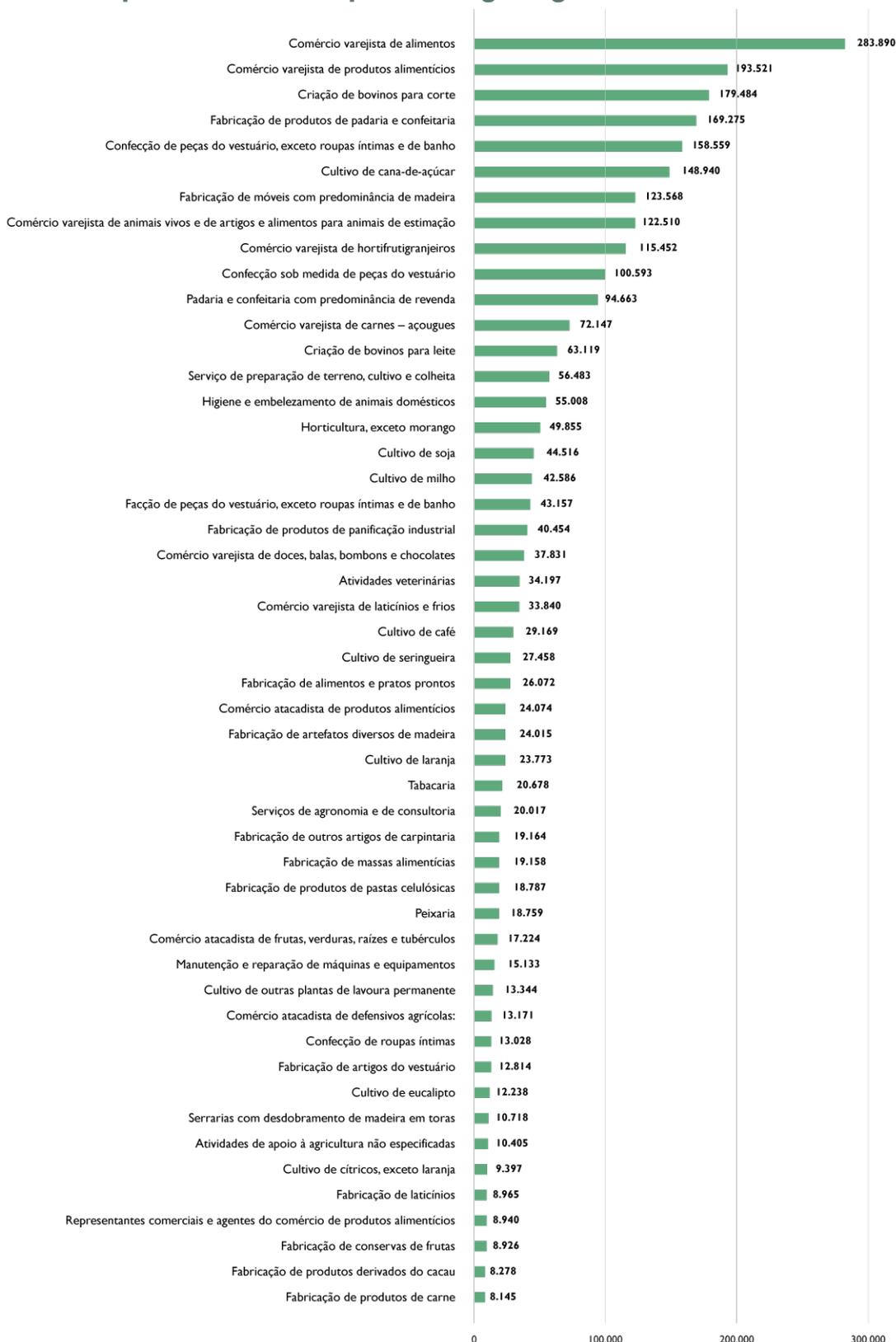
- Cultivo de soja (+18,7%), indicando expansão da produção e da formalização de produtores.
- Serviço de preparação de terreno, cultivo e colheita (+12,6%), sinalizando maior profissionalização e terceirização de etapas da produção.
- Serviços de agronomia e consultoria (+15,9%), revelando que cresce a demanda por assistência técnica, inovação e planejamento, o que é positivo para ganhos de produtividade no setor.

Em contrapartida, houve retração em segmentos como confecção de peças de vestuário (-2,5%), padarias de revenda (-1,8%) e tabacarias (-7,0%), sugerindo mudanças no perfil de consumo e consolidação de mercado, com fechamento de pequenos negócios ou migração para formatos mais competitivos.

A tabela mostra que o agronegócio vai muito além da produção primária: há presença significativa de indústrias de alimentos (panificação, laticínios, massas), comércio atacadista e varejista de insumos e produtos e atividades de apoio (manutenção, consultoria, serrarias). Essa diversidade revela a amplitude da cadeia de valor e como ela emprega diferentes perfis de empresas, desde microempreendedores até grandes indústrias.

O crescimento do segmento de defensivos agrícolas (+13,2%) e do comércio atacadista de frutas e verduras (+7,1%) reforça o papel da logística e do fornecimento de insumos como áreas de expansão.

**Figura 14 - Principais CNAEs das empresas do agronegócio em 2024**



## I.8. VALORES TRANSACIONADOS POR SEGMENTO – TOTAL AGRONEGÓCIO

O ano de 2024 se destacou por uma notável polarização no desempenho dos principais segmentos do agronegócio, conforme valores transacionados na Tabela 16. O mercado se fragmentou em caminhos divergentes, onde setores-chave como soja e milho enfrentaram retrações significativas, enquanto outras commodities, como café, fumo e algodão, registraram um forte crescimento.

No entanto, uma análise mais profunda demanda contextualização. Pesquisas de órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), reportam que o valor total da produção agrícola recuou 3,9% em termos nominais em 2024, totalizando R\$ 783,2 bilhões, o que marca o segundo ano consecutivo de retração. A divergência entre o crescimento nominal na Tabela 16 e a retração reportada pelo IBGE está possivelmente na abrangência deste estudo, que contabiliza valores transacionados em segmentos que não estão estritamente na produção agrícola, como Insumos, Máquinas e Equipamentos, Combustível e Transportes. Essa distinção indica que, embora alguns setores da cadeia do agronegócio tenham crescido em valor de transação, a produção agrícola em si enfrentou desafios significativos.

**Tabela 16 - Valores Transacionados por segmento**

SEGMENTO	2023 (R\$ BI)	% 2023	2024 (R\$ BI)	% 2024	VAR. 23-24
Insumos	1.443,3	12,5%	1.681,6	13,7%	16,5%
Soja	1.768,1	15,3%	1.472,6	12,0%	-16,7%
Máquinas e Equipamentos	892,2	7,7%	958,3	7,8%	7,4%
Alimentação Humana	799,1	6,9%	857,3	7,0%	7,3%
Carnes	828,4	7,2%	823,5	6,7%	-0,6%
Bebidas	616,9	5,4%	708,4	5,8%	14,8%
Animais vivos	479,2	4,2%	553,9	4,5%	15,6%
Café	359,4	3,1%	551,0	4,5%	53,3%
Álcool	444,4	3,8%	517,6	4,2%	16,5%
Combustível	392,7	3,4%	415,9	3,4%	5,9%
Milho	483,3	4,2%	402,9	3,3%	-16,6%
Açúcar	325,1	2,8%	399,4	3,2%	22,8%
Laticínios	354,5	3,1%	386,9	3,1%	9,1%
Hortifruti	275,1	2,4%	339,8	2,8%	23,5%
Biocombustíveis/Biomassa	290,8	2,5%	299,0	2,4%	2,8%
Alimentos para Animais	273,1	2,4%	270,2	2,2%	-1,1%
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artigos	219,7	1,9%	255,0	2,1%	16,1%
Papel e Celulose	229,3	2,0%	243,0	2,0%	6,0%
Móveis e Madeira	225,4	2,0%	235,4	1,9%	4,4%
Algodão	180,6	1,6%	227,8	1,8%	26,1%
Outros Cereais	184,6	1,6%	203,9	1,7%	10,5%
Fumo	125,6	1,1%	160,8	1,3%	28,0%
Transportes	124,7	1,1%	131,3	1,1%	5,3%
Trigo	120,3	1,0%	107,1	0,9%	-10,9%
Peixes e Crustáceos	76,7	0,7%	85,4	0,7%	11,3%
Couro	24,4	0,2%	25,4	0,2%	4,2%

<sup>5</sup> <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44465-pam-2024-com-queda-nos-precos-e-na-safra-de-graos-valor-da-producao-agricola-cai-pelo-segundo-ano-seguido>

A Tabela 16 mostra uma mudança importante no mix setorial: o segmento de Insumos assumiu a liderança em participação (13,7%), ultrapassando a soja, que historicamente é o carro-chefe do agronegócio brasileiro. O crescimento de 16,5% no valor transacionado de insumos entre 2023 e 2024 reflete o aumento do uso de tecnologia, fertilizantes e defensivos, sinalizando investimento em produtividade no campo. Já a soja caiu 16,7%, perdendo mais de três pontos percentuais de participação no total, movimento que está ligado, entre outros fatores, à queda dos preços internacionais e à acomodação de volumes exportados após safras recordes anteriores, com queda de 25,4% no valor da produção, queda de 8,1% no rendimento médio e queda de 5,0% na produção, comprometida por problemas climáticos causados pelo El Niño.

Diversos segmentos tiveram crescimento acima da média, aumentando sua representatividade:

- Café foi o segmento de maior destaque na tabela, registrando o avanço mais expressivo (+53,3%), passando de 3,1% para 4,5% de participação, reflexo do recorde histórico de exportações do Brasil, que enviou 50,4 milhões de sacas de 60 kg em 2024, um aumento de 28,5% em volume em relação ao ano anterior. Mais notável ainda, a receita cambial dessas exportações cresceu 55,4%, atingindo US\$ 12,5 bilhões, demonstrando o impacto crucial da valorização do produto. A alta nos preços é explicada por uma acumulação de quatro anos de problemas climáticos que afetaram as lavouras, incluindo uma geada em 2021, uma seca em 2023 e chuvas prolongadas em 2024. Esses eventos criaram um cenário de oferta restrita, enquanto a demanda global continuava a crescer, impulsionada inclusive pela entrada de novos mercados como a China.
- Algodão (+26,1%), Açúcar (+22,8%) e Hortifruti (+23,5%) também se destacaram, indicando diversificação da pauta produtiva e maior integração de cadeias menos tradicionais.
- Bebidas (+14,8%) e Animais vivos (+15,6%) mostram crescimento robusto, sugerindo aquecimento do mercado doméstico e incremento na movimentação de gado e aves.

Esses números reforçam que, apesar da queda na soja e no milho, há uma recomposição do mix de produção e de valor transacionado no agro.

Além da soja, outros segmentos apresentaram retração:

- Milho (-16,6%) teve queda proporcional semelhante à soja, reduzindo sua participação para 3,3% do total.
- Trigo (-10,9%) foi outro destaque negativo, o que pode refletir menor produção nacional ou maior dependência de importações em 2024.
- Carnes recuaram levemente (-0,6%), possivelmente refletindo ajustes na produção e abate após períodos de alta demanda.
- Alimentos para Animais também caíram (-1,1%), o que pode indicar estabilização do rebanho ou menor consumo de rações.

Alguns segmentos mantiveram participação estável, mostrando resiliência: Combustíveis, Papel e Celulose, Móveis e Madeira e Transportes cresceram pouco, mas preservaram seu peso relativo. Esses setores funcionam como componentes de suporte da cadeia produtiva, sofrendo menos com oscilações de preço e volume.

Portanto, as forças motrizes por trás dos movimentos observados são multifacetadas. A influência preponderante do fenômeno climático El Niño emergiu como um fator de risco sistêmico, afetando diretamente a produtividade das culturas de verão, especialmente os grãos, em regiões vitais do país. Adicionalmente, a queda nos preços das commodities agrícolas no mercado internacional agravou a retração no valor transacionado dos principais produtos de exportação. Em contrapartida, uma demanda global aquecida e os déficits de safra em outros países atuaram como catalisadores para a valorização de certas culturas, mais notavelmente o café. Essa análise demonstra que a volatilidade climática e a dinâmica de preços são os principais fatores que moldam o valor transacionado, sublinhando a importância da gestão de risco e da análise aprofundada de mercado.

\* País bate recorde de exportação de café e preço do produto deve aumentar ainda mais em 2025 [https://www.youtube.com/watch?v=IgtGnN\\_FTbs](https://www.youtube.com/watch?v=IgtGnN_FTbs)

A Tabela 16 mostra uma mudança importante no mix setorial: o segmento de Insumos assumiu a liderança em participação (13,7%), ultrapassando a soja, que historicamente é o carro-chefe do agronegócio brasileiro. O crescimento de 16,5% no valor transacionado de insumos entre 2023 e 2024 reflete o aumento do uso de tecnologia, fertilizantes e defensivos, sinalizando investimento em produtividade no campo. Já a soja caiu 16,7%, perdendo mais de três pontos percentuais de participação no total, movimento que está ligado, entre outros fatores, à queda dos preços internacionais e à acomodação de volumes exportados após safras recordes anteriores, com queda de 25,4% no valor da produção, queda de 8,1% no rendimento médio e queda de 5,0% na produção, comprometida por problemas climáticos causados pelo El Niño.

Diversos segmentos tiveram crescimento acima da média, aumentando sua representatividade:

- Café foi o segmento de maior destaque na tabela, registrando o avanço mais expressivo (+53,3%), passando de 3,1% para 4,5% de participação, reflexo do recorde histórico de exportações do Brasil, que enviou 50,4 milhões de sacas de 60 kg em 2024, um aumento de 28,5% em volume em relação ao ano anterior. Mais notável ainda, a receita cambial dessas exportações cresceu 55,4%, atingindo US\$ 12,5 bilhões, demonstrando o impacto crucial da valorização do produto. A alta nos preços é explicada por uma acumulação de quatro anos de problemas climáticos que afetaram as lavouras, incluindo uma geada em 2021, uma seca em 2023 e chuvas prolongadas em 2024. Esses eventos criaram um cenário de oferta restrita, enquanto a demanda global continuava a crescer, impulsionada inclusive pela entrada de novos mercados como a China.
- Algodão (+26,1%), Açúcar (+22,8%) e Hortifruti (+23,5%) também se destacaram, indicando diversificação da pauta produtiva e maior integração de cadeias menos tradicionais.
- Bebidas (+14,8%) e Animais vivos (+15,6%) mostram crescimento robusto, sugerindo aquecimento do mercado doméstico e incremento na movimentação de gado e aves.

Esses números reforçam que, apesar da queda na soja e no milho, há uma recomposição do mix de produção e de valor transacionado no agro.

Além da soja, outros segmentos apresentaram retração:

- Milho (-16,6%) teve queda proporcional semelhante à soja, reduzindo sua participação para 3,3% do total.
- Trigo (-10,9%) foi outro destaque negativo, o que pode refletir menor produção nacional ou maior dependência de importações em 2024.
- Carnes recuaram levemente (-0,6%), possivelmente refletindo ajustes na produção e abate após períodos de alta demanda.
- Alimentos para Animais também caíram (-1,1%), o que pode indicar estabilização do rebanho ou menor consumo de rações.

Alguns segmentos mantiveram participação estável, mostrando resiliência: Combustíveis, Papel e Celulose, Móveis e Madeira e Transportes cresceram pouco, mas preservaram seu peso relativo. Esses setores funcionam como componentes de suporte da cadeia produtiva, sofrendo menos com oscilações de preço e volume.

Portanto, as forças motrizes por trás dos movimentos observados são multifacetadas. A influência preponderante do fenômeno climático El Niño emergiu como um fator de risco sistêmico, afetando diretamente a produtividade das culturas de verão, especialmente os grãos, em regiões vitais do país. Adicionalmente, a queda nos preços das commodities agrícolas no mercado internacional agravou a retração no valor transacionado dos principais produtos de exportação. Em contrapartida, uma demanda global aquecida e os déficits de safra em outros países atuaram como catalisadores para a valorização de certas culturas, mais notavelmente o café. Essa análise demonstra que a volatilidade climática e a dinâmica de preços são os principais fatores que moldam o valor transacionado, sublinhando a importância da gestão de risco e da análise aprofundada de mercado.

## I.9. VALORES COMERCIALIZADOS POR SEGMENTO – TOTAL AGRONEGÓCIO

**Tabela 17 - Valores comercializados por segmento no agronegócio**

SEGMENTO	2023 (R\$ BI)	% 2023	2024 (R\$ BI)	% 2024	VAR. 23-24
Insumos	931,8	12,3%	1.102,3	13,7%	18,3%
Soja	1.207,9	16,0%	1.007,5	12,5%	-16,6%
Máquinas e Equipamentos	589,8	7,8%	632,6	7,8%	7,3%
Alimentação Humana	511,4	6,8%	552,8	6,8%	8,1%
Carnes	544,1	7,2%	540,0	6,7%	-0,8%
Bebidas	399,0	5,3%	458,6	5,7%	15,0%
Álcool	318,6	4,2%	371,3	4,6%	16,5%
Animais vivos	315,8	4,2%	365,2	4,5%	15,6%
Café	221,7	2,9%	340,3	4,2%	53,5%
Milho	346,2	4,6%	288,9	3,6%	-16,6%
Açúcar	224,4	3,0%	275,1	3,4%	22,6%
Laticínios	234,9	3,1%	256,2	3,2%	9,0%
Hortifruti	185,0	2,4%	229,3	2,8%	24,0%
Biocombustíveis/Biomassa	191,1	2,5%	195,8	2,4%	2,4%
Alimentos para Animais	174,1	2,3%	172,5	2,1%	-1,0%
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artigos	145,1	1,9%	167,6	2,1%	15,5%
Combustível	149,2	2,0%	158,2	2,0%	6,0%
Móveis e Madeira	150,5	2,0%	157,5	2,0%	4,7%
Papel e Celulose	148,2	2,0%	157,2	1,9%	6,1%
Algodão	122,0	1,6%	154,8	1,9%	26,8%
Outros Cereais	124,0	1,6%	137,3	1,7%	10,7%
Transportes	111,9	1,5%	116,6	1,4%	4,2%
Fumo	78,9	1,0%	101,3	1,3%	28,4%
Trigo	70,3	0,9%	62,3	0,8%	-11,3%
Peixes e Crustáceos	51,7	0,7%	57,5	0,7%	11,3%
Couro	15,7	0,2%	16,3	0,2%	4,1%

Quando comparamos os valores comercializados com os transacionados, observa-se que alguns segmentos têm uma diferença relevante entre movimentação total e o que efetivamente vira compra e venda. Combustíveis, por exemplo, têm participação estável no total (3,4% no transacionado e 2,0% no comercializado), o que mostra que uma parte significativa do valor movimentado corresponde a transferências internas e não a transações comerciais finais. O mesmo ocorre com biocombustíveis, que apresentam um descolamento ainda maior, evidenciando que grande parte do fluxo registrado é de movimentações de estoque ou remessas para industrialização.

A soja, apesar de continuar como um dos principais segmentos, perde ainda mais participação no comercializado, caindo para 12,5% do total, contra 12,0% no transacionado. Isso sugere que há maior volume de remessas, armazenagem ou exportações indiretas que não se traduzem em vendas internas diretas – reforçando a natureza exportadora do grão, que muitas vezes passa por operações fiscais de saída não caracterizadas como venda para o mercado interno.

Segmentos como café, hortifruti e têxtil/vestuário mantêm forte crescimento, mas no comercializado o ganho de participação é ainda mais expressivo. O café chega a 4,2% de participação (+53,5% em relação ao ano anterior), reforçando que o valor de venda está acompanhando o bom desempenho de comercialização e aumento de preços. Hortifruti ganha peso acima da média, indicando maior formalização das vendas e entrada desse segmento em canais comerciais organizados.

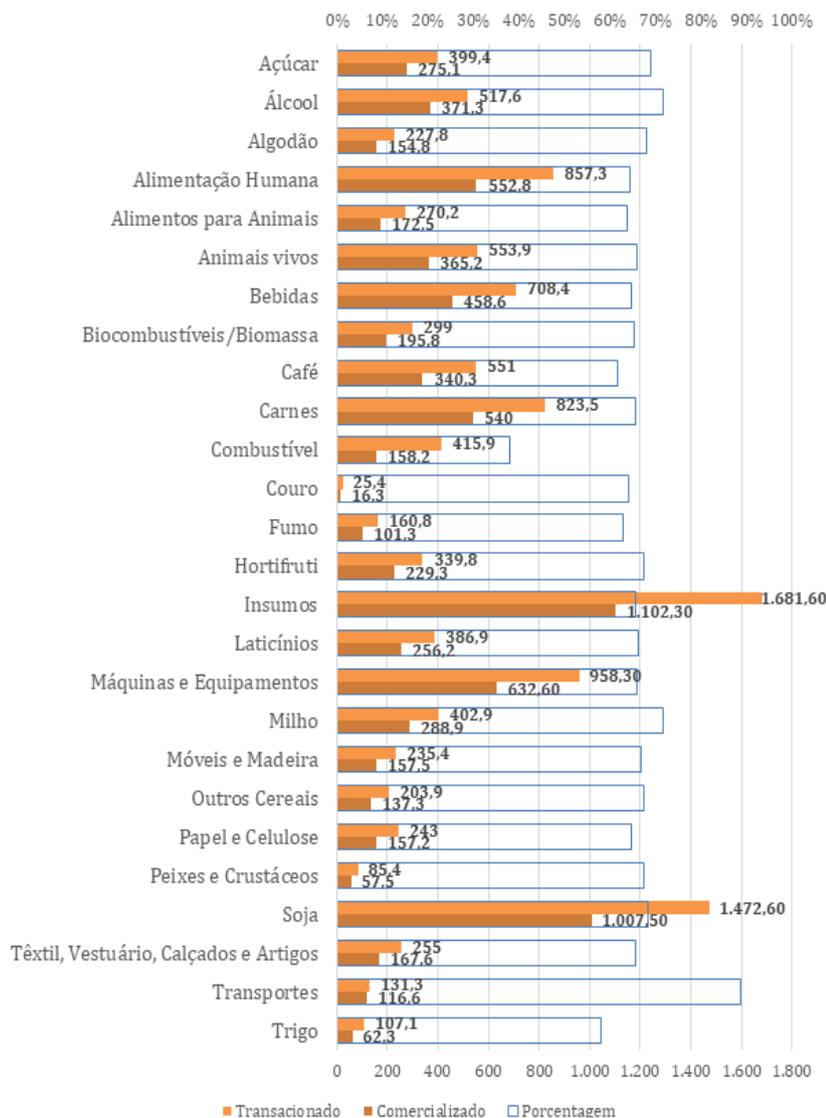
Máquinas e equipamentos, papel e celulose e móveis e madeira mantêm participação bastante próxima entre transacionado e comercializado, sinalizando que sua movimentação é majoritariamente de natureza comercial (compra e venda efetiva), sem tanta interferência de remessas técnicas. Esse é um bom indicador para medir o dinamismo de vendas do setor industrial do agro.

Uma análise comparativa mostra que, para todos os segmentos, embora as tabelas apresentem valores nominais diferentes, a variação percentual de segmentos-chave como Soja (-16,7% na Tabela 16 e -16,6% na Tabela 17) é notavelmente similar, indicando que ambas capturam as mesmas tendências macroeconômicas do mercado.

A participação relevante dos setores de máquinas e equipamentos, alimentação humana e insumos é explicada pela transversalidade destes segmentos, presentes nos mais diversos tipos de cultivos. Enquanto o setor como um todo demonstra expansão, impulsionado principalmente por insumos, tecnologia e bens de consumo final, o núcleo da produção primária de commodities essenciais enfrenta um declínio significativo no valor comercializado.

A Figura 15 evidencia o percentual que é comercializado dentro do valor transacionado no agronegócio. Relembremos o conceito: os valores comercializados refletem apenas compras e vendas, sendo excluídas transferências, remessas e movimentações internas. Assim, observa-se que em média o valor comercializado no agronegócio em 2024 representou 66% no valor transacionado. O segmento de Transportes foi o que apresentou maior relação, com 89%, enquanto combustível apresentou apenas 38% nesta relação.

### Valores transacionados vs Valores comercializados Agronegócio 2024 (R\$ bi)



## I.10. VALORES TRANSACIONADOS POR SEGMENTO – APENAS PRODUTORES RURAIS

**Tabela 18 - Valores transacionados por segmento apenas por produtores rurais**

SEGMENTO	2023 (R\$ BI)	% 2023	2024 (R\$ BI)	% 2024	VAR. 23-24
Soja	354,6	16,3%	297,4	12,7%	-16,1%
Insumos	219,9	10,1%	285,8	12,2%	30,0%
Alimentação Humana	177,8	8,2%	191,2	8,2%	7,6%
Carnes	181,4	8,4%	184,3	7,9%	1,6%
Bebidas	121,4	5,6%	140,3	6,0%	15,6%
Máquinas e Equipamentos	122,8	5,7%	131,7	5,6%	7,2%
Animais vivos	106,6	4,9%	123,2	5,3%	15,6%
Açúcar	83,5	3,8%	102,4	4,4%	22,7%
Álcool	83,2	3,8%	96,4	4,1%	15,8%
Café	60,6	2,8%	91,2	3,9%	50,5%
Laticínios	77,4	3,6%	84,3	3,6%	8,9%
Milho	98,4	4,5%	82,4	3,5%	-16,3%
Hortifruti	63,4	2,9%	78,5	3,4%	23,9%
Biocombustíveis/Biomassa	62,4	2,9%	60,8	2,6%	-2,6%
Transportes	51,3	2,4%	52,3	2,2%	1,9%
Alimentos para Animais	50,4	2,3%	50,1	2,1%	-0,6%
Outros Cereais	43,4	2,0%	48,1	2,1%	10,9%
Combustível	40,6	1,9%	41,2	1,8%	1,5%
Fumo	27,0	1,2%	34,9	1,5%	29,1%
Papel e Celulose	28,5	1,3%	30,2	1,3%	6,1%
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artigos	26,1	1,2%	30,0	1,3%	15,1%
Algodão	21,0	1,0%	26,5	1,1%	25,9%
Móveis e Madeira	24,9	1,1%	25,9	1,1%	4,0%
Trigo	24,4	1,1%	21,7	0,9%	-11,1%
Peixes e Crustáceos	17,8	0,8%	19,8	0,8%	11,2%
Couro	3,0	0,1%	3,1	0,1%	4,3%

Os dados mostram que, entre 2023 e 2024, houve uma redução **expressiva na soja (-16,1%)**, o que levou sua participação de 16,3% para 12,7% do total transacionado pelos produtores rurais. Essa queda é significativa e altera o perfil da pauta: a soja deixa de ter um papel tão dominante, abrindo espaço para outros segmentos, principalmente insumos e produtos de maior valor agregado.

Além da soja, o **milho apresentou queda de 16,3%**, provavelmente reflexo de preços mais baixos e de uma possível retração de área plantada. **Biocombustíveis/biomassa (-2,6%)** e **trigo (-11,1%)** também caíram, o que sugere que os produtores podem ter deslocado esforços produtivos para culturas mais rentáveis.

O segmento de **insumos cresceu 30%**, assumindo posição de destaque e passando a representar 12,2% do total, quase empatando com a soja em termos de participação. Isso sinaliza que os produtores investiram mais em tecnologia e produtividade, possivelmente aproveitando preços mais acessíveis de fertilizantes e defensivos após o pico de custos de 2022. Também chama atenção o crescimento robusto de **açúcar (+22,7%)**, **hortifruti (+23,9%)** e **algodão (+25,9%)**, o que reforça um movimento de diversificação produtiva e de maior inserção de culturas alternativas.

O café apresentou alta impressionante de 50,5%, passando a responder por 3,9% do total. Essa expansão pode ser explicada tanto por preços internacionais favoráveis quanto por uma maior formalização das operações dos produtores de café, o que aumenta o valor transacionado registrado.

O desempenho notável de segmentos como Café, Algodão, Hortifruti e Fumo pode ser atribuído em parte à capacidade desses segmentos de agregar valor, diferenciar seus produtos e se beneficiar de cadeias de suprimento mais curtas ou verticalizadas. Enquanto a Soja e o Milho são bens de pouca diferenciação e alta exposição à volatilidade do mercado global, os produtos destacados podem ser comercializados com certificações, marcas e características específicas que comandam preços mais elevados.

Essa tendência sugere que a rentabilidade no agronegócio pode estar migrando da produção em massa de commodities para a criação de valor agregado. A organização da produção e da comercialização, com o objetivo de eliminar intermediários, é uma estratégia importante nesse contexto para reduzir riscos e garantir a renda dos produtores.

Alguns segmentos mantiveram crescimento mais moderado, mas consistente: **alimentação humana (+7,6%), máquinas e equipamentos (+7,2%), animais vivos (+15,6%) e bebidas (+15,6%)**. Isso demonstra um dinamismo contínuo das cadeias de abastecimento e de transformação, reforçando que os produtores estão integrados a mercados mais diversificados.

O conjunto dos dados mostra que o produtor rural está em um **processo de transformação de portfólio**, com maior diversificação e maior peso de insumos. Essa performance superior, no entanto, é contrastada por uma tendência preocupante. O valor transacionado em insumos está crescendo substancialmente, enquanto as commodities que dependem diretamente deles, como Soja (-16,1%), Milho (-16,3%) e Trigo (-11,1%), sofrem quedas acentuadas. Isso sugere uma dissociação entre o investimento em produtividade e o valor de mercado do produto final. A situação indica que estes produtores podem estar enfrentando uma compressão de margens significativa, onde o aumento dos custos de produção não é compensado pela receita da venda de suas colheitas. Essa falta de simetria pode ser um sinal de alerta para a sustentabilidade financeira do produtor rural destes setores.

### 1.1.1. VALORES COMERCIALIZADOS POR SEGMENTO – APENAS PRODUTORES RURAIS (R\$ BILHÕES)

A análise da Tabela 19 mostra que dependência histórica de algumas commodities agrícolas, embora ainda proeminente, demonstra sinais de descompressão, à medida que outros setores, impulsionados pela demanda doméstica e por movimentos de preços globais, ganham relevância e sustentam o crescimento agregado. Isso corrobora com as descobertas nas análises anteriores, que apontam para um cenário de reequilíbrio no setor.

A principal informação nova trazida pela Tabela 19 é que ela isola a análise para a perspectiva dos produtores rurais, ao invés de considerar a cadeia de valor completa do agronegócio. Isso permite observar a dinâmica de receita e a participação de mercado diretamente na ponta da produção, excluindo os valores gerados pela agroindústria, distribuição e outros elos da cadeia.

**Tabela 19 - Valores comercializados por segmento, apenas produtores rurais**

SEGMENTO	2023 (R\$ BI)	% 2023	2024 (R\$ BI)	% 2024	VAR. 23-24
Soja	216,8	16,5%	181,3	12,9%	-16,4%
Insumos	130,7	10,0%	168,0	12,0%	28,6%
Alimentação Humana	105,7	8,1%	113,9	8,1%	7,7%
Carnes	107,4	8,2%	108,8	7,7%	1,2%
Bebidas	71,6	5,5%	82,8	5,9%	15,7%
Máquinas e Equipamentos	75,5	5,8%	81,1	5,8%	7,5%
Animais vivos	61,9	4,7%	71,7	5,1%	15,8%

SEGMENTO	2023 (R\$ BI)	% 2023	2024 (R\$ BI)	% 2024	VAR. 23-24
Açúcar	53,0	4,0%	65,2	4,6%	23,0%
Álcool	49,2	3,7%	56,4	4,0%	14,7%
Café	35,2	2,7%	52,7	3,8%	49,5%
Laticínios	47,0	3,6%	51,1	3,6%	8,9%
Transportes	48,4	3,7%	49,0	3,5%	1,2%
Milho	55,0	4,2%	46,1	3,3%	-16,2%
Hortifruti	36,7	2,8%	45,4	3,2%	23,8%
Biocombustíveis/Biomassa	38,6	2,9%	37,3	2,7%	-3,4%
Alimentos para Animais	30,0	2,3%	29,9	2,1%	-0,4%
Outros Cereais	24,9	1,9%	27,5	2,0%	10,5%
Combustível	22,9	1,7%	23,2	1,7%	1,3%
Fumo	15,5	1,2%	19,9	1,4%	28,5%
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artigos	15,4	1,2%	17,8	1,3%	15,2%
Papel e Celulose	16,4	1,3%	17,4	1,2%	5,9%
Algodão	12,5	1,0%	15,8	1,1%	26,2%
Móveis e Madeira	14,7	1,1%	15,3	1,1%	4,0%
Trigo	15,3	1,2%	13,6	1,0%	-11,1%
Peixes e Crustáceos	10,3	0,8%	11,4	0,8%	11,0%
Couro	1,8	0,1%	1,9	0,1%	4,6%

A **soja**, apesar de continuar líder em valor comercializado, teve queda de **-16,4%**, caindo de 16,5% para 12,9% de participação. Isso reflete não apenas uma possível desaceleração de volumes, mas também uma redução significativa no **preço médio** da soja. Dados apontam que o preço exportado por tonelada caiu de cerca de **US\$ 499,7** no terceiro trimestre de 2023 para **US\$ 434,9** no mesmo período de 2024, uma redução de **13%**. Essa retração de preços, somada à elevada oferta global, explicita a queda na participação da soja no total comercializado.

O **café** teve crescimento notável de **+49,5%** em seu valor comercializado, atingindo 3,8% do total, impulsionado por um forte aumento dos preços. Os preços do arábica subiram **70% em 2024**, atingindo recordes acima de **US\$ 4,30 por libra**, e seguem pressionados em 2025. Esse aumento reflete escassez de estoques, seca severa e fortalecimento da demanda internacional, justificando o avanço expressivo no valor transacionado pelo produtor rural.

O segmento de **insumos**, com alta de **+28,6%** no valor comercializado, saltou para 12,0% do total. Esse aumento surge no contexto de uma leve recuperação nos custos de fertilizantes após recordes em 2022, refletindo que os produtores estão adquirindo mais recursos — ainda que a base de insumos seja maior nos transacionados, a alta substancial no valor de vendas indica normalização do fluxo e maior conversão em receita. Este segmento, que nas tabelas do agro-negócio geral era o maior, aqui aparece em segundo lugar para os produtores rurais.

Outros segmentos que se destacaram: **açúcar (+23,0%)**, **hortifruti (+23,8%)**, **algodão (+26,2%)** e **bebidas (+15,7%)**. Esses produtos ganharam participação relevante, o que pode ser atribuído tanto à expansão da área produtiva quanto a preços mais robustos ou canais de comercialização mais confiáveis. **Milho**, por outro lado, acompanhou a queda da soja com **-16,2%**, alinhado às pressões de preços no complexo de grãos em 2024<sup>7</sup>

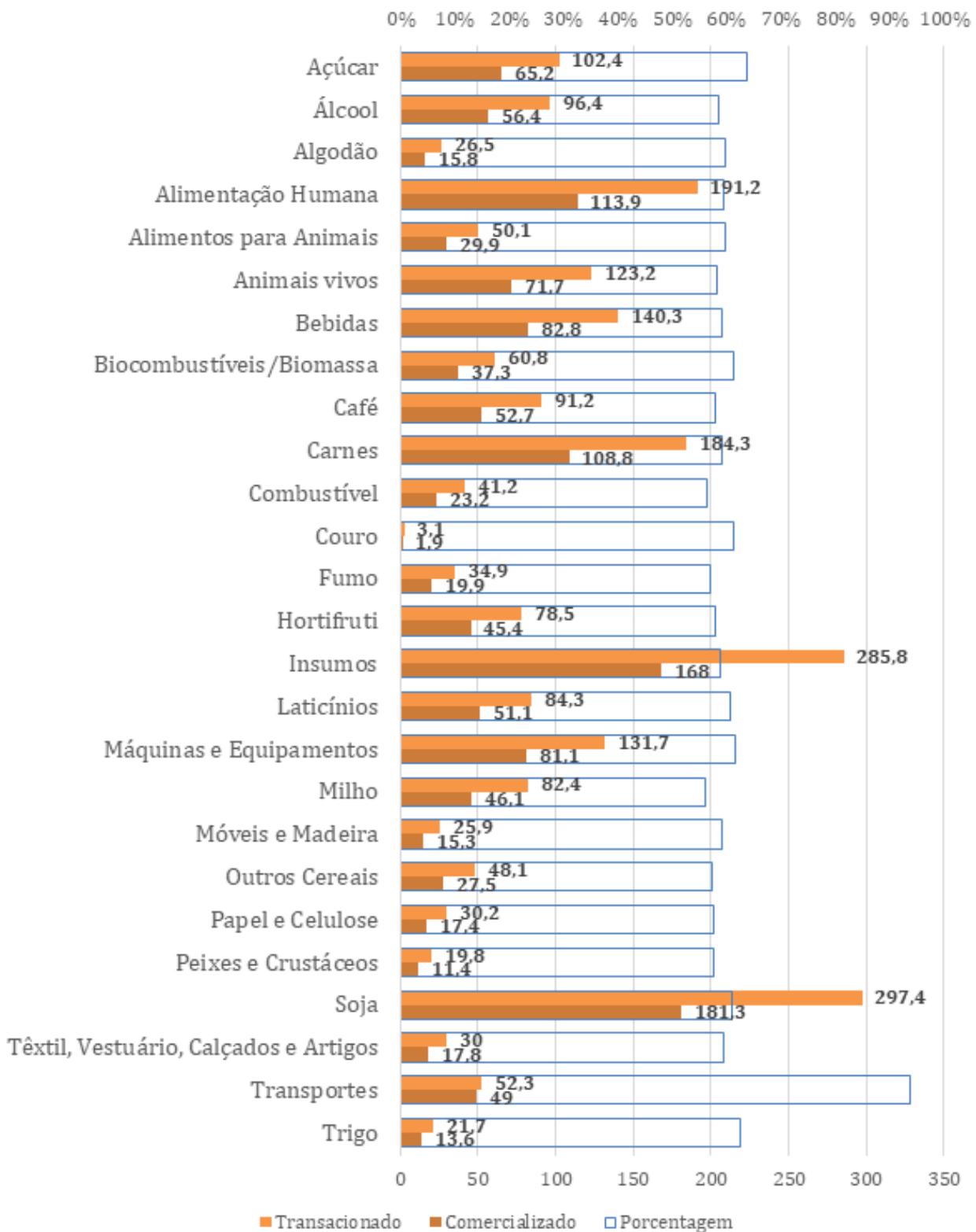
Comparando o valor transacionado ao comercializado apenas de produtores rurais, o segmento de Transportes apresenta-se fora da curva, com 94% de relação. Já os demais setores ficam entre 56% e 64%, implicando que cerca de um terço das operações não comerciais como remessas ou armazenamento não geram receita direta.

<sup>7</sup> Fonte: AMS

<sup>8</sup> Fonte: Reuters

<sup>9</sup> Fonte: International Banker.

## Valores transacionados vs Valores comercializados Apenas produtores rurais 2024 (R\$ bi)



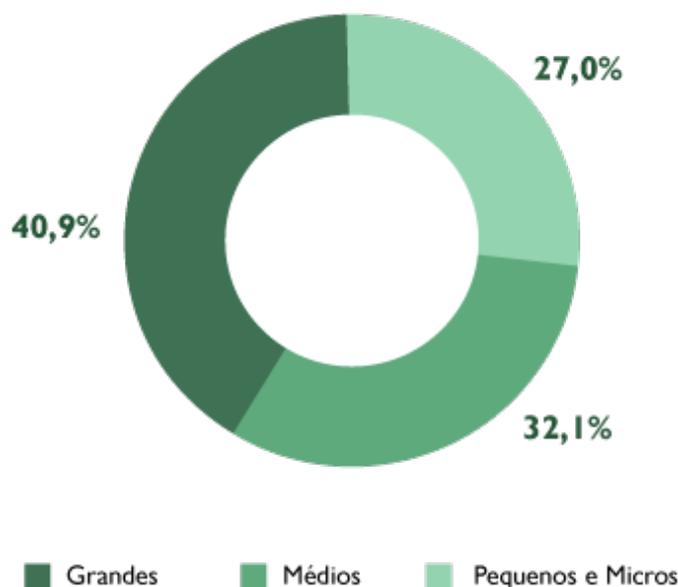
## Pontos de Destaque:

- **Preços como driver principal:** A queda da soja e alta do café explicam de forma clara as mudanças no perfil comercial. Monitorar contratos futuros e condições climáticas será essencial. Além disso, os modelos de crédito e financiamento devem ser reavaliados, considerando o risco de inadimplência no segmento de commodities primárias.
- **Fomento à diversificação:** O crescimento de insumos, hortifruti, café e açúcar reforça a importância de políticas que incentivem culturas com melhor valor agregado e menor volatilidade. A adoção de estratégias de agregação de valor, como a verticalização ou a participação em cadeias de valor mais integradas, pode ajudar a proteger as margens.
- **Fortalecer canais de vendas:** A boa conversão em café e hortifruti mostra a vantagem de acesso estruturado ao mercado; fortalecer cooperativas e infraestrutura logística será uma vantagem competitiva.
- **Gerenciar riscos climáticos e cambiais:** O impacto da seca no café e a oscilação cambial na soja mostram que a gestão de risco, incluindo ferramentas financeiras para proteger contra a flutuação do câmbio e dos preços das commodities, bem como seguros contra adversidades climáticas é uma necessidade crítica e pode auxiliar na estabilidade da renda dos produtores.

## I.10. VALORES COMERCIALIZADOS POR SEGMENTO E PORTE DAS EMPRESAS (R\$ BILHÕES)

Nesta seção é possível um recorte adicional, com os mesmos valores comercializados por segmento já analisados, porém com sua distribuição entre o porte das empresas.

**Figura 16 - Distribuição do valor comercializado por porte de empresa**



Os dados evidenciam uma **concentração relevante do faturamento nas grandes empresas**, que, mesmo representando apenas cerca de **0,2% do total de CNPJs do agronegócio**, são responsáveis por aproximadamente **41% do valor comercializado**. Esse dado mostra a alta capacidade de geração de receita dessas empresas e o impacto que suas decisões têm sobre todo o setor.

Por outro lado, **MEIs, micro e pequenas empresas**, que juntas representam mais de **98% dos CNPJs**, respondem por menos de um terço do faturamento. Isso indica que, embora sejam fundamentais para a capilaridade e para o emprego, sua contribuição em valores financeiros é proporcionalmente pequena. Essa leitura sugere que políticas públicas

precisam equilibrar incentivos: fortalecer pequenos negócios para ampliar sua participação econômica, mas sem desconsiderar que as grandes empresas são o motor principal da receita do setor.

No entanto, essa análise é em valores macro, e temos nuances específicas nos diferentes segmentos:

**Tabela 20 - Valor comercializado por segmento e porte de empresa 2024 (R\$ bi)**

SEGMENTO	VALOR COMERCIALIZADO	GRANDES	MÉDIOS	PEQUENOS E MICROS
Soja	1.007,5	395,3	342,7	269,5
Insumos	1.102,3	444,1	342,7	315,5
Máquinas e Equipamentos	632,6	277,4	200,3	154,9
Carnes	540,0	205,3	162,1	172,7
Alimentação Humana	552,8	242,3	176,4	134,2
Bebidas	458,6	186,5	149,6	122,5
Milho	288,9	125,4	92,5	71,1
Animais vivos	365,2	142,2	112,7	110,4
Álcool	371,3	144,2	121,6	105,5
Café	158,2	62,1	51,3	44,9
Laticínios	340,3	144,5	106,8	89,0
Açúcar	256,2	110,0	86,6	59,5
Biocombustíveis/Biomassa	275,1	106,7	93,5	74,9
Hortifruti	195,8	76,3	61,6	58,0
Alimentos para Animais	229,3	91,4	73,6	64,3
Combustível	172,5	73,2	53,1	46,2
Papel e Celulose	157,2	67,4	51,1	38,7
Móveis e Madeira	157,5	62,6	53,5	41,4
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artigos	167,6	72,9	52,7	42,0
Outros Cereais	137,3	52,7	41,6	43,0
Algodão	154,8	67,5	49,0	38,2
Fumo	101,3	44,5	31,1	25,7
Transportes	116,6	48,9	39,6	28,1
Trigo	62,3	27,1	20,8	14,4
Peixes e Crustáceos	57,5	25,1	18,4	14,0
Couro	16,3	6,5	5,1	4,8
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>8.075,0</b>	<b>3.302,0</b>	<b>2.589,7</b>	<b>2.183,2</b>

Os dados da tabela permitem ir além da constatação de que as grandes empresas concentram a maior parte do valor comercializado: em setores como soja, insumos e máquinas e equipamentos, a participação das grandes empresas é ainda mais elevada que a média geral, o que confirma que são atividades intensivas em capital, exigindo investimentos robustos em tecnologia, infraestrutura e logística.

Por outro lado, alguns segmentos se afastam dessa lógica de alta concentração. Hortifruti, por exemplo, tem maior participação de pequenos e micros, que respondem por quase 30% do valor total do segmento, mostrando uma cadeia mais pulverizada e ligada ao abastecimento de mercados regionais. O mesmo ocorre com peixes e crustáceos e fumo, onde os pequenos produtores representam parte relevante do valor comercializado.

Outro destaque é transportes, onde a participação de grandes empresas é relativamente menor com relação a outros segmentos. Isso pode refletir a presença de transportadores autônomos e pequenas transportadoras que participam ativamente da movimentação de cargas no agronegócio. Já biocombustíveis/biomassa mostra uma participação bastante relevante das empresas médias, sugerindo um setor em que há espaço para players intermediários atenderem à demanda.

## I.12. VALORES TRANSACIONADOS POR POSIÇÃO DA NCM

Um recorte mais específico das atividades pertencentes ao agronegócio pode ser obtido a partir da posição da NCM declarada nas notas fiscais das transações.

A Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) é o sistema de classificação de mercadorias adotado pelo Brasil e pelos demais países-membros do Mercosul para uniformizar a identificação de produtos em operações de comércio exterior. O código NCM de oito dígitos funciona como a "identidade fiscal" de uma mercadoria, e é obrigatório em todas as importações e exportações. Sua estrutura segue uma lógica hierárquica baseada no Sistema Harmonizado (SH), um padrão internacional. Os primeiros seis dígitos correspondem ao código do SH, enquanto os dois últimos dígitos são específicos para o Mercosul. A NCM é a base para a determinação de tributos, regulamentações específicas e para a compilação de estatísticas oficiais de comércio.

**Tabela 21 - Valores Transacionados por Posição da NCM em R\$ bilhões**

NCM	DESCRIÇÃO	2022	2023	2024	% 2024	VAR. 22-24	VAR. 23-24
1201	Soja em grão (mesmo triturada)	1.498,2	1.655,5	1.367,3	11,1%	-8,7%	-17,4%
3808	Inseticidas, herbicidas e produtos semelhantes	608,7	576,8	554,0	4,5%	-8,9%	-3,9%
1005	Milho em grão	600,3	550,8	453,0	3,7%	-24,6%	-17,8%
2207	Álcool etílico e aguardentes	446,5	449,9	525,7	4,3%	+17,8%	+16,8%
3105	Fertilizantes NPK	415,3	319,1	303,7	2,5%	-26,9%	-4,8%
2710	Óleos de petróleo (inclusive diesel)	371,4	392,7	415,9	3,4%	+12,0%	+5,9%
901	Café não torrado, em grão	349,1	343,9	531,9	4,3%	+52,4%	+54,7%
102	Bovinos vivos	312,2	295,7	351,0	2,9%	+12,4%	+18,7%
2309	Alimentos para animais	295,9	273,3	270,3	2,2%	-8,7%	-1,1%
207	Carnes e miudezas de aves	252,9	217,0	135,4	1,1%	-46,5%	-37,6%
8701	Tratores	250,8	280,6	317,9	2,6%	+26,8%	+13,3%
2203	Cervejas de malte	238,8	263,7	289,7	2,4%	+21,3%	+9,9%
1701	Açúcares de cana ou beterraba	225,7	—	385,8	3,1%	+70,9%	—
201	Carnes de bovino frescas	200,0	210,2	247,1	2,0%	+23,6%	+17,6%
3102	Fertilizantes nitrogenados	194,4	136,5	125,0	1,0%	-35,7%	-8,4%
2304	Bagaço e resíduos da soja	190,6	202,7	178,5	1,4%	-6,3%	-11,9%
8708	Partes e acessórios de tratores e veículos	165,3	165,6	181,3	1,5%	+9,7%	+9,4%
2202	Bebidas não alcoólicas	150,8	—	201,0	1,6%	+33,3%	—
1905	Produtos de padaria e confeitaria	135,6	156,8	166,1	1,3%	+22,6%	+5,9%
1507	Óleo de soja em bruto	131,3	100,0	87,5	0,7%	-33,3%	-12,5%
5201	Algodão em bruto	123,2	119,5	164,9	1,3%	+33,9%	+38,0%
9999	Transporte de cargas (proxy)	116,5	—	131,3	1,1%	+12,7%	—
202	Carnes de bovino congeladas	111,1	98,0	119,0	1,0%	+7,1%	+21,4%

NCM	DESCRIÇÃO	2022	2023	2024	% 2024	VAR. 22-24	VAR. 23-24
401	Leite e creme de leite, não concentrado	111,0	111,9	118,7	1,0%	+6,9%	+6,1%
406	Queijos e requeijão	106,0	—	128,2	1,0%	+20,9%	—
8433	Ceifeiras e debulhadoras	101,6	—	121,7	1,0%	+19,8%	—
1601	Enchidos e produtos de carne	97,7	94,9	95,3	0,8%	-2,5%	+0,4%
1006	Arroz em grão	95,5	—	130,7	1,1%	+36,9%	—
4703	Pastas químicas de madeira	90,6	78,2	103,0	0,8%	+13,7%	+31,8%
105	Aves vivas	90,6	—	105,8	0,9%	+16,9%	—
1806	Chocolate e preparações de cacau	86,5	82,4	92,4	0,8%	+6,8%	+7,2%
203	Carnes de suíno	80,5	80,3	89,5	0,7%	+11,1%	+11,5%
4819	Caixas e embalagens de papelão	76,4	—	87,5	0,7%	+14,6%	—
9403	Móveis	75,3	78,3	88,8	0,7%	+17,9%	+13,4%
1001	Trigo em grão	74,8	67,0	55,7	0,5%	-25,6%	-16,9%
103	Suínos vivos	73,9	—	87,6	0,7%	+18,6%	—
402	Leite e creme de leite concentrado	73,0	—	88,1	0,7%	+20,8%	—
8432	Máquinas para preparação de solo	72,1	—	71,4	0,6%	-1,0%	—
1901	Preparações à base de cereais	69,0	74,3	46,4	0,4%	-32,7%	-37,6%
3826	Biodiesel e misturas	67,5	70,9	101,4	0,8%	+50,1%	+43,0%
Subtotal	—	8.826,4	8.920,2	9.115,6	74,0%	+3,3%	+2,2%
Outros	—	2.461,7	2.616,7	3.197,8	26,0%	+29,9%	+22,2%
Valor Total	—	11.288,1	11.536,9	12.313,4	100,0%	+9,1%	+6,7%

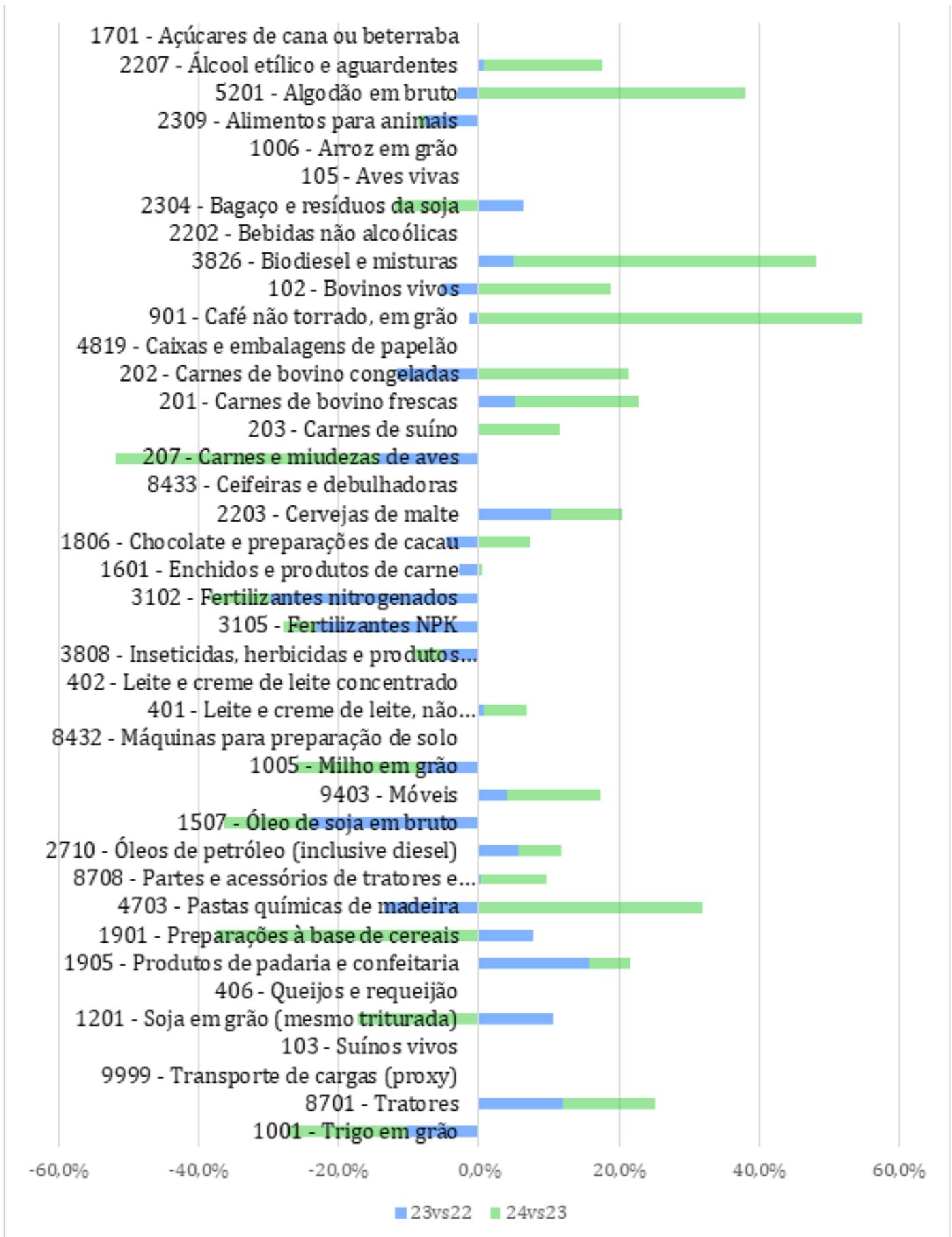
Os dados de valores transacionados revelam um cenário misto no agronegócio em 2024, com importantes mudanças no peso relativo de alguns segmentos. A **Soja (NCM 1201)** continua como o principal destaque, respondendo por uma fatia significativa do total transacionado, mesmo com uma queda de **17% em relação a 2023**. Essa retração é expressiva e pode refletir preços médios mais baixos no mercado internacional e uma menor demanda global no período. **Milho (NCM 1005)** segue a mesma tendência, com queda ainda mais acentuada (**-18% em relação a 2023**), o que sugere um ajuste simultâneo de preços e de volume exportado.

Em contraste, **álcool (NCM 2207)** registrou um crescimento relevante (**+17% em relação a 2023**), indicando maior dinamismo na produção e na exportação, provavelmente impulsionado pela demanda por biocombustíveis. **Café (NCM 901)** apresentou crescimento de **55% em relação a 2023**, que se destaca como o maior entre os principais produtos, sugerindo uma valorização importante no preço internacional ou um aumento de volume exportado — um ponto de atenção positivo para a balança comercial.

No campo dos insumos, os fertilizantes nitrogenados (NCM 3102) continuam em queda (**-8% em relação a 2023 e -35% desde 2022**), refletindo preços mais baixos no mercado global após o pico observado no início do conflito Rússia-Ucrânia. Ainda assim, o volume transacionado segue robusto, mostrando que o setor agrícola manteve a intensidade de uso.

Outro ponto relevante é a recuperação dos tratores (NCM 8701), com crescimento de **13% em relação a 2023** e acumulando **mais de 27% desde 2022**, sugerindo retomada dos investimentos em mecanização. Esse dado é positivo para o setor de máquinas e equipamentos, sinalizando confiança na expansão da produção agropecuária no médio prazo.

## Percentual de crescimento de 2023vs2022 e 2024vs2023 por NCM



A Figura 18 evidencia como se comportou o crescimento de cada NCM nos anos analisados. Alguns setores obtiveram crescimento nos dois períodos, como biodiesel, carnes de bovino frescas, cervejas de malte e tratores. Outros tiveram “crescimento negativo” em 23vs22 mas se recuperaram em 24, como bovinos vivos, chocolate e pastas químicas de madeira, já complexos ligados a commodities sofreram duas reduções seguidas, como carnes e miudezas de aves, milho em grão e óleo de soja em bruto, por exemplo.

Assim, o setor se dividiu em vencedores e perdedores, não por falhas de produção, mas por vulnerabilidades específicas e oportunidades de mercado. Por um lado, houve um crescimento robusto e um desempenho recorde em setores estratégicos. Por outro lado, algumas das principais commodities sofreram quedas significativas no valor transacionado. O complexo da soja viu seu valor de exportação diminuir, uma dinâmica causada principalmente pela forte queda nos preços internacionais da commodity e por problemas climáticos que afetaram o início da safra. A carne de aves, por sua vez, experimentou um colapso nas exportações como consequência direta do surto de gripe aviária que resultou em embargos de mercados globais-chave.

Adicionalmente, o valor das exportações de biodiesel registrou uma queda acentuada, não por uma falta de produção, mas devido a uma mudança estratégica do mercado, que priorizou a crescente demanda interna em detrimento da exportação, impulsionada pela política de aumento da mistura de biodiesel no diesel fóssil.

### I.13. VALORES COMERCIALIZADOS POR POSIÇÃO DA NCM<sup>10</sup>

**Tabela 22 - Valores Comercializados por Posição da NCM**

NCM	DESCRIÇÃO	2022	2023	2024	% 2024	VAR. 22-24	VAR. 23-24
1201	Soja em grão (mesmo triturada)	1.024,4	1.132,0	935,8	11,6%	-8,6%	-17,3%
3808	Inseticidas, herbicidas e produtos semelhantes	389,4	368,9	354,2	4,4%	-9,0%	-4,0%
1005	Milho em grão	431,0	395,5	325,6	4,0%	-24,4%	-17,7%
2207	Álcool etílico e aguardentes	319,7	322,2	376,6	4,7%	+17,8%	+16,9%
3105	Fertilizantes NPK	264,6	203,6	193,2	2,4%	-27,0%	-5,1%
2710	Óleos de petróleo (inclusive diesel)	140,6	149,2	158,2	2,0%	+12,5%	+6,0%
901	Café não torrado, em grão	213,8	210,6	326,6	4,0%	+52,7%	+55,1%
102	Bovinos vivos	204,3	192,4	228,7	2,8%	+11,9%	+18,9%
2309	Alimentos para animais	188,4	174,2	172,5	2,1%	-8,4%	-1,0%
207	Carnes e miudezas de aves	169,0	147,1	92,8	1,1%	-45,1%	-36,9%
8701	Tratores	159,4	179,9	202,7	2,5%	+27,1%	+12,7%
2203	Cervejas de malte	157,0	173,4	190,7	2,4%	+21,5%	+10,0%
1701	Açúcares de cana ou beterraba	156,4	—	265,8	3,3%	+69,9%	—
201	Carnes de bovino frescas	124,7	130,2	153,3	1,9%	+22,9%	+17,8%
3102	Fertilizantes nitrogenados	122,5	86,4	79,4	1,0%	-35,2%	-8,1%
2304	Bagaço e resíduos da soja	126,8	135,2	119,3	1,5%	-5,9%	-11,8%
8708	Partes e acessórios de tratores e veículos	110,0	110,0	120,7	1,5%	+9,8%	+9,7%
2202	Bebidas não alcoólicas	92,0	—	123,1	1,5%	+33,8%	—
1905	Produtos de padaria e confeitaria	87,8	101,4	107,7	1,3%	+22,7%	+6,2%
1507	Óleo de soja em bruto	87,9	67,0	59,2	0,7%	-32,7%	-11,6%
5201	Algodão em bruto	84,7	81,7	113,3	1,4%	+33,8%	+38,7%
9999	Transporte de cargas (proxy)	104,6	—	116,6	1,4%	+11,5%	—

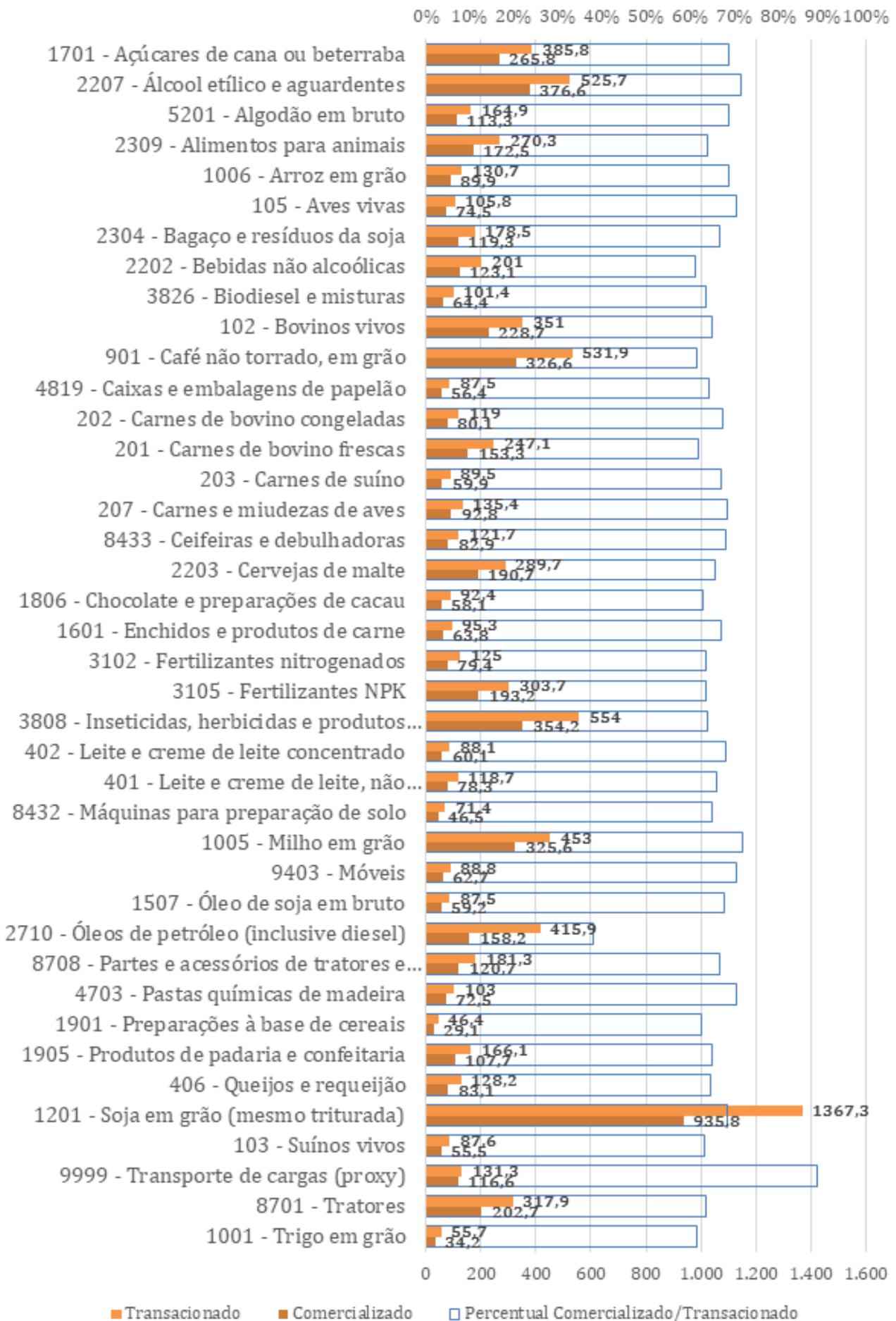
NCM	DESCRIÇÃO	2022	2023	2024	% 2024	VAR. 22-24	VAR. 23-24
202	Carnes de bovino congeladas	74,7	66,0	80,1	1,0%	+7,3%	+21,3%
401	Leite e creme de leite, não concentrado	73,4	73,9	78,3	1,0%	+6,7%	+6,0%
406	Queijos e requeijão	68,6	—	83,1	1,0%	+21,1%	—
8433	Ceifeiras e debulhadoras	69,5	—	82,9	1,0%	+19,3%	—
1601	Enchidos e produtos de carne	65,4	63,5	63,8	0,8%	-2,5%	+0,5%
1006	Arroz em grão	65,5	—	89,9	1,1%	+37,2%	—
4703	Pastas químicas de madeira	63,5	55,0	72,5	0,9%	+14,2%	+31,8%
105	Aves vivas	63,5	—	74,5	0,9%	+17,3%	—
1806	Chocolate e preparações de cacau	54,4	51,8	58,1	0,7%	+6,8%	+12,1%
203	Carnes de suíno	53,6	53,5	59,9	0,7%	+11,8%	+11,9%
4819	Caixas e embalagens de papelão	49,1	—	56,4	0,7%	+14,8%	—
9403	Móveis	53,2	55,3	62,7	0,8%	+17,9%	+13,4%
1001	Trigo em grão	45,9	41,1	34,2	0,4%	-25,4%	-16,7%
103	Suínos vivos	47,0	—	55,5	0,7%	+18,1%	—
402	Leite e creme de leite concentrado	49,9	—	60,1	0,7%	+20,4%	—
8432	Máquinas para preparação de solo	47,4	—	46,5	0,6%	-2,0%	—
1901	Preparações à base de cereais	39,4	41,7	29,1	0,4%	-26,1%	-30,2%
3826	Biodiesel e misturas	42,8	45,0	64,4	0,8%	+50,5%	+43,1%
Subtotal	—	5.785,3	5.852,0	5.968,4	73,9%	+3,2%	+2,0%
Outros	—	1.608,4	1.711,3	2.106,6	26,1%	+31,0%	+23,1%
Valor Total	—	7.393,7	7.563,2	8.075,0	100,0%	+9,2%	+6,8%

Os valores **comercializados** provocam com que segmentos com alta incidência de movimentações não comerciais (como remessas e transferências) tenham participação proporcionalmente menor. A soja, por exemplo, que segue como o principal segmento em termos de valores transacionados, apresenta uma **redução ainda mais expressiva no comercializado**, o que indica que parte relevante da movimentação em 2024 esteve associada a operações de exportação e logística internas (remessas para beneficiamento, armazenagem ou transferências de entrepostos), e não à venda direta. No início do ano de 2024, a safra 2023/24 foi afetada por estresse hídrico e excesso de chuvas em regiões-chave do país, como o Centro-Oeste e a região do Matopiba, o que resultou em uma menor disponibilidade do grão para exportação na primeira metade do ano, contribuindo para a queda no valor total. Simultaneamente, os preços internacionais da soja caíram para os menores patamares desde 2020. A forte oferta global, juntamente com estoques elevados, exerceu uma pressão baixista sobre as cotações, o que desvalorizou o volume de soja que foi exportado. A safra 2024/25, que começou a ser colhida mais tarde no ano, foi de fato um novo recorde, com estimativas de 166,33 milhões a 171,5 milhões de toneladas. No entanto, o volume recorde não foi suficiente para compensar a acentuada desvalorização dos preços, o que resultou na queda do valor total transacionado na comparação anual. Este cenário acendeu alertas no setor, especialmente em relação à capacidade de os produtores honrarem suas dívidas, em um cenário de redução de margens de lucro, o que já havia ocorrido em 2015 em condições semelhantes.

Outro ponto relevante é a posição de **combustíveis e insumos**, que mantêm elevada participação no transacionado, mas têm uma redução proporcional no comercializado. Isso demonstra que uma fração considerável das movimentações desses produtos ocorre em contextos de uso próprio, distribuição ou transferência entre unidades do mesmo grupo econômico, sem necessariamente gerar uma venda no mercado.

<sup>10</sup> Os dados faltantes na tabela referem-se a NCMs descontinuadas no período.

**Figura 19 - Valores transacionados vs comercializados por NCM em 2024**



Além disso, observa-se que os produtos com maior transformação industrial (por exemplo, alimentos processados e bebidas) tendem a apresentar **menor diferença entre transacionado e comercializado**, reforçando que são cadeias mais integradas e que operam com menor proporção de movimentações internas. Já os produtos básicos (como soja, milho e insumos) apresentam diferenças mais amplas, evidenciando que boa parte de sua movimentação ainda é voltada a etapas intermediárias da cadeia, antes de gerar faturamento final.

Não foi observado uma variação relevante ano versus ano da proporção do valor comercializado em relação ao valor transacionado, por isso a Figura 19, que analisa o ano de 2024, é suficiente para esta análise. Notam-se dois outliers: NCM 2710 óleos de petróleo, com o valor comercializado correspondente a 38% do valor transacionado, e p NCM 9999 transporte de cargas (proxy), atingindo 89% deste indicador. Os demais ficam na média de 66%, variando entre 61% e 72%.

Por fim, a leitura dos valores comercializados sugere que o impacto dos preços internacionais é sentido de forma mais direta na receita do setor, uma vez que os números são mais sensíveis às flutuações de mercado do que os valores transacionados totais. Isso é particularmente importante para o planejamento de arrecadação tributária e para políticas públicas, já que a base de incidência fiscal tende a estar mais alinhada aos valores comercializados.



## CAPÍTULO 2 – TRIBUTOS DO AGRONEGÓCIO

**Tabela 23 - Arrecadação do governo**

CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Total	3.342,1	3.629,1	3.796,2	13,6%	4,6%
Agronegócio	790,5	897,5	930,8	17,8%	3,7%
% do total	23,7%	24,7%	24,5%	-	-
Setor Primário	149,1	165,6	166,7	11,8%	0,7%
% do agro	18,9%	18,5%	17,9%	-	-
Setor Secundário	374,1	441,3	463,9	23,9%	5,1%
% do agro	47,3%	49,2%	49,8%	-	-
Setor Terciário	267,2	290,6	300,2	12,3%	3,3%
% do agro	33,8%	32,4%	32,3%	-	-

Cabe lembrar que não se consideram no **agronegócio** apenas os produtores diretos do setor primário – aqueles que cultivam, criam ou extraem da natureza os bens que dão origem à produção agropecuária. É verdade que eles representam o núcleo essencial do agro, pois são os responsáveis por gerar os produtos primários: grãos, carnes, leite, madeira, fibras, entre outros. Porém, o agronegócio é mais amplo e engloba também as atividades que ocorrem ao longo de toda a **cadeia de produção**.

No **setor secundário**, encontramos as empresas que utilizam os produtos primários como insumos para gerar novos bens de maior valor agregado. São os frigoríficos que abatem e processam carne, as indústrias que transformam leite em derivados, os moinhos que produzem farinha, e as fábricas de biodiesel que utilizam óleo vegetal, por exemplo. Nessa etapa, ocorre a industrialização dos produtos do campo, transformando a matéria-prima em produtos finais ou semiacabados, prontos para o consumo ou para etapas seguintes de processamento.

O **setor terciário** também participa do agronegócio, pois inclui empresas de logística, armazenagem, transporte, comércio atacadista e varejista de produtos agropecuários, além de serviços de tecnologia para o campo, assistência técnica e crédito rural. Sem essas atividades, a produção do setor primário não chegaria ao consumidor final nem se integraria aos mercados internacionais.

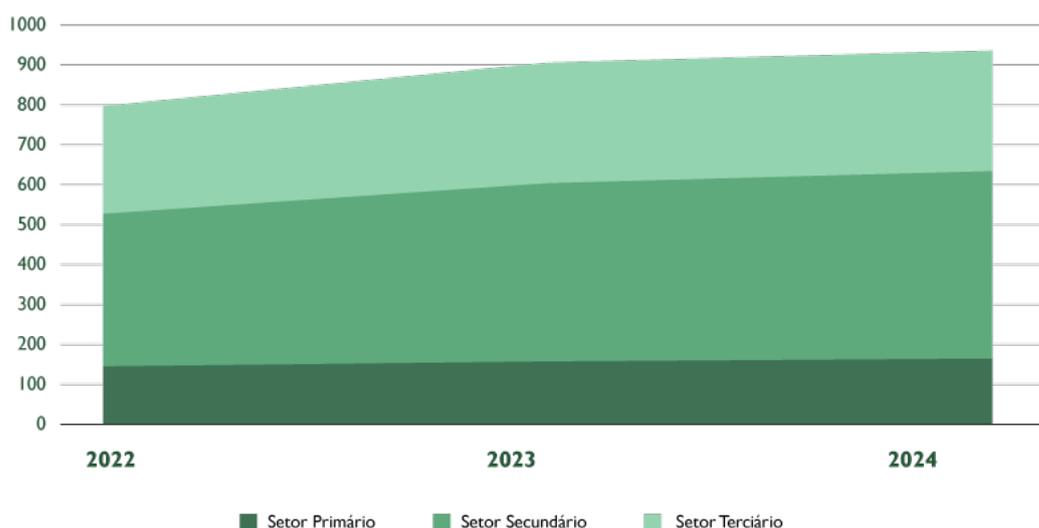
A arrecadação total do governo apresentou crescimento consistente entre 2022 e 2024, saindo de **R\$ 3,34 trilhões** para **R\$ 3,80 trilhões**, um avanço acumulado de **13,6%**. O agronegócio teve um desempenho ainda mais expressivo, com crescimento de **17,8%** no mesmo período, passando a representar cerca de **24,5% da arrecadação nacional** em 2024. Isso reforça o peso crescente do setor na geração de receitas públicas e sua relevância para a sustentabilidade fiscal do país. Essa expansão ocorreu apesar da volatilidade e da deflação de preços das principais commodities, demonstrando que a base tributária do agronegócio é mais ampla e estável do que a métrica de valor de produção isolada sugere.

O crescimento fiscal foi impulsionado majoritariamente pela agroindústria (Setor Secundário) e pelos agrosserviços (Setor Terciário), que responderam, em 2022, por mais de 80% da receita tributária do setor. Enquanto o Setor Primário, embora tenha crescido em volume de produção, enfrentou desafios de preço que moderaram sua contribuição, os segmentos de agregação de valor e de serviços prosperaram. Essa dinâmica aponta para uma cadeia de valor complexa e interdependente, onde a robustez fiscal se manifesta nas etapas de transformação e comercialização. O desempenho do setor é uma função da capacidade de expandir o volume de produção e diversificar as exportações, compensando a deflação e garantindo um fluxo constante de receitas para o Estado.

Um comparativo interessante reforça essa dimensão: em 2024, o orçamento total destinado ao **Bolsa Família foi de R\$ 169,7 bilhões**. Ou seja, a arrecadação proveniente do agronegócio seria suficiente para custear integralmente o programa mais de 5 vezes.

Esse desempenho mostra que o setor não apenas movimenta a economia em termos de produção e logística, mas também é um dos **principais pilares de sustentação fiscal do país**. A cada ano, quase **um quarto da arrecadação brasileira tem origem direta nas cadeias do agro**.

**Figura 20 - Arrecadação de tributos do agronegócio por setor (R\$ bi)**

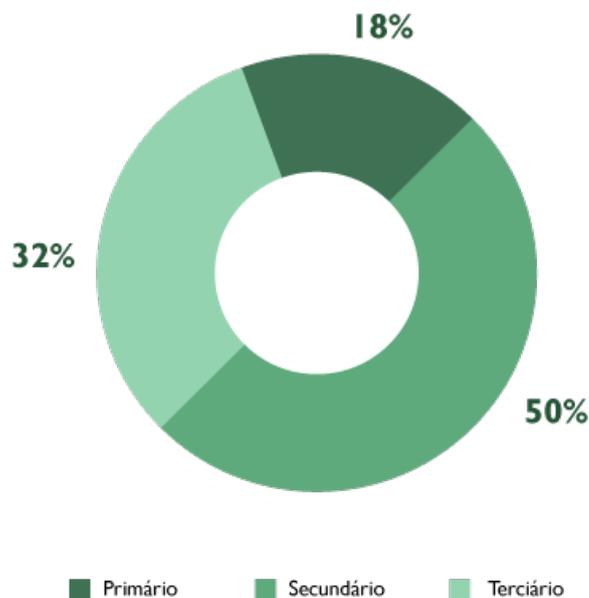


Dentro do agronegócio, o **setor secundário**, que abarca a agroindústria e a transformação das matérias-primas agropecuárias, é o maior contribuinte, respondendo por quase **50% da arrecadação do agro** em 2024. Esse resultado reflete a alta carga tributária incidente na transformação de produtos, tanto pelos impostos sobre produção e consumo (como ICMS, PIS/Cofins e IPI), quanto pelos tributos diretos sobre folha e lucro, além do alto valor adicionado por esse setor nos preços finais. O crescimento de **23,9%** no acumulado 2022-2024 indica dinamismo da indústria de transformação, possivelmente impulsionado pelo aumento da demanda interna e pela expansão das exportações de produtos industrializados do agro. No período analisado, o Setor Secundário também foi o que apresentou a maior taxa de crescimento entre os três segmentos.

O dinamismo deste segmento é explicado pelo sólido desempenho da agroindústria, que continua a agregar valor à produção do campo. Os dados de exportação corroboram essa tendência, com a indústria de transformação desempenhando um papel crucial. Por exemplo, em 2024, a redução nas vendas do complexo soja, impactada pela menor safra e preços achatados, foi significativamente compensada pelo crescimento das exportações de produtos agroindustriais como carnes (+11,4%), complexo sucroalcooleiro (+13,3%) e produtos florestais (+21,2%). Essa diversificação e o foco em produtos de maior valor agregado, processados pela agroindústria, garantem que a base tributária do agronegócio permaneça robusta e em expansão, mesmo diante de um cenário de volatilidade dos preços das commodities brutas. O setor de carnes, em particular, registrou um recorde histórico em novembro de 2024, com US\$ 2,45 bilhões em exportações, impulsionado pela carne bovina e de frango. O crescimento da agroindústria reflete, portanto, a capacidade do Brasil de se mover além da simples exportação de grãos, gerando receita fiscal em etapas mais avançadas da cadeia.

<sup>11</sup> Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-09/orcamento-2024-nao-preve-correcao-do-ir-nem-reajuste-no-bolsa-familia>

**Figura 21 - Arrecadação por setor 2024**



O setor primário, por sua vez, respondeu por 17,9% da arrecadação do agro em 2024, com crescimento mais moderado de 11,8% no período. Isso é esperado, dado que a produção primária goza de regimes tributários diferenciados e incentivos, como alíquotas reduzidas ou isenções de ICMS em operações internas e desoneração de exportações.

A baixa participação do setor primário apresenta uma aparente contradição quando comparado com os dados de produção física. A safra brasileira de grãos, por exemplo, alcançou um recorde de 324,4 milhões de toneladas no ciclo 2022/2023. No entanto, o valor da produção das principais culturas caiu 2,3% em 2023, um fenômeno explicado pela deflação de preços das commodities. A redução de 5,2% no índice de preços internacionais em 2024 foi parcialmente compensada pelo aumento de 5,2% no volume exportado. Esse cenário demonstra que, embora o volume físico tenha crescido, a base tributável sobre o valor gerado no campo foi impactada negativamente pela queda de preços. O fato de a arrecadação ter crescido mesmo neste contexto indica que o volume de produção foi grande o suficiente para mais do que compensar a deflação.

Já o setor terciário – composto por empresas de logística, armazenagem, comercialização e serviços – representou **32,3% do total arrecadado pelo agro** em 2024. Seu crescimento foi de **12,3%** em relação a 2022, mantendo participação estável ao longo dos anos. A forte presença desse setor na arrecadação indica a importância dos serviços no escoamento e na distribuição da produção rural, e reflete o impacto de tributos indiretos, como ISS, ICMS sobre transporte e PIS/Cofins sobre serviços.

Uma discrepância notável emerge entre os dados de arrecadação e as métricas de PIB divulgadas por diferentes entidades. Enquanto a arrecadação do agronegócio cresceu de forma consistente, os dados do PIB do setor registraram crescimento da atividade agropecuária de 15,1% de 2022 para 2023, puxado pelas safras recorde de soja e milho. Em contrapartida, levantamentos da CNA e Cepea indicaram uma queda no PIB do agronegócio de 2,99% em 2023 e um recuo de 3,5% em 2024, atribuídos principalmente à queda nos preços das commodities e a fatores climáticos. Essa divergência pode ser explicada pela diferença metodológica: a abordagem do IBGE foca na produção bruta do setor agropecuário, enquanto a análise da CNA/Cepea mede toda a cadeia de valor (insumos, primário, agroindústria e serviços) e é mais sensível à deflação de preços.

<sup>12</sup> MAPA: Exportações do agronegócio ultrapassam US\$ 153 bilhões no acumulado de 2024 <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-do-agronegocio-ultrapassam-us-153-bilhoes-no-acumulado-de-2024>

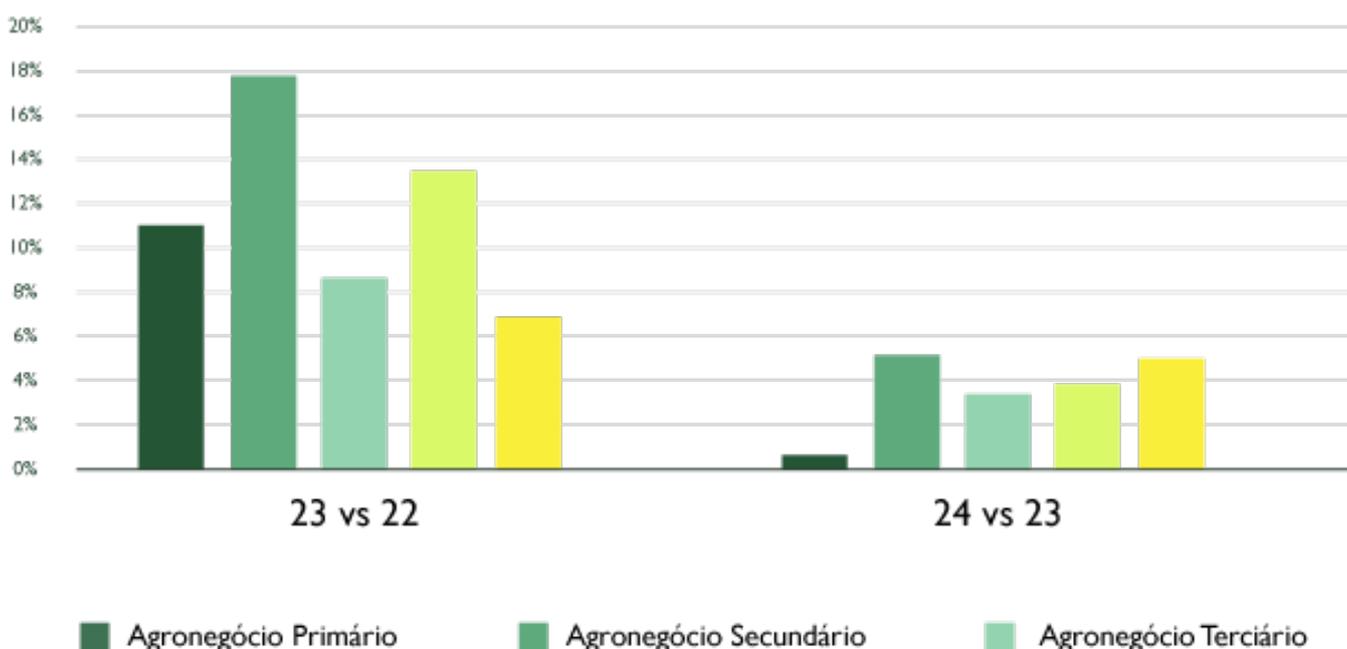
<sup>13</sup> IBGE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41296-pam-2023-safra-bate-recorde-mas-valor-da-producao-cai>

Mas o fato de a arrecadação tributária ter se mantido em crescimento constante, apesar da retração do PIB da cadeia completa, sugere que o sistema fiscal brasileiro tem resistido a oscilações econômicas, seja por aumentos na carga tributária, seja por aumento da formalização no campo.

Cabe ressaltar que está em curso no Congresso Nacional a Reforma Tributária, A reforma busca simplificar o sistema e, para o agronegócio, traz medidas específicas que podem impactar a arrecadação. Uma das principais é a aplicação de alíquotas diferenciadas, com redução de 60% para produtos agropecuários e insumos, e alíquota zero para mais de 20 itens da cesta básica, como frutas, ovos e carnes. Além disso, a isenção de IBS e CBS para pequenos produtores com receita anual abaixo de R\$ 3,6 milhões também é uma medida relevante. Apesar dos potenciais benefícios de simplificação, o setor expressa preocupação com a possibilidade de uma carga tributária efetiva mais elevada, especialmente nos bens comercializados internamente.

A capacidade do agronegócio de se adaptar ao novo regime fiscal, aproveitando os benefícios e gerenciando os riscos, será o principal desafio para o agronegócio de agora até 2033.

**Figura 22 - Crescimento dos tributos por setor**



<sup>14</sup> <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39306-com-alta-recorde-da-agropecuaria-pib-fecha-2023-em-2-9>

<sup>15</sup> <https://www.canalrural.com.br/agricultura/agronegocio/pib-do-agronegocio-acumula-recuo-de-35-em-2024-veja-segmentos-mais-impactados/>

## CAPÍTULO 3 – A LOGÍSTICA DO AGRONEGÓCIO

A partir de milhares de operações logísticas reais mapeadas em todo o país, este estudo revela também os quantitativos do transporte de produtos do agronegócio no país, preços médios, principais rotas rodoviárias de escoamento de grãos, além de diversos indicadores importantes para a análise econômica do setor. Informações de valor para o produtor rural comparar, negociar e planejar o seu negócio.

O agronegócio brasileiro, pilar da economia nacional, navega um cenário logístico de crescimento robusto, mas com desafios estruturais persistentes. A análise dos dados de 2022 a 2024 revela uma dinâmica paradoxal: enquanto o volume de transporte do setor avança consistentemente, sua participação relativa no fluxo total de cargas do país se mantém estável, sugerindo que outros segmentos da economia cresceram a um ritmo ligeiramente mais acelerado. Simultaneamente, o custo do frete no agronegócio se distancia da média nacional, refletindo uma estrutura de operação de longa distância, com custos mais rígidos e menos sensíveis às variações de mercado.

A matriz de transporte, embora ainda dominada pelo modal rodoviário, mostra sinais de uma transformação gradual e estratégica. O crescimento notável dos modais hidroviário e ferroviário, impulsionado por investimentos em novos corredores como o Arco Norte, representa uma resposta direta e eficiente aos gargalos da infraestrutura terrestre. No entanto, o déficit crônico de armazenagem e a sobrecarga nos portos, amplificados pela baixa taxa de investimento em infraestrutura, continuam a corroer a competitividade do setor no mercado global. A solução para esses desafios passa pela diversificação modal, pelo aumento da capacidade de armazenagem no campo e pela adoção em larga escala de tecnologias de ponta, como automação e rastreabilidade, que prometem mitigar as deficiências físicas e agregar valor à cadeia produtiva.

### Conhecimento de Transporte Eletrônico (CT-E)

Outra inovação trazida pelo empresômetro neste estudo é a obtenção de dados agregados a nível nacional dos quantitativos de CT-Es

O **Conhecimento de Transporte Eletrônico (CT-E)** é o documento fiscal que registra, de forma digital, a prestação de serviços de transporte de cargas no Brasil. Ao consolidar e divulgar dados agregados em nível nacional, é possível obter uma visão estratégica do fluxo de mercadorias no país, permitindo mapear volumes transportados, rotas mais utilizadas e sazonalidade da demanda logística.

Esses dados são relevantes porque oferecem um termômetro em tempo quase real da atividade econômica, dado que a emissão de CT-e está diretamente ligada à dinâmica do mercado em um determinado momento.

Tais informações são especialmente úteis a empresas de logística, à indústria como um todo, para planejar estoques e identificar gargalos logísticos, bem como investidores e instituições financeiras que acompanham o desempenho desses setores.

### 3.1. QUANTITATIVO DE CT-ES

O agronegócio demonstra um crescimento fiscal consistente e superior ao da arrecadação total do governo, confirmando seu papel como um motor de receita pública. No âmbito logístico, o setor se mantém como um dos principais geradores de fluxo de cargas, embora o custo médio do frete, impulsionado por uma estrutura de longa distância e a dependência do modal rodoviário, permaneça significativamente superior à média nacional. A predominância dos setores secundário e terciário na arrecadação e a rigidez dos custos logísticos ressaltam a necessidade estratégica de investimentos em infraestrutura e tecnologia.

**Tabela 24 - Quantitativo de CT-Es**

CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Brasil	1.734.306.619	1.924.289.145	2.179.001.230	25,6%	13,2%
Agronegócio	184.768.765	196.226.700	222.798.782	20,6%	13,5%
% do total	10,7%	10,2%	10,2%	-	-

O volume de CT-es emitidos no Brasil apresentou crescimento expressivo, passando de **1,73 bilhão em 2022 para 2,18 bilhões em 2024**, uma variação acumulada de **25,6%** no período. Apenas entre 2023 e 2024, o crescimento foi de **13,2%**, o que indica uma aceleração significativa no fluxo de mercadorias transportadas e registradas. Esse avanço é um importante indicativo de aquecimento da economia, do aumento do consumo e da intensificação das cadeias logísticas nacionais.

O **agronegócio** acompanhou a tendência de crescimento, com avanço de **20,6%** no acumulado 2022-2024 e de **13,5%** na comparação 2023-2024, atingindo **222,8 milhões de CT-es** em 2024. Embora o crescimento seja robusto, a **participação do agronegócio no total caiu levemente**, de 10,7% em 2022 para 10,2% em 2023 e 2024. Essa estabilidade em patamar ligeiramente menor sugere que outros setores da economia (indústria, comércio e serviços) cresceram em ritmo um pouco mais acelerado no mesmo período.

Do ponto de vista analítico, esses dados indicam que o transporte de cargas no país segue em expansão, impulsionado por diversos setores, mas com **ganho relativo de participação fora do agronegócio**. Para formuladores de política pública e gestores de infraestrutura logística, isso significa que o crescimento da demanda por transporte é generalizado, não restrito ao setor rural, exigindo investimentos equilibrados em corredores de escoamento, terminais multimodais e soluções de eficiência operacional que atendam toda a economia.

Para o **agronegócio**, o desafio é manter ou ampliar sua participação no fluxo total de cargas, possivelmente por meio de maior agregação de valor, diversificação de produtos transportados e ganhos de eficiência nas operações logísticas.

### 3.2. VALORES DOS FRETES (NACIONAL)

O custo do frete é um fator crítico para a competitividade do agronegócio. O estudo revela que o valor médio do frete por CT-e do setor permaneceu consistentemente muito acima da média nacional. A Tabela 25 apresenta a seguir os valores totais de remuneração de serviços de frete no país nos anos de 2022 a 2024.

**Tabela 25 - Valores totais de remuneração de frete (R\$ bi)**

CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Total - Todos os Setores	576,4	560,1	579,0	0,5%	3,4%
Agronegócio	104,6	121,5	126,4	20,8%	4,0%
% do total	18,2%	21,7%	21,8%	-	-
Produtor Rural	48,0	48,9	50,4	5,1%	3,1%
% do total	8,3%	8,7%	8,7%	-	-
% do agronegócio	45,9%	40,2%	39,9%	-	-

Munidos desses dados, podemos calcular uma espécie de preço médio do frete, dividindo o valor total pelo número de CT-Es emitidas nos anos. Chegamos ao seguinte resultado (valores em R\$):

**Tabela 26 - Preço médio do frete**

CATEGORIA	2022	2023	2024	VARIAÇÃO 22-24	VARIAÇÃO 23-24
Total – Todos os Setores	332,33	291,06	265,70	-20,0%	-8,7%
Agronegócio	566,21	619,30	567,39	0,2%	-8,4%
% do total	170,4%	212,8%	213,6%	-	-
Produtor Rural	48,0	48,9	50,4	5,1%	3,1%
% do total	8,3%	8,7%	8,7%	-	-
% do agronegócio	45,9%	40,2%	39,9%	-	-

Entre 2022 e 2024, observou-se uma queda consistente no **valor médio do frete por CT-e**. Em 2022, o valor médio nacional era de **R\$ 332,33** por CT-e, caindo para **R\$ 291,06** em 2023 e chegando a **R\$ 265,70** em 2024 – uma redução acumulada de **20,0%**, com **8,7%** apenas no último ano. Esse movimento sugere uma dinâmica de maior oferta e eficiência no setor de transportes, além de ajustes na cadeia logística que refletiram em preços médios mais baixos.

Esse movimento é parcialmente explicado pela forte queda no preço do diesel entre 2022 e 2023. O diesel S10 alcançou picos de cerca de **R\$ 7,55 por litro na segunda metade de 2022**, enquanto em dezembro de 2023 a média nacional já havia baixado para **R\$ 6,06/L**. Essa redução substancial nos custos com combustível certamente contribuiu para aliviar o valor dos fretes, especialmente nos trajetos de curta e média distância, mais sensíveis à variação de preço.

Por outro lado, em 2024, o preço do diesel se estabilizou em torno de **R\$ 6,13/L** – um valor superior ao final de 2023, mas ainda bem abaixo dos picos de 2022. Nesse regime de estabilidade de preço do combustível, a continuação da queda no valor médio do frete indica que outros fatores passaram a ter maior peso no comportamento dos preços: aumento da capacidade da oferta de transporte (frota), maior presença de fretes urbanos ou de curta distância, e maior eficiência operacional ou renegociação de contratos.

No **agronegócio**, o valor médio por CT-e permaneceu muito acima da média nacional – R\$ 566,21 em 2022, subindo para R\$ 619,30 em 2023, e recuando para R\$ 567,39 em 2024. Essa trajetória reforça uma estrutura de custos mais rígida: o setor agro opera com distâncias mais longas – do campo até centros urbanos ou portos –, o que implica maiores custos logísticos fixos (combustível, manutenção, pedágios). A queda em 2024 reflete parcialmente a acomodação do preço do diesel, mas o recuo mais tímido no valor médio evidencia que a logística de longa distância reage com menos elasticidade às mudanças de custo de combustível.

Isolando-se os demais setores fora do agronegócio, observa-se o aumento desproporcional do preço médio do frete. Veja na Tabela 27 que o preço médio do agronegócio representava 186% do preço dos demais setores, enquanto em 2024 este valor ficou em 245%.

**Tabela 27 - Preço médio demais setores vs agronegócio**

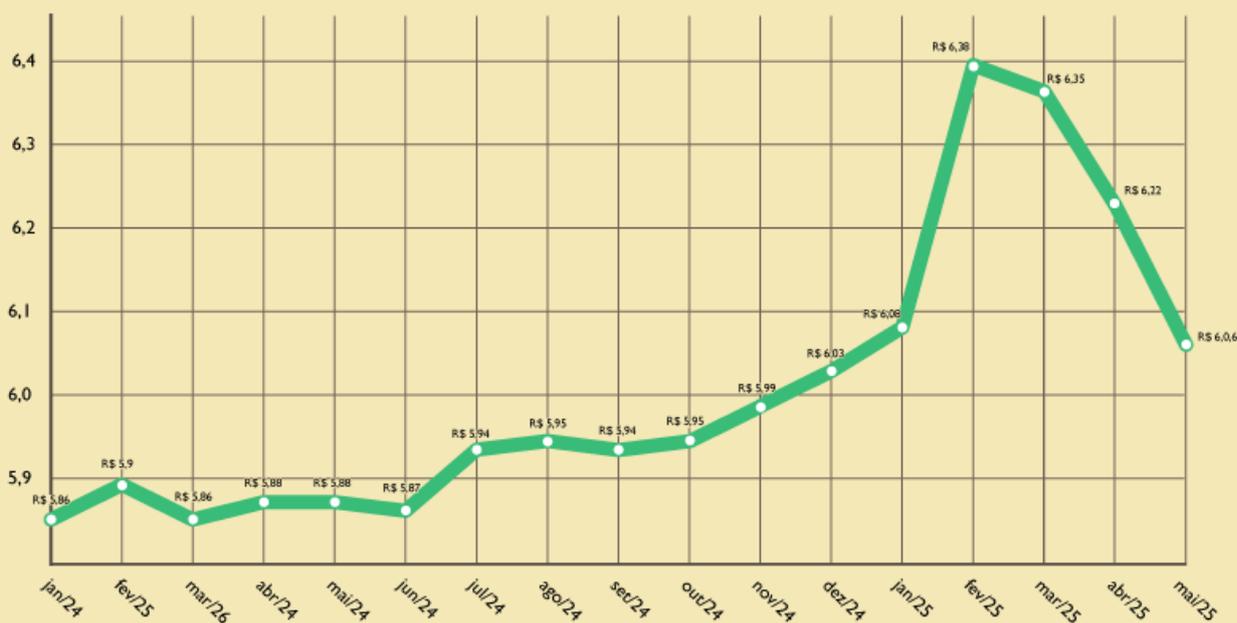
CATEGORIA	2022	2023	2024	MINIGRÁFICO
Total – Todos os Setores	332	291	266	
Demais setores	304	254	231	
Agronegócio	566	619	567	
Preço do agronegócio vs demais setores	186%	244%	245%	

No âmbito nacional, o valor médio menor reflete o peso dos fretes curtos urbanos e intermunicipais na composição total de CT-e emitidos. Fretes para fábricas, centros de distribuição ou comércio local são de menor valor, mas numericamente preponderantes e mais sensíveis a reduções nos custos variáveis, o que alavanca a redução da média geral. Isso explica por que o sistema logístico urbano interiorizou mais rapidamente os ganhos de custo proporcionados por preços menores de diesel.

### Conhecimento de Transporte Eletrônico (CT-E)

O valor do frete por tonelada é fortemente influenciado pelo custo do combustível, sobretudo no modal rodoviário (ainda que minoritário nesta rota, afeta o preço de referência do mercado). Mesmo em modais ferroviários, o frete é negociado com base na competitividade modal — e o diesel serve como balizador.

### Evolução do Preço Médio de Revenda do Diesel (jan/24 a maio/25)

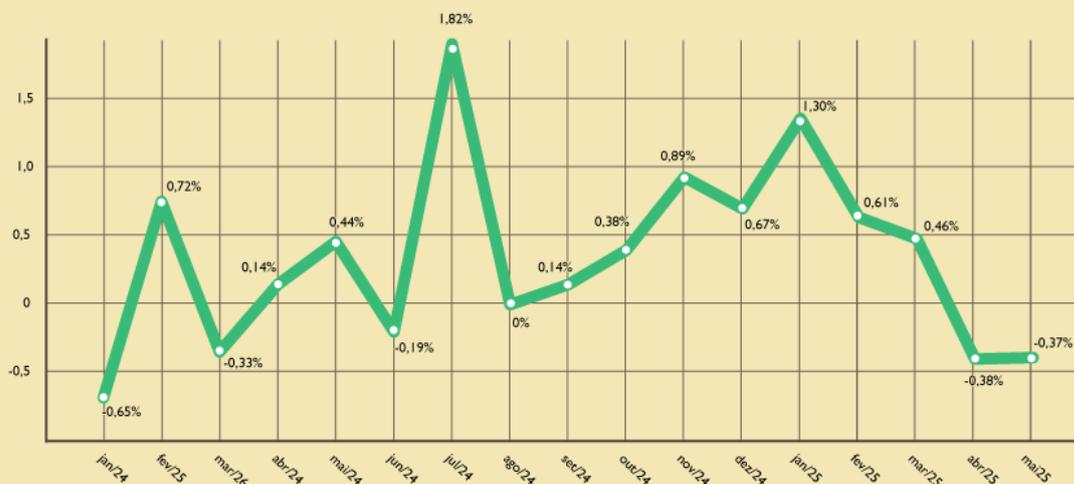


- Fev/2023 e Jan/2024 apresentaram valores elevados (R\$181 e R\$196/ton) — coincidem com momentos de alta no preço do diesel, segundo dados da ANP.
- Dez/2024 a Jan/2025 marcam mínimas históricas (R\$142 a R\$122/ton) — período que acompanha redução significativa no diesel, conforme série histórica da Petrobras (após cortes nas refinarias e estabilização cambial).
- Abr/2025 (R\$184/ton) ocorre após recuperação no diesel e aumento sazonal da demanda, pressionando tarifas.

## Frete vs. IPCA

O frete também acompanha o comportamento inflacionário. O IPCA afeta diretamente custos operacionais (manutenção, pneus, salários), margens das transportadoras e reajustes contratuais de frete.

### Variação Mensal do IPCA - Grupo Transportes (jan/24 a mai/25)



- Durante 2023, o frete se manteve entre R\$146 e R\$176/ton, compatível com o IPCA acumulado controlado (~4,6%).
- Em 2024, o índice começa a subir (IPCA acumulado ~4,8%), pressionando os valores — vemos isso refletido entre junho e outubro, onde o frete ultrapassa R\$175/t.
- A retomada em 2025, com valores próximos de R\$180, também reflete

### 3.3. PRINCIPAIS ROTAS RODOVIÁRIAS DE TRANSPORTE DE SOJA E MILHO NO BRASIL

O transporte de grãos no Brasil é um dos pilares logísticos do agronegócio nacional. Dentre os diversos modais utilizados, o rodoviário responde por aproximadamente 65% de toda a carga transportada no país, segundo dados ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres), sendo, portanto, o principal meio de escoamento da produção agrícola nas fases iniciais da cadeia logística.

A partir da análise de milhares de operações logísticas mapeadas em todo o país — chegamos às 10 principais rotas rodoviárias de escoamento de soja e milho no Brasil com base em volume e frequência de operações. As rotas conectam polos produtivos do Centro-Oeste e do Sul a importantes hubs logísticos, com destaque para Rondonópolis (MT) — destino recorrente em várias dessas rotas por abrigar um dos maiores terminais ferroviários do país, funcionando como ponto de integração entre os modais rodoviário e ferroviário no escoamento voltado à exportação.

A predominância de origens no Mato Grosso, maior produtor de grãos do país, reforça sua relevância estratégica. Já os destinos como Rio Verde (GO) e Rio Grande (RS) desempenham papel fundamental como centros de consolidação logística e exportação.

Compreender essas rotas rodoviárias é essencial para análises de frete, ganho de eficiência operacional e planejamento estratégico no transporte de commodities agrícolas.

Embora os dados apontem para uma pequena queda na participação, de 84% para 76% no transporte de milho e de 75% para 69% no caso da soja, a dominância do caminhão é um fato incontestável. Essa predominância é explicada por vantagens estratégicas como a capilaridade e a flexibilidade, permitindo que os caminhões acessem propriedades rurais em áreas remotas e se adaptem a alterações de rota em tempo real.

Contudo, a dependência quase exclusiva da rodovia acarreta um custo elevado para o produtor e a economia. A logística de grãos de baixo valor agregado por longas distâncias (acima de 150 km) é ineficiente. Essa ineficiência se agrava com o déficit de armazenagem no país, que tem capacidade para estocar apenas 60% a 70% da produção de grãos. A consequência é o fenômeno do "estoque sobre rodas", no qual a colheita, concentrada em poucos meses, sobrecarrega as estradas e os portos, com caminhões parados em longas filas, transformando-se em armazéns móveis e elevando os custos operacionais.

### 3.4. CUSTOS LOGÍSTICOS NAS 10 PRINCIPAIS ROTAS RODOVIÁRIAS DE SOJA E MILHO NO BRASIL

Esta seção apresenta uma análise comparativa dos custos logísticos nas 10 principais rotas apresentadas, considerando tanto o valor médio do frete quanto o custo por tonelada transportada (R\$/Ton).

As rotas envolvem majoritariamente municípios do estado de Mato Grosso com destino a hubs logísticos ou terminais ferroviários, como Rondonópolis e Rio Verde, responsáveis pelo escoamento em larga escala das commodities para exportação. A concentração em Rondonópolis é explicada pela presença do principal terminal ferroviário do Centro-Oeste, operado por grandes players logísticos, que conectam a produção agrícola ao Porto de Santos.

ROTA	MÉDIA FRETE	MODA FRETE	MÉDIA R\$/TON	MEDIANA R\$/TON	MODA R\$/TON	% FRETE CARGA	MÉDIA VALOR CARGA
SORRISO - RONDONOPOLIS	R\$ 7.167,79	R\$ 7.110,00	R\$ 155,00	R\$ 150,00	R\$ 150,00	10,5%	R\$ 68.245,40
CAMPO NOVO DO PARECIS - RONDONOPOLIS	R\$ 7.086,95	R\$ 7.145,60	R\$ 153,00	R\$ 152,00	R\$ 145,00	10,0%	R\$ 70.831,45
NOVA MUTUM - RONDONOPOLIS	R\$ 6.415,81	R\$ 7.095,20	R\$ 136,00	R\$ 140,00	R\$ 140,00	10,6%	R\$ 60.841,1
QUERENCIA - RIO VERDE	R\$ 8.696,00	R\$ 8.323,00	R\$ 187,00	R\$ 180,00	R\$ 175,00	10,5%	R\$ 83.156,04
CANARANA - RIO VERDE	R\$ 7.543,94	R\$ 8.641,50	R\$ 161,00	R\$ 163,00	R\$ 165,00	8,2%	R\$ 91.770,48
PELOTAS - RIO GRANDE	R\$ 1.452,56	R\$ 1.412,40	R\$ 40,00	R\$ 40,00	R\$ 42,00	1,9%	R\$ 77.319,16
DIAMANTINO - RONDONOPOLIS	R\$ 6.385,03	R\$ 6.088,75	R\$ 134,00	R\$ 135,00	R\$ 130,00	9,4%	R\$ 68.164,26
JATAI - RIO VERDE	R\$ 2.462,48	R\$ 2.466,10	R\$ 62,00	R\$ 60,00	R\$ 65,00	4,6%	R\$ 53.975,35
CAMPO VERDE - RONDONOPOLIS	R\$ 3.356,26	R\$ 3.420,00	R\$ 75,00	R\$ 75,00	R\$ 85,00	5,1%	R\$ 66.382,73
NOVA UBIRATA - RONDONOPOLIS	R\$ 7.385,29	R\$ 6.667,65	R\$ 156,00	R\$ 155,00	R\$ 155,00	11,0%	R\$ 67.168,81

O primeiro semestre de 2025 registrou um aumento no valor do frete por tonelada por quilômetro útil (R\$/TKU) nas três rotas mais representativas do escoamento rodoviário de soja e milho no Brasil. Esse indicador reflete diretamente a pressão de custo logístico nas principais origens produtoras do Mato Grosso, com destino ao hub ferroviário de Rondonópolis.

- **Sorriso → Rondonópolis** (575 km) Frete médio 2025 R\$ 7.868  
Aumento no custo por TKU: +4% em relação ao 1º semestre de 2024
- **Campo Novo do Parecis → Rondonópolis** (618 km) Frete médio 2025 R\$ 7.617  
Aumento no custo por TKU: +6% em relação ao 1º semestre de 2024
- **Nova Mutum → Rondonópolis** (460 km) Frete médio 2025 R\$ 7.218  
Aumento no custo por TKU: +10% em relação ao 1º semestre de 2024

O aumento no R\$/TKU representa uma elevação real do custo logístico por unidade útil transportada. Essa alta pode comprometer a margem dos embarcadores e pressionar o custo total das cadeias de exportação.

É um movimento diretamente ligado ao aumento da inflação no período e à alta do diesel no início de 2025, fatores que impactam diretamente os reajustes contratuais no setor de transportes.

## SORRISO - RONDONOPOLIS

ANO	MÉDIA R\$/TON	MEDIANA R\$/TON	MODA R\$/TON	MÉDIA FRETE	MODA FRETE	% FRETE/CARGA	MÉDIA VALOR CARGA
2024	R\$ 164	R\$ 165	R\$ 180	R\$ 7.549,67	R\$ 8.524,80	9,14%	R\$ 82.587,21
2025	R\$ 170	R\$ 165	R\$ 160	R\$ 7.868,60	R\$ 7.542,40	8,82%	R\$ 89.195,58

## CAMPO NOVO DO PARECIS - RONDONOPOLIS

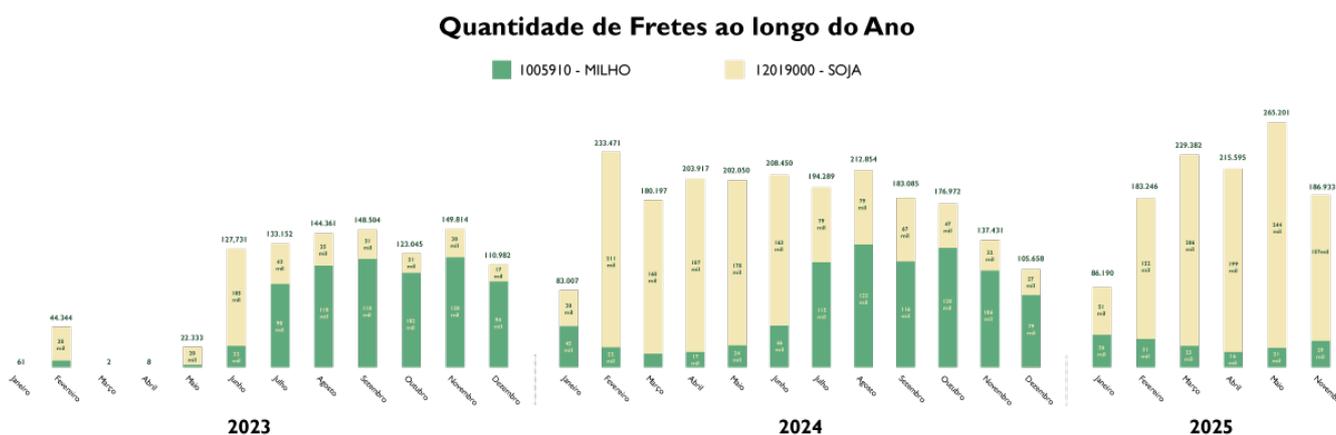
ANO	MÉDIA R\$/TON	MEDIANA R\$/TON	MODA R\$/TON	MÉDIA FRETE	MODA FRETE	% FRETE/CARGA	MÉDIA VALOR CARGA
2024	R\$ 156	R\$ 155	R\$ 155	R\$ 7.186,60	R\$ 7.347,00	7,43%	R\$ 96.789,92
2025	R\$ 168	R\$ 160	R\$ 160	R\$ 7.617,04	R\$ 7.784,70	9,06%	R\$ 84.074,05

## NOVA MUTUM - RONDONOPOLIS

ANO	MÉDIA R\$/TON	MEDIANA R\$/TON	MODA R\$/TON	MÉDIA FRETE	MODA FRETE	% FRETE/CARGA	MÉDIA VALOR CARGA
2024	R\$ 140	R\$ 145	R\$ 150	R\$ 6.551,52	R\$ 7.446,00	7,00%	R\$ 93.634,61
2025	R\$ 155	R\$ 150	R\$ 150	R\$ 7.218,68	R\$ 7.145,60	8,11%	R\$ 89.051,60

### 3.5. VOLUME DE FRETES POR PRODUTO

Abaixo, apresenta um padrão logístico sazonal claro e consistente, refletindo o ciclo agrícola brasileiro, com dois períodos logísticos distintos:



#### Safra de Soja – Pico no 1º Trimestre (jan – mar/2024):

Os meses de janeiro a março registram um volume recorde de fretes de soja, com destaque para:

- Janeiro: 211 mil fretes de soja.
- Fevereiro: 165 mil.
- Março: 178 mil.

Esse movimento está alinhado ao calendário agrícola oficial da CONAB, que indica colheita da soja entre janeiro e março nas regiões Centro-Oeste e Sul, com escoamento imediato para exportação – majoritariamente via porto de Santos. O milho nesse período permanece com volumes residuais, o que confirma o foco quase exclusivo na soja.

## Safra de Milho – Pico no 2º Semestre (jun – set/2024):

A partir de junho, observa-se a inversão do protagonismo:

- Milho lidera os volumes entre junho e setembro, com média superior a 115 mil fretes por mês.
- Julho/2024 atinge o auge com 133 mil operações de milho, enquanto a soja cai para 79 mil.

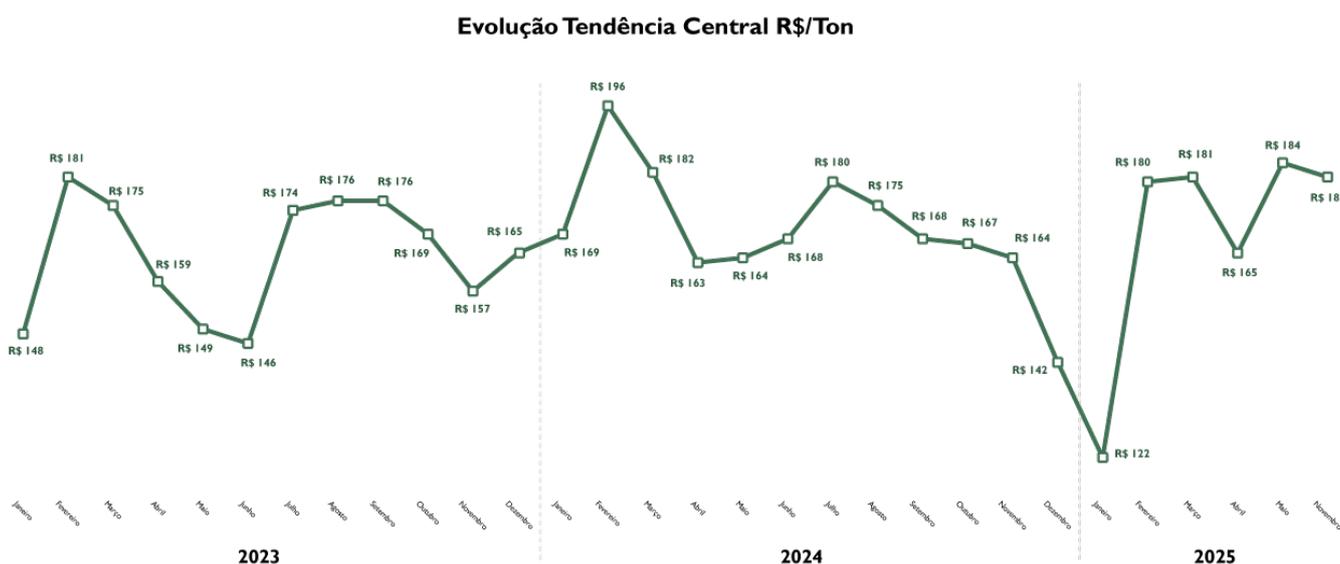
Esse padrão também reflete a safrinha, colhida entre junho e agosto, sendo o milho segunda cultura após a colheita da soja, conforme dados do IBGE e CONAB.

Abril e maio funcionam como período de transição, com volume distribuído de forma mais equilibrada entre as duas culturas. Outubro a dezembro apresentam redução gradual do volume, encerrando o ciclo agrícola com menor pressão logística.

- Soja domina o 1º trimestre, o que exige forte capacidade de escoamento logo no início do ano – período crítico para negociação antecipada de fretes.
- Milho exige resposta logística robusta no 2º semestre, com picos de demanda entre julho e setembro.
- A leitura antecipada desses ciclos permite otimizar contratos logísticos, reduzir custo por tonelada e evitar gargalos operacionais.

## 3.6. DETERMINANTES DO PREÇO DO FRETE:

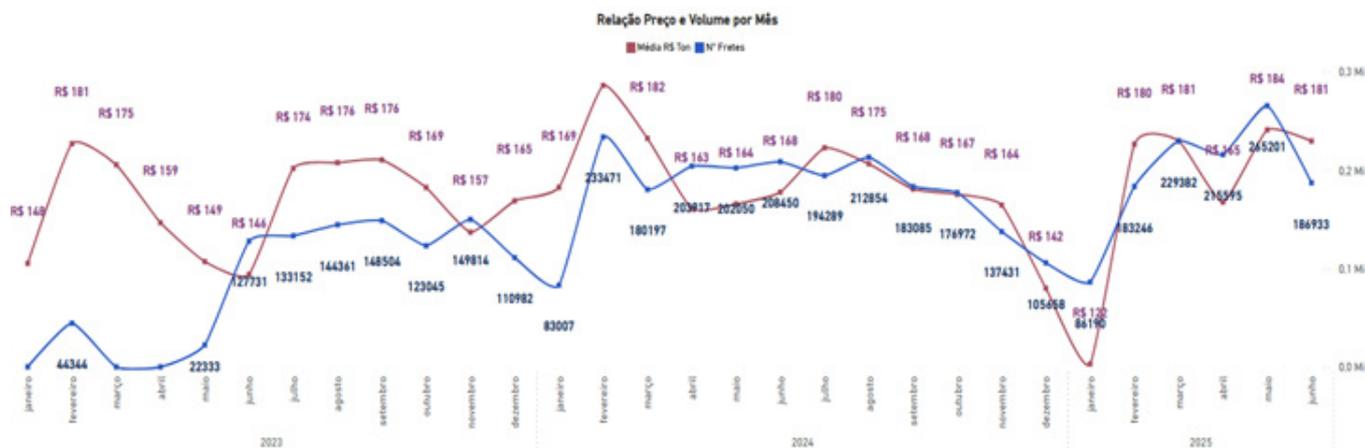
A seguir, observa-se a tendência do valor médio por tonelada (R\$/ton) ao longo dos anos, com elevações notáveis nos períodos correspondentes aos picos de safra dos cultivos analisados:



## Comparativo Semestral de Volume Transportado (CT-es):

A análise do primeiro semestre de 2025, em comparação ao mesmo período de 2024, aponta um aumento de 14% no volume total de transportes, com base na quantidade de Conhecimentos de Transporte Eletrônicos (CT-es) emitidos. Esse crescimento reflete uma intensificação na movimentação logística das commodities soja e milho, indicando maior dinamismo no escoamento da safra, ampliação da demanda ou melhoria na eficiência operacional ao longo da cadeia logística.

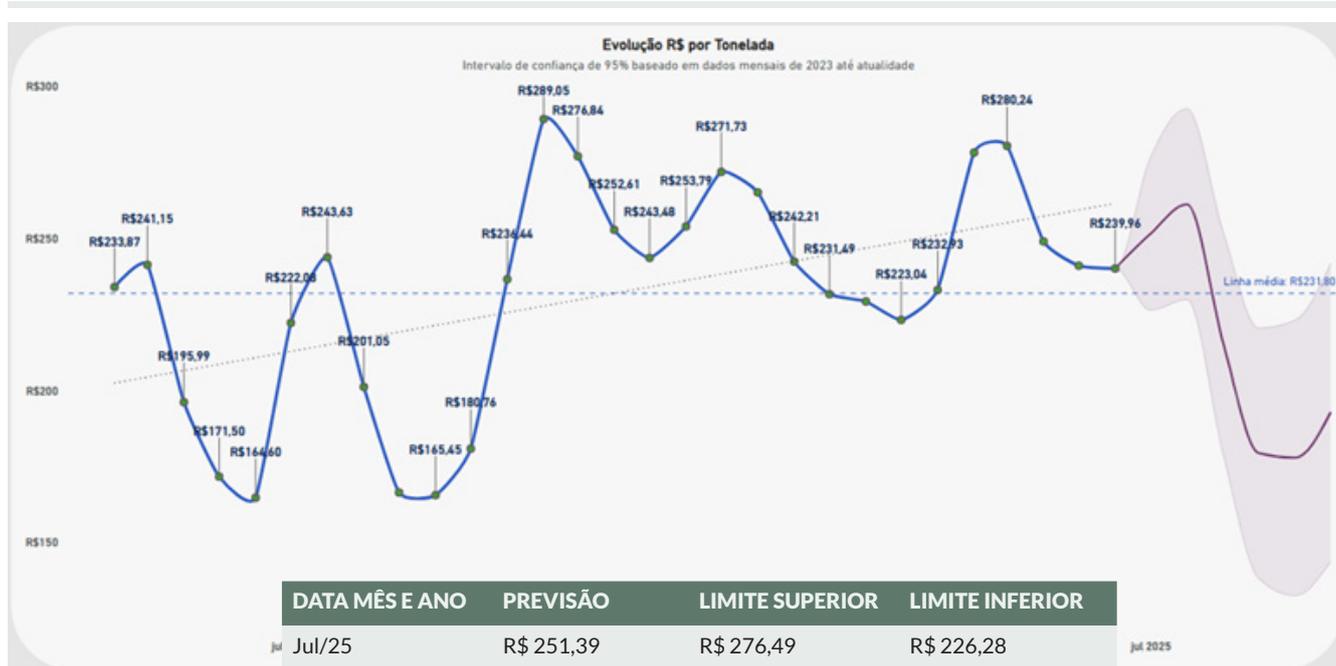
## Relação Preço x Volume de fretes



O ano de 2024 apresenta uma curva suave e previsível, com sazonalidade bem-marcada e relativa estabilidade de preços mesmo em volumes altos, demonstrando maturidade e capacidade da malha logística, já 2025 mostra alta volatilidade no primeiro trimestre, exigindo planejamento logístico mais robusto:

Temos também um mês de Janeiro extremamente fraco, como usual, e forte recuperação nos meses seguintes, com pressão nos custos (R\$184/t em abril). O mês de abril/2025 inclusive se destaca como o ponto de maior convergência entre volume e preço alto, indicando forte demanda com possível limitação de oferta de transporte (cenário típico de pressão tarifária em safra).

### 3.7. PROJEÇÃO DO VALOR DE FRETE PARA 2º SEMESTRE DE 2025



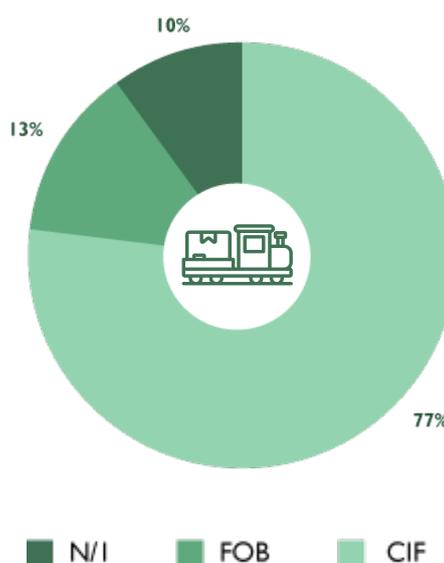
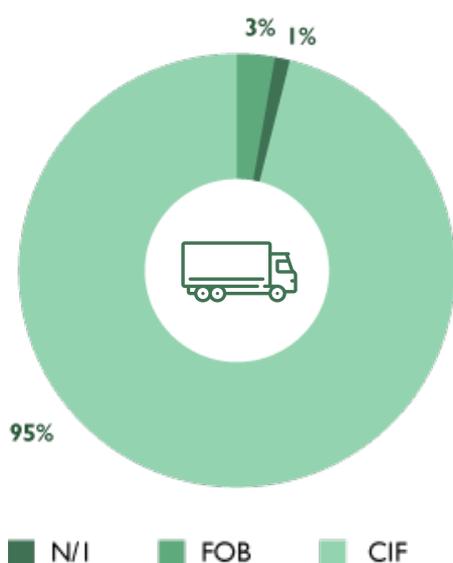
DATA MÊS E ANO	PREVISÃO	LIMITE SUPERIOR	LIMITE INFERIOR
Jul/25	R\$ 251,39	R\$ 276,49	R\$ 226,28
ago/25	R\$ 261,07	R\$ 292,45	R\$ 229,69
set/25	R\$ 215,16	R\$ 251,75	R\$ 178,56
out/25	R\$ 179,21	R\$ 220,36	R\$ 138,05
Nov/25	R\$ 177,70	R\$ 222,96	R\$ 132,44
dez/25	R\$ 192,48	R\$ 241,49	R\$ 143,46
Jan/26	R\$ 247,65	R\$ 300,16	R\$ 195,14
fev/26	R\$ 300,03	R\$ 355,81	R\$ 244,25
Mar/26	R\$ 287,61	R\$ 346,49	R\$ 228,74
abr/26	R\$ 263,28	R\$ 325,10	R\$ 201,47

A projeção indica uma tendência de queda no preço do frete no início do segundo semestre de 2025, atingindo valores mínimos em setembro (R\$ 215,16) e outubro (R\$ 179,21), seguidos de uma recuperação gradual a partir de novembro, que se intensifica no início de 2026, chegando a um pico relevante em fevereiro de 2026 (R\$ 300,03).

Essa trajetória sugere um comportamento sazonal típico do setor de transporte de cargas, possivelmente refletindo o menor volume de movimentações no período pós-colheita, com recuperação próxima ao início do ciclo produtivo seguinte e intensificação das exportações. O intervalo de confiança relativamente largo em alguns meses (por exemplo, novembro e fevereiro) indica que há maior incerteza sobre os preços nesses períodos, o que exige atenção no planejamento de custos logísticos.

Para o agronegócio, essa análise reforça a necessidade de programar embarques nos meses de menor preço, aproveitando a janela de outubro e novembro para reduzir custos médios de frete. Já para transportadoras, o cenário sugere oportunidade de melhor precificação e aproveitamento de capacidade nos meses de pico, em especial no início de 2026, quando a pressão de demanda deve elevar o preço médio acima da linha histórica.

### 3.7. MODAIS DE TRANSPORTE NO AGRO



#### Transporte rodoviário

No transporte rodoviário de grãos no Brasil, o modal CIF (Cost, Insurance and Freight – frete contratado pelo vendedor) é amplamente predominante, representando cerca de 95% das operações logísticas no agronegócio. Esse perfil reflete a prática comum de produtores e traders assumirem os custos e a gestão do transporte até o destino..

#### Transporte ferroviário

No transporte ferroviário de grãos no Brasil, o modal CIF continua sendo o mais utilizado, respondendo por 77% das operações, porém, diferentemente do rodoviário, o modal FOB apresenta uma participação mais relevante, representando cerca de 13% das operações ferroviárias. Esse número reflete a presença de compradores com maior poder de negociação logística, que assumem o frete diretamente a partir do ponto de origem, especialmente em contratos spot ou de exportação direta.

### 3.8 RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS PARA A LOGÍSTICA DO AGRONEGÓCIO

A infraestrutura de exportação do agronegócio brasileiro passa por uma reconfiguração, com o Corredor do Arco Norte consolidando-se como alternativa estratégica aos portos tradicionais do Sul e Sudeste.

O Arco Norte, que reúne portos das regiões Norte e Nordeste, é hoje a rota de maior crescimento no escoamento de grãos. Sua participação nas exportações de soja e milho evoluiu de 14% em 2008 para 34,6% em 2023. Com investimentos já planejados, a capacidade de embarque deve subir de 60 milhões para 100 milhões de toneladas nos próximos anos, o que pode levar a rota a escoar 50% da soja e do milho exportados pelo Brasil até 2030.

O avanço é explicado por fatores estruturais. A menor distância entre as novas fronteiras agrícolas do Centro-Oeste e os portos do Norte reduz custos logísticos e aumenta a atratividade da rota. O Porto do Itaqui é um exemplo emblemático: entre 2020 e 2024, registrou crescimento de 80,3% no volume de grãos exportados. Além disso, o Arco Norte se configura como um ecossistema logístico bidirecional: em 2024, movimentou 9 milhões de toneladas de insumos agrícolas importados (31,4% do total nacional), fortalecendo o conceito de backhaul, que otimiza a frota com o frete de retorno e reduz custos operacionais.

Apesar da ascensão do Arco Norte, os portos tradicionais mantêm papel central. Em 2024, Santos, Paranaguá e os portos do Arco Norte concentraram juntos 81,2% das exportações brasileiras de soja e milho. Cada hub apresenta vocações específicas: Santos é líder absoluto em soja, milho e açúcar (com 24 milhões de toneladas de soja exportadas em 2023); Paranaguá reforça sua relevância em grãos e açúcar; e Itaqui desponta como porta de entrada de fertilizantes e hub em expansão para grãos (apenas entre janeiro e julho de 2025, movimentou 10,7 milhões de toneladas de soja e 2,3 milhões de toneladas de fertilizantes).

O desempenho logístico do Brasil ainda é limitado por entraves estruturais. O déficit de armazenagem — que cobre apenas 60% a 70% da produção de grãos — força o escoamento imediato da safra, sobrecarregando rodovias e portos. Caminhões passam a funcionar como “armazéns móveis”, gerando filas, custos de espera e ineficiência em toda a cadeia. Nos portos, a infraestrutura envelhecida e saturada limita a expansão. Terminais operam no limite da capacidade, com congestionamentos de navios no pico da safra de soja, alongando prazos de carregamento e elevando fretes internacionais.

A causa estrutural é o subinvestimento crônico em infraestrutura, que foi de apenas 2,2% do PIB em 2024 — menos da metade do necessário para atender à demanda futura. As perdas econômicas são expressivas: em março de 2025, por exemplo, o Brasil deixou de exportar 638 mil sacas de café por limitações portuárias, resultando em prejuízo de R\$ 8,9 milhões e perda de receita cambial de R\$ 1,51 bilhão.

O surgimento das transportadoras digitais marca uma nova etapa da logística no agronegócio. Sistemas integrados, automação e análise de dados permitem reduzir custos operacionais em até 20% e tempos de trânsito em 15%. A roteirização inteligente, por exemplo, evita viagens vazias, diminui o consumo de combustível e aumenta a eficiência da frota.

Outro vetor estratégico é a rastreabilidade, cada vez mais demandada por consumidores globais em busca de segurança alimentar e transparência. A tecnologia blockchain oferece um registro imutável e auditável de toda a cadeia produtiva, combatendo fraudes e agregando valor competitivo. Nesse contexto, a logística deixa de ser apenas custo e passa a ser parte da proposta de valor do produto, reforçando atributos de qualidade e sustentabilidade.

<https://abolbrasil.org.br/noticias/noticias-do-setor/arco-norte-deve-escoar-metade-da-soja-em-2030>

Ministério dos Portos e Aeroportos: <https://www.gov.br/portos-e-aeroportos/pt-br/assuntos/noticias/2025/09/do-fertilizante-ao-grao-porto-do-itaqui-conecta-producao-agricola-ao-comercio-global>

CONAB: <https://www.gov.br/conab/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-de-milho-e-soja-pelo-arco-norte-crescem-mais-de-50-com-investimentos-em-infraestrutura-multimodal>



Assim, dado todo este contexto complementar aos dados já apresentados, damos as seguintes recomendações estratégicas:

- **Investimentos e Diversificação de Modais:**
  - » Redirecionar investimentos para projetos multimodais, com maior integração entre rodovias, ferrovias, hidrovias e portos.
  - » Priorizar corredores emergentes como o Arco Norte, acelerando a transição para modais mais eficientes e sustentáveis.
- **Mitigação de Gargalos de Armazenagem:**
  - » Criar políticas públicas que ampliem a capacidade de estocagem nas propriedades rurais, por meio de crédito direcionado e incentivos fiscais.
  - » Reduzir o “estoque sobre rodas”, diminuindo filas em portos e custos de espera.
- **Adoção de Inovação Tecnológica:**
  - » Estimular o uso de plataformas digitais de frete, roteirização inteligente e blockchain.
  - » Fomentar parcerias público-privadas para difusão de soluções de automação e rastreabilidade.
  - » Transformar a logística em fator de diferenciação nos mercados internacionais, comunicando eficiência, qualidade e sustentabilidade.

<sup>21</sup> <https://www.poder360.com.br/poder-infra/gargalos-logisticos-nos-portos-travam-exportacoes-do-agronegocio/>

## 4. ESTUDO DE CASO: A ROTA ESTRATÉGICA DA RONDONÓPOLIS-SANTOS

Esta análise concentra-se na principal rota logística de exportação das commodities soja (NCM 12019000) e milho (NCM 10059010) no Brasil, cobrindo o trajeto com origem em Rondonópolis – MT e destino em Santos – SP

Reconhecida como o corredor estratégico mais relevante para o escoamento da produção agrícola nacional com destino ao mercado externo, essa rota representa o elo entre os maiores polos produtores do Centro-Oeste e o maior porto exportador do país.

A estrutura logística da rota é fortemente ancorada no modal ferroviário, que responde por aproximadamente 98% das operações de transporte, com o modal rodoviário atuando de forma complementar no abastecimento dos terminais ferroviários e no deslocamento inicial da carga nas regiões produtoras.

Como premissa metodológica, foram consideradas apenas operações com cargas iguais ou superiores a 20 toneladas, assegurando uma análise representativa da movimentação de grande porte, característica da logística de grãos em escala industrial.

**650,4 Mil**

Qnt de Operações

**217,5 Mil**

Qnt CTEs Distintas

**R\$31,7 Bi**

Valor Total Carga CTE

**R\$ 4,7 Bi**

Custo Total Fretes

Nossos números revelam um volume expressivo, o que confere robustez e alta confiabilidade estatística à amostra.

A tabela resume indicadores logísticos e financeiros da principal rota de escoamento do agro brasileiro, com foco em milho e soja. A base contempla

UF INICIAL E FINAL	Nº DE FRETES	MÉDIA R\$/TON	MEDIANA R\$/TON	MODA R\$/TON	MÉDIA FRETE	MODA FRETE	% FRETE/ CARGA	MÉDIA VALOR CARGA
MT - SP	217.532	R\$ 233	R\$ 235	R\$ 268	R\$ 21.827,14	R\$ 19.730,43	13,97%	R\$ 156.190,91

### Principais Indicadores:



**Valor Médio por Tonelada (R\$/ton):**

A média ficou em **R\$ 233**, com mediana de R\$ 235 e moda de R\$ 268



**Custo Médio do Frete por Operação:**

A média geral por frete é de **R\$ 21.827,14**, com moda de R\$ 19.730,43. Isso reflete o volume de carga embarcada, reforçando a eficiência do modal predominante (ferroviário) nessa rota.



**Representatividade do Frete sobre o Valor da Carga:**

Em média, o custo logístico representa **13,97%** do valor da carga – um percentual competitivo, mas que merece atenção em momentos de alta de insumos (como diesel).



**Valor Médio da Carga por Operação:**

**R\$ 156.190,91**, o que demonstra que as cargas transportadas são de alto valor agregado, coerente com commodities agrícolas em grandes volumes.

**INFORMAÇÕES PRECISAS  
INSIGHTS VALIOSOS  
DECISÕES ACERTADAS**

[WWW.EMPRESOMETRO.COM.BR](http://WWW.EMPRESOMETRO.COM.BR)

